



CRIME NA FEIRA DO LIVRO

TAILOR DINIZ

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Você pode encontrar mais obras em nosso site: [Epubr.club](https://epubr.club) e baixar livros exclusivos [neste link](#).





CRIME NA FEIRA DO LIVRO

TAILOR DINIZ

 dublinense

capítulo 1

Meia hora depois da solenidade de abertura da Feira do Livro, o detetive Walter Jacquet e seu amigo Joãozinho Macedônio contornavam o pavilhão de autógrafos, sem a menor ideia do que estaria para acontecer minutos depois, quando estivessem atravessando a Avenida Siqueira Campos para comer acarajé na praça de alimentação. Sem querer, se veriam envolvidos num caso que só teria uma solução no último dia da feira, não sem algum estresse e situações de bastante perigo para ambos.

Às costas deles, junto ao cais do porto, algumas autoridades se dispersavam, outras se juntavam ao cortejo que, a seguir, percorreria as alamedas da praça para dar à Feira do Livro o caráter de oficialmente aberta. No outro lado do Guaíba, o sol havia desaparecido, e apenas uma aura de luz pairava sobre a vegetação escura das ilhas. A brisa vinda de lá percorria a superfície da água e apaziguava o espírito daqueles que, momentos antes, estiveram no abafamento do armazém sete, o local da abertura. À saída do cais, junto à Avenida Mauá, onde os carros do fim de sexta-feira passavam desesperados, personagens da literatura davam boas-vindas a quem chegava ou agradeciam a presença daqueles que se afastavam em direção ao sinal fechado da avenida, a caminho da área internacional da feira.

Jacquet falava com o amigo Joãozinho sobre o seu primeiro contato com a Feira do Livro, recém-chegado do interior, no fim da década de 70. Depois de um forte temporal no meio da noite, ele foi esperar um casal de amigos,

redatores da Rádio Guaíba, que trabalhavam até de madrugada. Iam tomar uma canja no restaurante Treviso, no Mercado Público, lugar cativo da boemia porto-alegrense até o fim dos anos 80. Por funcionar as vinte e quatro horas do dia, permitia a quem trabalhava até tarde o cultivo de uma boa conversa ao som de música ao vivo, sem a incomodação de garçons arrastando mesas e empilhando cadeiras na hora de fechar as portas.

O assunto se desviou um pouco, mas o clima da feira, o reencontro com pessoas conhecidas e a presença dos livros na praça eram propícios para a rememoração. E o Treviso passou a ser o assunto dos dois, numa conversa que só seria interrompida minutos adiante, quando o desespero de uma mulher lhes cortasse o caminho com a notícia de um homem assassinado.

O restaurante era também o local onde os artistas que faziam shows em Porto Alegre iam restabelecer as energias e encerrar a noite. Caubi Peixoto, Alcione, Fafá de Belém, Nelson Gonçalves, gente de teatro, de cinema, jornalistas, prostitutas, cafetões circulavam sempre por lá naquele momento sutil em que a noite perde em definitivo o seu ar de inocente criança. Ali, as madrugadas morriam aos poucos, transgressoras, e uma terrina de sopa quente, um filé de linguado com alcaparras e batatas ao bafo, um prato de bolinhos de bacalhau com vinho ou chope bem tirado sempre podiam ser a razão para o começo de uma boa conversa. Jacquet disse que não tivera tempo de conhecer o restaurante a fundo. Mas Joãozinho Macedônio frequentou-o com devoção litúrgica. E passou a lembrar de um episódio curioso, ocorrido após a partida de Jacquet para os Estados Unidos. No fim de uma noite de muitos prazeres, em que ele e uma fiel amiga degustavam um espaguete à carbonara com uma garrafa de carmenère, entrou no restaurante um sujeito estranho. Com um trinta e oito na mão, parou em pé, entre mesas e cadeiras. Fazia frio, e o homem vestia apenas uma camiseta de física, calção Adidas e sapatos mocassim. Do meio do restaurante, olhando fixamente para a parede oposta, gritou, babando pelos cantos da boca: “Se eu não dançar com a Matilda, juro pela alma de minha mãe que não continua esta porra de baile!”.

Deu três tiros para cima. Assoprou o cano da arma e encarou todos os presentes, um a um, o indicador sempre no gatilho. Como se ninguém reagisse, deu mais três tiros na mesma direção e caminhou para a rua.

Durante muito tempo, ficou lá no Treviso, no teto, a marca dos tiros, a prova surreal daquela noite tão absurda. E, por vários anos, até hoje ainda

deve pairar sobre a cabeça de quem lá estava o enigma dos três tiros. Ninguém comentou, ninguém ponderou, apenas o Adilson, garçom que atendia as mesas ímpares, depois de servir uma língua com pirê e ervilhas ao cliente da sete, saiu à rua por alguns segundos. Espichou o olhar em direção ao cais e voltou, em silêncio, como se nada tivesse acontecido.

— A madrugada morreu lenta, como lenta morriam todas as madrugadas no Treviso — continuou Joãozinho, o olhar perdido entre barracas, livros e pessoas circulando em volta, agitadas com o primeiro dia de feira. — E, hoje, me pergunto se essa história dos tiros, do homem de calção Adidas e mocassins aconteceu de verdade. Se não é resquício de algum sonho, fruto de tantas coisas lidas, vistas e imaginadas. Ou se foi um conto que pensei em escrever. E, por nunca tê-lo levado a sério, como uma espécie de vingança, passou a habitar minha imaginação com indícios de um fato real e acontecido. Sei lá, e isso agora é o que menos importa.

Joãozinho e Jacquet caminhavam em silêncio, absortos, despreocupados com o andar das horas. Saltitando e de mãos dadas, Emília, Visconde de Sabugosa e Dona Benta cruzaram na frente deles, sem que os dois percebessem. Aos gritos, saudava-os um grupo de crianças paradas próximas ao Memorial do Rio Grande do Sul. Os personagens iniciaram algumas brincadeiras com as crianças e seguiram adiante para outro ponto da praça.

Jacquet apoiou a mão sobre o ombro do amigo e retomou a conversa:

— Como eu dizia, então, antes dessa tua pequena viagem no tempo, eu e um casal de amigos, passado aquele imenso temporal que atacou a cidade no meio da noite, descemos pela Caldas Júnior e entramos na Sete de Setembro. Ali, nos deparamos com os estragos da chuva e do vento: bancas caídas, livros boiando, pessoas correndo de um lado a outro. Arregaçamos as mangas e fomos ajudar o pessoal a recolher o que ainda podia ser salvo.

Continuaram caminhando pelas alamedas, mãos nos bolsos, como se a feira fosse uma velha ampulheta sem uso, esquecida de marcar o lento e inexorável ritmo do tempo.

Desde que foi embora do Brasil, Jacquet voltou apenas duas vezes. A primeira, um ano após o atentado ao World Trade Center, quando, por acaso, se viu envolvido num caso rumoroso acontecido na cidade. Esse caso, por suas singularidades, tomou proporções internacionais e até virou livro com características de novela policial. Jacquet vivia nos Estados Unidos e aproveitava a estada na capital gaúcha para matar a saudade de um evento do

qual jamais se esquecia. Durante os anos em que viveu em Porto Alegre, havia frequentado a Feira do Livro com assiduidade, visitando-a todas as edições.

Walter Jacquet era natural do Alegrete. Depois de um desgosto amoroso, arrumou as malas e viajou, em princípio a passeio. Mas, uma vez lá, incentivado por amigos conhecedores de seus pendores para a investigação de casos criminais, especializou-se como detetive e acabou ficando.

Falavam, agora, ele e o amigo Macedônio, da vida nos Estados Unidos, da crise mundial, da quebra de grandes empresas, dos neoliberais de pires na mão pedindo dinheiro ao Estado para tapar o rombo promovido pelo Deus-Mercado, da abrupta mudança de perspectivas para os trabalhadores estrangeiros, que não eram poucos, a maioria latino-americanos.

— Mas esse teu lance do nome foi uma sacada e tanto, Waltão — comentou Joãozinho, parando diante de uma caixa de livros usados, referindo-se ao nome profissional adotado por Jacquet para trabalhar em solo americano.

Jacquet também parou diante da caixa de saldos, onde eram dispostas, na horizontal, as lombadas de vários livros. A sacada à qual se referia Joãozinho fora uma providência simples, mas de resultado significativo. Duas alterações no nome, um W em vez do V de Valter e o pomposo Jacquet no lugar do Jaques não conferiram ao detetive gaúcho o status de um Philip Marlowe ou de um Sam Spade, por exemplo, mas lhe garantiram, ao longo de muito trabalho, a estabilidade financeira sempre tão sonhada.

Como na vez anterior, Jacquet hospedava-se, nessa visita ao Brasil, no apartamento de Joãozinho Macedônio, um ex-rebelde filho de estancieiro alegretense, amigo de infância e colega de faculdade de direito na Universidade Federal de Santa Maria. Com ele, depois de formado e nos tempos de deserddado, dividira um JK num dos extremos da eclética Rua Demétrio Ribeiro, na Cidade Baixa. Sobre os hábitos e costumes dessa aprazível morada, onde um roupeiro de duas portas era a única divisória para todas as intimidades, durante anos, pairou o boato de que até a meia-noite tudo ali podia acontecer. Depois da meia-noite, tudo acontecia.

Olharam outras caixas de saldos à procura de alguma boa oferta. Sem encontrar algo especial, seguiram adiante, ao léu, sem rumo definido. Joãozinho disse que a feira crescera muito desde a saída de Jacquet do Brasil, foram-se os tempos dos balaios de bons livros a preços baixos. Agora, tudo

estava padronizado e igual. O livro que era encontrado numa barraca seria sem dúvida encontrado em todas as outras. E os que não fossem encontrados em outra, também não seriam nas demais. A feira era boa mesmo para a vida social, para encontrar os amigos, bater um papo diante do pavilhão de autógrafos, ver escritores conhecidos e degustar alguma coisa exótica na praça de alimentação.

Joãozinho convidou, então, Jacquet para comer acarajé e tapioca com cerveja, e para lá seguiam quando ouviram os gritos de uma mulher.

— Socorro! Atiraram no Adavilson! Acudam, pelo amor de Deus! O assassino fugiu para lá!

A mulher apontou para a rua, para o fluxo de carros que seguiam em direção ao Mercado Público. Depois, estendeu o braço e indicou um vão escuro, na calçada, junto ao antigo prédio da Secretaria da Fazenda. Parte do edifício, em processo de restauração, estava coberta por tapumes de compensado. Na lateral que dava para a área internacional e a praça de alimentação, estendia-se um conjunto de andaimes de madeira, de ponta a ponta. Era ali, embaixo dos andaimes, que estava o corpo do homem morto.

Na esquina, o dono de uma carrocinha de cachorro-quentes também corria para o local indicado pela mulher. Jacquet e Joãozinho apressaram o passo. A mulher vinha assustada, parecia conhecer a vítima, gritava como se falasse ao mesmo tempo com todas as pessoas que ali circulavam. Jacquet e Joãozinho, agora sem a calma de antes, aproximaram-se dela. Os gritos da mulher chamavam a atenção de outras pessoas, mesmo das mais distantes. A curiosidade humana é algo implacável, principalmente quando a desgraça é dos outros. Atrás de um estande destinado ao trabalho de leitura com crianças, sob os andaimes de madeira, Joãozinho e Jacquet puderam ver, estendido na calçada, escorado numa tábua, o corpo de um homem assassinado a tiros.

capítulo 2

O homem morto era conhecido como Adavilson Doceiro. Assim o identificou a mulher que chamava por socorro e atraíra Jacquet e Joãozinho para o local do crime. Não havia dúvida de que estava morto. Tinha os olhos parados e alheios, da boca aberta escorria um filete de sangue. O braço esquerdo ficara dobrado por cima do peito, e havia um livro sob a mão espalmada. Mais um crime de rua para entrar nas estatísticas de violência das grandes cidades brasileiras, comentou Macedônio com o amigo Jacquet. Mais um candidato a ficar insolúvel sob a desculpa de desaparecimento e falta de condições de trabalho da polícia. Não demoraria, a imprensa seria chamada. No dia seguinte, a foto do homem não ocuparia a primeira página. Seria um número a mais na contagem da polícia, a não ser que fosse algum figurão, pessoa importante sobre a qual a opinião pública pudesse exercitar sua morbidez.

De início, à distância, dava para se dizer com segurança que um dos tiros, se é que tivesse sido mais de um, atingiu a frente esquerda do homem. Olhando-o, no entanto, com mais cuidado, de perto e de um outro ângulo, via-se que eram no mínimo dois. Da altura da axila esquerda, também escorria sangue. Fora atingido de lado por alguém que o seguia, um tiro certo no coração enquanto caminhava. O atirador devia ser um profissional. Tiros certos, sem dar chance de pedir socorro à vítima, não são coisa de amador. Morreu na hora.

Jacquet tentou ler o título do livro que o homem carregava, mas não conseguiu. O lugar era estreito, algumas pessoas se interpunham entre ele e o corpo, impedindo-o de avançar. De onde estava, podia ver apenas que era um livro em formato 14 por 21centímetros, capa marrom-clara, pouco mais de cem páginas, se tanto.

— Tu consegues ver a capa do livro? — perguntou Jacquet ao amigo.

— Não! — respondeu Joãozinho, também espichando o pescoço.

— Seria importante — comentou o detetive, enquanto tentava se desvencilhar da multidão que o pressionava por todos os lados, quase o fazendo cair.

Mesmo que a mulher tivesse parado de gritar por socorro, o contingente de curiosos próximos ao corpo aumentava minuto a minuto. E haveria de aumentar ainda mais com o passar do tempo e a disseminação da notícia na praça.

Alguns personagens da literatura brasileira, vestidos assim para divulgar a feira e divertir os presentes, abandonavam as atividades para se aproximar do homem morto. Entre eles, percebiam-se outras figuras que, embora nada tivessem a ver com algum personagem literário específico, um arlequim e uma colombina, também circulavam pelo ambiente. Entre pessoas comuns, uns de terno e gravata, outros vestidos com simplicidade, tais personagens acrescentavam à cena as cores e o tom de uma peça de teatro ao ar livre ou de um filme sendo rodado, de uma cena em plano-sequência.

A mulher que gritou por socorro conhecia a vítima. Enquanto corria de um lado a outro, desesperada, contava que o assassino, de luvas e touca ninja, fugira de moto para os lados do Mercado Público. Nada de estranho, um tipo de crime comum nas grandes cidades. O bandido vem de moto, assalta e, se necessário, mata a vítima antes de fugir.

Assustadas, as pessoas cochichavam umas com as outras. Uma senhora de calça jeans, tênis e camisa branca ajoelhou-se ao lado do corpo e, os pulsos cruzados sobre o peito, fez uma oração. Fechou os olhos do homem, ficou mais um pouco, concentrada, como se conversasse com alguém, e se levantou, a expressão de quem tinha cumprido com algum dever extraordinário e inerente à sua existência temporária neste plano terreno. Ainda se via disso, comentou um homem com um rapaz ao seu lado. Uma pessoa se preocupava com as coisas do outro mundo, com a alma de um homem morto estendido na calçada. “Coisa de louco”, murmurou o rapaz.

Em questão de mais alguns minutos, ouviu-se o alarme de uma sirene se aproximar, vinda da Usina do Gasômetro. Todas as cabeças se viraram para ver o que era. A multidão foi se abrindo para o carro estacionar sobre a calçada.

— Isto aqui parece literatura! — gritou um gaiato ao ver um carro da polícia estacionar na entrada da ala internacional da feira. — A polícia chegando em cima da hora!

E o que todos viram, tão logo silenciou a sirene, foi uma jovem de tailleur salmão, salto agulha e uma bolsa Louis Vuitton pendurada no braço abrir a porta da viatura e descer. Com autoridade, mandou que todos abrissem caminho para ela e seus auxiliares passarem. Aproximou-se do corpo e olhou em volta, para os curiosos, para o prédio ao lado, para os andaimes de madeira sobre sua cabeça. Era a delegada Florença Flores, da primeira DP, que chegava ao local para as providências de praxe.

Sobre ela, algumas horas depois, já em casa, sentado numa poltrona da sua biblioteca e tomando um digestivo, Joãozinho Macedônio desenvolveria uma tese para arrancar boas gargalhadas do detetive Walter Jacquet:

— Uma experiência espontânea da mãe natureza, Waltão. Ao invés de apanhar o que de mais belo há entre Gisele Bündchen e Ana Hickman, pegou o que elas, por hipótese, teriam de menos atraente. E o que saiu, com as sobras das duas, foi a delegada Florença Flores. Algo sob certos aspectos até mais impressionante que as duas modelos juntas.

Jacquet ria com gosto. Joãozinho tinha razão, era um tipo e tanto, impressionante mesmo, sob todos os ângulos, em especial a desenvoltura para manter a elegância em circunstância tão adversa: um estreito e escuro beco de calçada onde jazia o cadáver de um homem recém-morto, cercado por uma multidão de curiosos, com cada um, à sua maneira, empenhado em atrapalhar mais que o outro.

— Precisamos encontrar um jeito de ajudá-la nas investigações — brincou Jacquet, estendendo a mão sobre a mesa de centro para apanhar a garrafa de Napoléon e reforçar seu cálice.

— Sinto muito te desapontar, meu caro — observou Joãozinho, tomando um gole. — Mas ela não faz o tipo de quem aceita ajuda de estranhos.

Os dois riram. Joãozinho apanhou uma caixa de Cohibas da estante e abriu-a muito próximo do nariz. Aspirou o ar com prazer, tirou um para si e passou a caixa a Jacquet. Tomou mais um gole e acariciou o charuto diante

dos olhos; depois, apalpou-o com delicadeza junto à orelha para melhor ouvir o som seco e quebradiço das folhas de fumo.

— Agora, falando sério, Waltão — virou-se para o amigo —, o que te parece esse crime? Passional, queima de arquivo, acerto de contas, tentativa de assalto...?

— Sem querer me meter no trabalho da tua nova musa — disse Jacquet, rindo, enquanto apanhava o fósforo que lhe alcançava Joãozinho —, sem querer me meter, mas me metendo, considero esse um detalhe considerável: a mulher que testemunhou o crime afirmou à delegada que o livro encontrado entre as mãos do morto era outro... e não aquele que ela havia visto antes dele ser assassinado. Ela tinha certeza absoluta.

— A mulher disse isso, é? — interrompeu Joãozinho, ainda empenhado em ouvir o som das folhas secas de fumo junto ao ouvido.

— Sim. Não prestaste atenção? Estavas mais preocupado em olhar para a delegada... claro.

— Disso não tenho dúvidas — concordou Joãozinho. — E não me arrependo nem um pouco dessa insignificante indiscrição...

Após as primeiras providências, a delegada havia atendido o telefone três vezes. Enquanto ouvia, empenhava-se em fazer os curiosos respeitarem o cordão de isolamento estendido em volta do corpo. Depois, interpelou a testemunha do crime. Ela já havia tentado dizer algo, mas a delegada, muito ocupada em tomar providências e dar ordens, lhe pedira um tempo. Em seguida, poderia ouvi-la com mais calma. A mulher, no entanto, se mantinha muito próxima de tudo, dentro do cordão de isolamento determinado pela polícia.

Enquanto outros policiais marcavam a posição do corpo com giz e tiravam fotos, Florença Flores chamou a testemunha para um lado, junto à penumbra de um estande encostado à calçada onde estava o corpo, tentativa, talvez, de evitar que os curiosos ouvissem a conversa. Mas a mulher, muito nervosa, parecia não ter a mesma preocupação. Falava em voz alta, quase aos gritos. Fazia sucessivos gestos e apontava para vários lados com a intenção de reproduzir o movimento do assassino antes e depois do crime. Chorou um pouco. Nunca passara por situação semelhante, de presenciar uma pessoa ser assassinada tão perto dela, sem poder fazer nada.

Conhecia Adavilson. Não o acompanhava no momento do crime. Por acaso, o vira chegando à feira naquela tarde. Quando pensou em se aproximar

para falar com ele, tudo aconteceu, de forma muito rápida. Não teve tempo para nada. Adavilson ainda acenou para ela. Foi nesse instante, aliás, que ela pôde ver o livro carregado por ele na mão direita. Num primeiro momento, não tomou ciência do que acontecia. Só quando viu Adavilson levar a mão na altura do peito e, depois, cair com um impacto na cabeça, já ensanguentado, é que se deu conta do crime e começou a gritar.

Em voz baixa, procurando ser discreta, a delegada perguntou alguma coisa, e a mulher voltou a falar, quase gritando, ainda nervosa. Apontou para o corpo e para o livro, entre a mão esquerda do morto e o corpo: um exemplar de *Passarinhos, as confissões eróticas de Anaïs Nin*.

— Não era esse o livro que ele carregava. Tenho certeza, era outro. Era mais grosso, a capa tinha outra cor. Pude ver porque ele, ao me reconhecer, acenou para mim com a mão que segurava o livro.

A delegada agradeceu. Pediu que um dos policiais anotasse os dados da testemunha para colher dela, depois, um depoimento formal. O celular da delegada voltou a tocar. Ela atendeu, falava em voz baixa, gesticulou um pouco. Desligou quando chegava ao local, acossado pelo trânsito pesado do início de noite, um rabeção do IML.

— Será que o assassino deixou aquele livro da Anaïs Nin na mão do morto como mensagem de alguma coisa? — indagou Joãozinho Macedônio, acompanhando a fumaça do Cohiba subir sobre sua cabeça e, com a mesma lentidão, se desfazer muito próxima do teto. — Tenho esse livro aqui na biblioteca, vou até dar uma olhada, depois, para ver se decifro alguma coisa.

Jacquet riu:

— Vais brincar de detetive...? Pois te digo que, no mínimo, é um bom exercício para o cérebro.

— Me parece que tem um ingrediente passional aí, Waltão. *Passarinhos, as confissões eróticas de Anaïs Nin*...

— Pode ser — respondeu Jacquet. — A literatura criminal é farta de casos nos quais o assassino, por questões diversas, políticas, sociais, psicológicas, sempre tenta deixar algum tipo de marca própria, um símbolo, na cena do crime, como forma de reivindicar a autoria de sua obra — Jacquet procurou a janela com os olhos, as luzes dos edifícios flutuavam ao longe; depois, virou-se outra vez para o amigo. — Mas não te esqueças de um ditado lá da fronteira...

— Hum...?

— O quero-quero nunca canta perto do ninho.

— Sim, mas e daí?

— Pode ser o contrário. A questão relevante talvez esteja é no outro livro, aquele que ele carregava na mão e sumiu sem mais nem menos, talvez retirado das mãos da vítima pelo seu próprio algoz.

— É, tem sentido, tem sentido — concordou Joãozinho, soltando pela boca uma branca e espessa baforada de fumaça.

capítulo 3

Joãozinho Macedônio e seu hóspede, o detetive Walter Jacquet, sentaram-se à mesa para o desjejum. Os jornais do dia, dos quais o dono da casa não abria mão à primeira hora da manhã, estavam empilhados num aparador, junto ao lugar onde ele sentava-se. Um aroma de café recém-passado pairava no ambiente e proporcionava a Jacquet uma espécie de reencontro com a infância, depois de tantos anos vivendo nos Estados Unidos. Era disso que sentia saudade, de coisas simples que ficaram para trás e com as quais era cada vez mais difícil retomar o contato. Mas nem por isso arriscaria a se queixar da vida. Estava satisfeito com a profissão, com os progressos da humanidade e o conforto ao qual tinha direito nos dias atuais. Era por esses detalhes de aparência insignificante para muitos – o cheiro de pão quente e o aroma de café recém-coado – que a viagem ao Brasil já estava valendo a pena.

Eram postas à mesa iguarias com as quais havia anos Jacquet se desacostumara: pão feito em casa, feijão mexido com toucinho, cebolinha verde, alho e farinha, panquecas de queijo e goiabada, mel puro, morcelas assadas ou frias, queijo de porco, salame caseiro, linguiça cozida e orelha de burro, uma espécie de massa de panqueca, porém mais líquida, feita com leite, farinha de trigo, ovo e manteiga – uma mistura que, ao ser adicionada ao calor da gordura na frigideira, ondula-se ao centro e adquire, nas beiradas, uma forma rendada e crocante.

O ex-rebelde Joãozinho Macedônio, amigo de infância de Jacquet, colega do secundário no Alegrete, de faculdade em Santa Maria e de JK na Cidade Baixa, morava, agora, numa cobertura da família, no Edifício Esplanada, divisa dos bairros Independência com Moinhos de Vento. O dia estava claro, ensolarado, e, nos edifícios vizinhos, dependendo do ângulo pelo qual se olhasse, podia-se ver refletido nos vidros o tom violáceo das flores de Jacarandá que enfeitavam as ruas do bairro desde o início da primavera.

Da varanda norte do apartamento, via-se, logo abaixo, boa parte do bairro Floresta, as ilhas do Rio Guaíba e a ponte móvel, à direita, sobre a qual, volta e meia, um avião flutuava em direção ao aeroporto Salgado Filho. O que poderia querer mais em meio a um paraíso desses?, comentou Jacquet. No aparelho de som, tocava, já pela terceira vez, um CD de Madeleine Peyroux, um sucesso do momento nos Estados Unidos, que ele trouxera de presente para o amigo. Tocava *La javanaise*, e Joãozinho comentou que, quando ela cantava em inglês, parecia-se com Billie Holiday; já em francês, lembrava Françoise Hardy, uma de suas musas de juventude, que, nas décadas de 60 e 70, muitas complicações lhe custou entre os fundamentalistas do gauchismo. *La question* foi o grande sucesso na época, tema da novela *Selva de pedra*. Não foram poucas as vezes em que Macedônio chorou ao ouvi-la, enquanto, com o rosto fincado no travesseiro de penas, remoía o caráter intangível de algum de seus tantos amores incompreendidos.

Walter Jacquet comia com parcimônia. Queria prolongar até onde fosse possível o prazer daquela boa mesa e da atmosfera agradável proporcionada pelo amigo em seu apartamento de vista panorâmica para a cidade e suas belezas.

Servia-os Inácia, a antiga governanta da família que, segundo Macedônio, fora “herdada” como parte do acordo firmado com os irmãos, depois da morte do pai, um estancieiro de muitas posses na fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Além de comida e roupa lavada, os irmãos se comprometeram a dar a ele uma boa mesada, todos os meses, desde que, a partir dali, só se dedicasse às artes e à cultura, sem se meter em qualquer tipo de negócio capaz de macular a imagem da família no Alegrete. Joãozinho topou, e vivia ali, entre cinemas e vernissages, entre cafês com mesas na calçada da Padre Chagas e casas noturnas da Farrapos, entre uma ida e outra a Paris para se inteirar das novidades culturais do Velho Mundo.

Inácia ia e voltava da cozinha, cuidando para que tudo estivesse em ordem e nada faltasse à mesa, em especial ao doutor Walter. Assim ela o chamava, embora o conhecesse desde criança, no Alegrete, quando Jacquet ficava mais na estância da família Macedônio, na companhia do amigo, do que em sua própria casa. Jacquet não economizava elogios sempre que se encontrava diante das iguarias por ela preparadas. Inácia, por sua vez, não escondia a gratidão. Jacquet consumia com volúpia todo e qualquer prato que ela lhe pusesse diante dos olhos – para ela, o melhor e mais compensador dos elogios.

— Esta orelha de burro está formidável, Inácia — comentou Jacquet, mastigando com gosto. — Tu acertaste na mosca, fazia séculos que eu não comia.

Inácia ria, alegre:

— E eu não sei, doutor Walter? Séculos eu não digo, mas, da outra vez que o senhor andou aqui, comeu orelha de burro que nem um condenado. Mas é tão fácil de fazer...

— Eu sei, até já fiz uma vez, mas a gente acaba esquecendo. E a comida feita pelos outros é sempre melhor e mais gostosa.

— E, hoje, ainda vou fazer uma ambrosia — revelou Inácia, faceira.

— Meu Deus! Assim, vou sair daqui com excesso de bagagem.

— O senhor só não vá fazer como o Carlito Bizzorro, que dormiu aqui uma noite pra consultar um desses médicos que encurtam estômago. Antes de dormir, fiz uma panelada de ambrosia pra deixar pronta, pro dia seguinte. O Carlito, que viu eu fazer com o olho espichado pra cozinha, não se aguentou até o outro dia. De madrugada, caiu da cama e devorou a panela inteira — Inácia falava e ria, balançando os seios. — O pior é que, decerto pra não fazer barulho na gaveta dos talheres, achou de jeito o calçador de sapatos do doutor Joãozinho, que ele tinha esquecido em cima do sofá, e usou pra comer e raspar a panela. Precisava ver a cara dele no café da manhã. Parecia cachorro que lambeu banha. Mas não deixou de mandar pra dentro tudo que tinha na mesa. Melhor foi o grito do doutor Joãozinho quando pegou o calçador todo grudento! E o cretino do Carlito Bizzorro na dele, como se a panela de doce tivesse sido surrupiada pela alma maligna do Lula ou do Bin Laden...

Depois do desjejum, Jacquet e Joãozinho foram para a biblioteca terminar de ler os jornais. Inácia empenhava-se em retirar a mesa. O assunto ainda era

a morte de Adavilson Doceiro no dia da abertura da Feira do Livro. Muito conhecido no meio livreiro de Porto Alegre, Adavilson vivia de garimpar livros raros em todo e qualquer lugar onde fosse possível encontrá-los.

Ainda em meio ao burburinho dos acontecimentos, a delegada Florença Flores, que presidiria o inquérito, falou à imprensa. Nada podia ser descartado sobre os motivos do crime, mas tudo indicava tratar-se de latrocínio, roubo seguido de morte. Todos os pertences da vítima haviam sido levados.

— O que tu achas, Waltão? — perguntou Joãozinho, espichando-se na poltrona.

— Lamento, mas vou contrariar a tua nova musa — respondeu o detetive, um jornal aberto sobre os joelhos. — Tudo pode ser, menos latrocínio...

— Mas o que te faz afirmar isso com tanta segurança, Waltão?

— Faro.

Joãozinho riu, desdenhoso.

— Dar palpites de fora é fácil...

— E quem disse que estou dando palpite de fora?

Joãozinho pensou um pouco; depois, continuou, como se não entendesse o que o outro queria dizer.

— Mas os pertences da vítima foram levados. Todos. Pelo que disse a delegada, limpavam os bolsos do sujeito.

— Isso não quer dizer muito. Talvez os pertences, dinheiro, documentos, celular, etc., tenham sido levados de propósito para despistar a polícia, para que todos pensem a mesma coisa.

— Tu imaginas a coisa sempre pelo avesso, Waltão.

— A lógica muita vezes tem que seguir o caminho daquilo que não tem lógica.

— Eu jamais me daria bem nessa tua profissão, de ficar buscando chifre em cabeça de cavalo.

Joãozinho folheou o jornal e continuou a leitura, fixado, agora, em outra notícia, sobre a queda das bolsas de valores por causa da crise econômica iniciada nos Estados Unidos. Estava preocupado, torcia para que o problema não atingisse o setor primário e os negócios da família no Alegrete. Se o caldo viesse mesmo a engrossar, teria que matar a crise no peito. Não teria como pedir socorro ao Estado, criatura tida pelos liberais como abominável em tempos de fartura, mas pai bondoso, de regaço largo, na hora de tapar o

rombo provocado pelos caprichos do Deus-Mercado. O melhor, então, era torcer para que tudo passasse, que fosse apenas um susto e nada mais. Walter Jacquet riu diante da preocupação do amigo e aconselhou-o a economizar, a partir daquele momento, duas doses de uísque por dia. Assim, teria uma boa reserva para enfrentar os tempos de vacas magras que, com certeza, viriam pela frente.

capítulo 4

Os fatos evoluíam, e quanto mais discutia o assunto com o amigo Joãozinho Macedônio, mais o detetive Jacquet se mostrava interessado no assassinato de Adavilson Doceiro. Começando pelo apelido: por que Doceiro se sua especialidade era o garimpo de livros raros? Avaliava o assunto como se, de alguma forma, tivesse uma relação direta com ele, por interesse particular ou profissional.

Havia, no caso, um ingrediente singular que Walter Jacquet fazia questão de lembrar entre um raciocínio e outro em busca de pistas para desvendar o caso: por um triz, não fora testemunha ocular do crime, ocorrido a poucos metros de onde ele estava. Parecia que o destino, no qual ele não acreditava, havia lhe jogado o caso no colo, dizendo toma que o filho é teu, exigindo dele um envolvimento maior do que o de um simples espectador.

As reportagens divulgadas na imprensa eram pouco esclarecedoras e aborreciam o detetive. Sua vontade era sair a campo, procurar a ponta do novelo e puxá-lo para ver aonde ia chegar. Os jornais ficavam na versão oficial, na superfície, no raso, em cima do que dizia a polícia. Trabalhavam com raciocínios sempre óbvios e de quem não tinha interesse nem prazer em ir adiante. Esse era o problema da imprensa, não apenas na seção policial. No âmbito geral, faltava coragem para avançar por um caminho próprio e independente. Poucos procuravam dar um passo além da versão oficial dos fatos.

Aquela história de latrocínio, por exemplo, a Jacquet parecia inconsistente, fruto de quem não estava interessado em se deter e ir adiante nas investigações. E a imprensa, por sua vez, botava a bunda na cadeira e ficava na dela, sem a menor vontade de levantar a ponta do tapete para ver o que havia embaixo. Quando um jornalista perde a virtude de ser curioso, é porque as coisas vão mal, muito mal. Nisso, Joãozinho concordava com Jacquet. Chegou-se a um tempo no qual não era necessário abrir mais que um jornal por dia para saber o que havia nos outros todos. O que tinha num, tinha no outro, com a mesma abordagem e o mesmo texto. Eram raros os que apresentavam algo diferente. Tudo parecia muito velho. Se alguém, um dia antes, tivesse navegado uma meia hora na internet, a sensação de desatualização seria ainda mais evidente.

— Um ladrão que quisesse roubar alguém não se arriscaria ali, em meio ao movimento da feira, mesmo de luvas e máscara ninja, exposto a todo tipo de obstáculo que um lugar cheio de gente pode representar — argumentou Jacquet, demonstrando, nos gestos e na expressão do rosto, visível contrariedade com os fatos.

— A não ser que o tal Adavilson estivesse saindo de um banco — rebateu Joãozinho, a expressão de quem acabava de abrir uma janela de luz num quarto escuro. — E carregasse com ele uma grande quantidade de dinheiro. Não sei se tu sabes — continuou, encarando Jacquet —, mas, às vezes, o próprio funcionário do banco tem esquema com os bandidos. Aqui em Porto Alegre mesmo, ocorreu um caso de assassinato, descoberto pela polícia. O caixa avisou os bandidos sobre um grande saque. Eles esperaram o cliente sair do banco, lhe deram um tiro na cabeça e levaram o dinheiro.

— Mas, neste nosso caso, os bancos estavam fechados na hora do crime — interrompeu Jacquet. — Passava de oito da noite. O sujeito não ia andar ali, dando bandeira, com uma mala de dinheiro na mão. Temos que raciocinar com um mínimo de lógica...

— Tudo bem, Waltão — assentiu Joãozinho. — Mas, na tua opinião, se não é nada disso, o que pode ter acontecido? Chuta alguma coisa, pelo menos.

Os dois estavam sentados na biblioteca, bebericando cada um o seu scotch, de frente para a paisagem estendida ao longo do Guaíba e suas ilhas. Um sol oblíquo de fim de tarde banhava os edifícios apenas em um lado, num contraste de luz e sombras propício para a foto de um cartão-postal. O

clima ameno, com um pouco de vento, tornava desnecessário o uso de ar-condicionado. Pelas janelas abertas, entrava a brisa da tarde, carregada de cheiros de primavera. No aparelho de som, Nei Lisboa cantava *Telhados de Paris*.

Joãozinho Macedônio levantou-se da poltrona e foi até uma das estantes da biblioteca procurar um livro. Jacquet o acompanhou com os olhos, ainda sem responder à pergunta que lhe fora feita. Depois, falou, sem muita convicção.

— Nisso, tu tens razão. De forma muito clara, não tenho uma ideia sobre o que pode ter acontecido, quem matou ou deixou de matar. Mas já tenho cá minhas convicções sobre o que não aconteceu. Se fosse investigar o caso, seguiria um caminho diferente e apostaria todas as minhas fichas nesse caminho.

Joãozinho voltava a sentar-se com um livro na mão. Jacquet continuou:

— Uma certeza eu tenho: tudo menos latrocínio. Pode escrever aí no teu caderninho e me cobrar depois.

— Mas a delegada Florença Flores não me parece ser capaz de dar um passo em falso, assim, na maior, Waltão. Não ia cometer um erro tão primário. Fiquei com uma boa imagem dela...

Jacquet riu, irônico:

— Sobre isso, não tenho a menor dúvida...Vais defendê-la até a morte do último moicano!

— Para, Waltão! Isso é outra coisa — advertiu Joãozinho, folheando o livro que acabava de apanhar da estante.

— Às vezes, a tendência da polícia é ir pelo caminho mais fácil — continuou o detetive. — Na fila de espera das delegacias, há sempre tanta coisa complicada para ser resolvida que, em alguns casos, não vale a pena se aprofundar muito. Quando é um caso que não tem por trás uma grande pressão da opinião pública, quando não é um caso de grande repercussão, que envolva personalidades públicas ou muito dinheiro, o mais cômodo para a polícia é resolver a questão do jeito mais fácil. Sem muita incomodação.

Jacquet pegou o jornal de cima da escrivaninha e mostrou-o a Joãozinho. Lembrou que Adavilson Doceiro era um sujeito sozinho no mundo, não tinha família, nenhum amigo, nada. A imprensa até havia encontrado dificuldades para colher informações sobre sua vida. No prédio onde morava,

passava como um desconhecido. Ninguém sabia quem era, o que fazia, apenas que vivia só, e nunca tinha sido visto acompanhado. Era bom dia, boa tarde, boa noite e mais nada. Uma pessoa discreta, não fazia barulho, não perturbava quem quer que fosse, também não reclamava de nada. Num caso envolvendo uma pessoa com esse perfil, sem ninguém para reclamar o corpo, sem pressão de qualquer ordem, as autoridades policiais baixam um pouco a guarda.

Joãozinho Macedônio teve que concordar com Jacquet. E passou a relatar um fato ocorrido em Porto Alegre, meses antes. Uma aposentada que morava sozinha apareceu morta, na cama, com uma caneca de leite numa mão e um pedaço de pão na outra. A polícia decidiu, de forma sumária, que ela tinha morrido de infarto. E ia ficando tudo por isso mesmo, não fossem umas amigas da vítima. Elas foram atrás, fizeram investigações por conta própria, divulgaram o fato na imprensa, pressionaram a polícia e, no fim das contas, a aposentada, dona de uma boa poupança no banco e de uns apartamentos na cidade, tinha sido assassinada.

— O assassino teve tempo de apagar provas e ainda não foi descoberto, até onde sei — acrescentou Macedônio. — Mas, pelo menos, a polícia foi desmoralizada...

— Pois é... Neste caso do Adavilson Doceiro, um detalhe está me intrigando. É sobre o tal livro encontrado em suas mãos, que a delegada Florença parece não ter considerado — continuou Jacquet. — Pelo menos, não há qualquer referência a isso nas matérias que li na imprensa.

— Pois era nisso que eu estava pensando — interrompeu Joãozinho, mostrando a Jacquet o livro que tinha na mão. — Será que tem um código aqui? O pouco que se sabe é que o Adavilson trabalhava com livros raros, conseguia-os e repassava-os para livreiros e bibliófilos.

Jacquet tomou um gole de uísque, reforçou a dose e colocou mais gelo no copo. Reiterou que a questão podia estar no outro livro, naquele que teria sido substituído pelo assassino.

— É, mas tem um detalhe que não dá para esquecer, na minha opinião — falou Joãozinho. — Aquela mulher que testemunhou o crime parecia transtornada, Waltão. Ninguém falou mais nela depois.

— Pois isso é o que me preocupa.

— Ela parecia muito biruta, Waltão. Cá entre nós...

— Pois saiba, meu amigo, que os birutas e seus pensamentos tortos, suas reações pouco óbvias, são as criaturas mais úteis numa hora dessas.

Joãozinho tomou um curto gole de scotch. Seu olhar atravessava a janela e se perdia junto ao verde das ilhas, como se quisesse ir fundo naquela afirmação do amigo sobre a importância dos birutas na investigação de um crime. Ainda ao longe, da esquerda para direita, um avião aproximava-se da cidade, quase flutuando entre duas nuvens brancas e banhadas de sol. Na superfície do rio, uma chata carregada de areia, puxada por um carregador, avançava em direção à ponte móvel. Nesse momento, a trazê-lo de volta ao ambiente, entrou Inácia na biblioteca, com um radinho na mão:

— A polícia acaba de prender o assassino do Adavilson Doceiro — revelou ela, excitada. — Um meliante com vários antecedentes. Deu aqui no rádio — Inácia ergueu o radinho de pilhas diante de Jacquet e Macedônio, como se carregasse um troféu recém-recebido das mãos de uma ilustre autoridade. — Até já confessou o crime. Um tal de Zé Moringa, que foi preso lá mesmo, na Feira do Livro.

Jacquet tomou outro gole. Mexeu o gelo do copo com o dedo médio. Joãozinho riu ao ouvir a notícia trazida por Inácia. Algumas folhas de ofício postas sobre a escrivaninha da biblioteca foram jogadas para o lado por uma breve rajada de vento que entrou pela janela aberta.

— Disseram no rádio — continuou Inácia — que esse tal Zé Moringa andava lá pela feira, armado, com intenção de matar outra pessoa. Um escritor, não me lembro do nome...

— Queria matar um escritor? — perguntou Joãozinho, largando na guarda da poltrona o exemplar de *Passarinhos, confissões eróticas de Anais Nin* que ele havia retirado da estante minutos antes. — Quanto a isso, ele não ia ter muitas dificuldades. Temos muitos andando por aí, pelas esquinas da cidade.

— Conforme deu aqui no rádio — continuou a empregada —, o tal Zé Moringa queria matar um escritor por se sentir enganado.

Walter Jacquet e Joãozinho Macedônio se entreolharam, intrigados. Talvez houvesse alguma confusão de Inácia ao ouvir a notícia.

— O cara queria matar o escritor porque se sentiu enganado? — perguntou Joãozinho, rindo. — Não seria um vendedor, Inácia? Um vendedor de carros usados, por exemplo? Escritor que engana eu não conheço, Waltão! E tu?

Jacquet achou engraçado, mas continuou olhando para Inácia à espera de outras informações.

— A delegada até já deu uma entrevista...

Na opinião de Joãozinho, se o sujeito tinha confessado, não havia mais o que discutir. Jacquet parecia não estar convencido. O rádio de Inácia começava a tocar uma música sertaneja. Ela pediu licença e saiu, a passos lentos, arrastando os chinelos.

Jacquet fez um gesto de negativo com a cabeça, contrariado com a informação trazida pela empregada.

— Tem batata nessa chaleira, big friend!

Tirou o celular do bolso e, sob o olhar curioso do amigo, fez uma revelação: no dia do assassinato, havia tirado algumas fotos da cena do crime. Algo estranho lhe chamara a atenção. Vinha se segurando até ali para não se envolver no caso. Afinal, viera ao Brasil para descansar, rever amigos, visitar a cidade. Mas agora, com a tal confissão, tudo parecendo muito armado e artificial, não tinha como se abster de um trabalho extra, mesmo que por conta própria e sem qualquer tipo de honorário, apenas pelo prazer de colocar o raciocínio em funcionamento e desatar as tramas de um crime que parecia estar escondendo algo mais grave.

capítulo 5

O detetive Walter Jacquet aproveitou o dia para visitar a Feira do Livro, rever o Centro, prédios e locais por ele frequentados antes de se mudar para os Estados Unidos. Andou pelo Mercado Público, respirou fundo, sentiu a mistura de produtos frescos e defumados, de erva-mate e bacalhau, de frutas, cereais e carne-seca. A parte interna do prédio havia sido remodelada, embora as lojas e alguns restaurantes mantivessem suas tradicionais características, tanto estéticas quanto culinárias.

Na Rua da Praia, para onde seguiu depois de comer uma salada de frutas com nata numa banca do mercado, viu que muitos estabelecimentos comerciais não existiam mais. Havia outros em seus lugares, mas nada tinham a ver com os originais. Observou a ausência dos cinemas de rua, da Sloper, loja de utilitários domésticos, roupas e acessórios em couro, da lancheria Praiana, onde, muitas vezes, lhe servira de almoço ou jantar um imenso pastel, frito diante dos olhos do freguês, quase junto à calçada, que trazia dentro meio ovo cozido como apelo fatal, e do Rib's, na esquina da Ladeira com a Rua da Praia, um dos primeiros locais da cidade a servir café expresso com chantili, numa cafeteira ao fundo do restaurante.

Sua intenção era ir a um lugar que servisse à la minuta, mas os bifês se sucediam, de um lado a outro da rua. Quando já começava a se conformar, avistou uma placa escrita a giz pendurada à porta de um restaurante, quase no fim da Rua da Praia. Entrou disposto a encarar o que fosse preciso para saciar

a fome e a expectativa. Conforme indicava a placa, ali se servia à la minuta. Um à la minuta honesto, batatas crocantes, bife no ponto, arroz soltinho e feijão temperado com louro e bacon. O detetive devorou-o com prazer, acompanhado por um copo de refrigerante. Enquanto comia, elaborava um plano de ação para iniciar seu trabalho voluntário de investigação no caso Adavilson Doceiro.

Depois do almoço, fez a digestão na Casa de Cultura Mario Quintana, recostado num aconchegante sofá de couro, ao lado dos elevadores da torre direita. Bem disposto e reconfortado pela boa comida, comprou uma garrafa d'água no restaurante da casa e seguiu para a Rua Sete de Setembro em direção à Feira do Livro.

Na véspera, enquanto bebiam um scotch de fim de tarde e discutiam as características do crime, o detetive Jacquet havia mostrado ao amigo Joãozinho Macedônio as fotos tiradas com celular da cena do crime após o assassinato de Adavilson Doceiro. Eram várias fotos, três delas da delegada Florença Flores, que Joãozinho requisitou para usar como pano de fundo na tela do computador. Muitas, no entanto, não tinham utilidade, pelo menos em princípio. Eram da multidão perplexa em volta do corpo, pessoas comuns ou daqueles fantasiados de personagens literários.

O fato que havia chamado a atenção de Jacquet e motivou a ideia de tirar as fotos foi o comportamento estranho e suspeito de uma mulher, uma das primeiras a chegar às proximidades do corpo. Agitada e tensa, estivera várias vezes para abordar a delegada Florença Flores. Mas, em todas as oportunidades, desistira. Fazia isso com jeito de quem tinha algo importante a revelar, mas temia por alguma coisa. O detetive percebeu a atitude dela e, com o celular, fotografou-a em meio aos curiosos. Era em função dessa mulher e sua atitude suspeita que Jacquet decidiu ir à feira naquele dia. Com um pouco de sorte, talvez a encontrasse uma segunda vez. Se estava ali no dia da abertura, pelo mesmo motivo poderia voltar.

Desde que saíra de casa, seguindo seus próprios mandamentos de detetive experiente, e antes mesmo de chegar à feira, em todos os lugares onde esteve – na rua, no Mercado Público, no restaurante, na Casa de Cultura, na Rua Sete de Setembro –, manteve-se alerta e focado às fisionomias de quem estivesse à sua volta. Considerava aceitável a possibilidade de reencontrar a mulher da foto num lugar desses, a qualquer momento.

Ao circular pelas alamedas da feira, cruzou com algumas personalidades conhecidas da cidade. Entre elas, Walter Galvani, o patrono mais assíduo da feira, com mandato ou não; viu Sérgio Faraco ser abordado por duas senhoras de meia-idade que o confundiram com Paulo Coelho e flagrou Luiz Antonio de Assis Brasil sendo reconhecido, apesar do convincente disfarce de turista alemão, por um grupo de ex-alunas da primeira turma de sua oficina de criação literária. Ouvia a última piada do Jaime Cimenti e acompanhou o professor Sergius Gonzaga revelar, com detalhes, o hábito de um velho amigo, que aproveitava alguma distração sua, enquanto almoçavam, para lhe subtrair o bife do prato. Mas não encontrou a mulher da foto. A feira é também uma grande quermesse, pensou o detetive ao observar, de fora, toda a agitação em volta das barracas e do pavilhão de autógrafos, onde, em grupos, as pessoas paravam para conversar.

Ainda circulou pela praça antes de voltar para casa. Ficou atento às adjacências do pavilhão, local dos mais movimentados da feira. Uma fila se estendia por vários metros. Eram leitores que iam pegar o autógrafo do jornalista Luiz Cláudio Cunha, autor de um livro sobre o sequestro, por policiais brasileiros, de um casal de uruguaio e seus dois filhos menores, em Porto Alegre, no fim da década de 70.

Jacquet se lembrava do episódio, ocorrido logo após sua formatura e quando acabava de se mudar para Porto Alegre. Esteve em pauta inclusive na mídia internacional e deu início a um embate entre situação e oposição que se prolongou por vários meses. Revelou, na prática, um acordo entre as ditaduras militares de países do Cone Sul, chamado Operação Condor, para perseguir e capturar opositores em seus territórios e entregá-los aos respectivos algozes.

O sequestro fora descoberto por acaso por dois jornalistas gaúchos, num episódio que colocou frente a frente políticos de oposição e simpatizantes, colaboradores e membros da ditadura militar que se mantinha no poder no Brasil desde 1964. Na época, governava o Rio Grande do Sul um parceiro dos militares, o ex-deputado Sinval Guazzelli, que chegara ao cargo por meio de nomeação, num processo batizado de eleição indireta. O livro tinha sido escrito por um dos jornalistas que descobriram a farsa, e a extensa fila vista por Jacquet era de pessoas que queriam o autógrafo e uma dedicatória do autor.

Jacquet passou em uma banca e comprou o livro. Não entrou na fila para pegar o autógrafo, mas percorreu-a de ponta a ponta. O professor Sergius, agora, descrevia ao mesmo grupo de ouvintes a impressão que tivera de um amigo conhecido na praça que, depois de uma longa estada em Paris, desceu do avião, no aeroporto Salgado Filho, trazendo sobre os largos ombros uma vistosa echarpe abóbora. “Comeram o alemão!”, dizia o professor.

O detetive manteve-se atento às outras sessões, conferiu um por um o rosto das pessoas que por ali circulavam ou conversavam, mas sem sucesso no seu projeto de reencontrar a mulher da foto. À noite, quando o movimento da feira começava a diminuir, Jacquet voltou para casa, não sem antes circular outra vez pela área de alimentação e pelas alamedas da praça.

A temperatura estava agradável, muitas pessoas nas ruas, bares com mesas e cadeiras nas calçadas, mas ele sentia-se exausto, sem disposição para continuar o trabalho de procura pela mulher da foto. Passara o dia caminhando ou em pé, as pernas lhe doíam, os pés lhe pareciam inchados, davam a impressão de que poderiam explodir dentro dos sapatos de uma hora para outra.

Ao entrar no apartamento, encontrou Inácia e perguntou por Joãozinho. Ela apontou para a suíte, divertida, enquanto enxugava as mãos num avental branco preso à cintura.

— Está no banho.

Jacquet seguia para o quarto, mas ela o interpelou. Estava de bom humor e divertia-se com o que ia contar.

— O doutor Joãozinho é de veneta. Hoje, andou ali pela Dona Laura e ganhou um CD do Cigano. Desde cedo que canta, sem parar, *Overdose de amor* — virou-se para o aparelho de som, ao lado de Jacquet, e continuou. — Dia desses, comprou um disco daquela indiana com cara de biruta e passou quinze dias fazendo careta e cantando “em-noou em-noou em-noou”... Às vezes, até na frente do espelho.

— Ele é fã da Amy Winehouse, é?

— Sei lá como é o nome daquela biruta! Mas tem um disco dela aí, que volta e meia e ele bota para tocar. Até que é um embalinho gostoso.

— Imagino se ficam sabendo lá no Alegrete...

— Não dá nem para pensar.

— Eu quero um beijo/com sabor do nosso amor...

— Olha ele aí! — apontou Inácia, rindo. — Essa música do Cigano é joia de bonita, mas, daqui a pouco, vou acabar enjoando...

Joãozinho Macedônio saía da suíte, os cabelos molhados, uma toalha amarela presa à cintura. Ao ver o detetive, saudou-o com jeito de quem não o encontrava havia meses. Fez sinal para ele acompanhá-lo até a biblioteca e avisou Inácia de que começava a sentir fome. Ela disse que dentro de meia hora, se eles quisessem, poderia servir o jantar. E foi para a cozinha, de onde vinha um agradável aroma de assados e temperos diversos.

Joãozinho abriu a porta da biblioteca e, com um ar solene no rosto, fez sinal para Jacquet entrar.

— Se não encontraste a mulher da foto, Waltão — disse ele, ajeitando a toalha na cintura para que não caísse —, eu tenho uma ideia!

Jacquet tremeu as pernas. E não foi por conta do cansaço. Desde criança, sempre que Joãozinho Macedônio dizia “eu tenho uma ideia”, era porque o perigo rondava. Os parentes, os amigos, os vizinhos, os professores, os colegas de aula, todos sabiam o que poderia significar uma declaração com esse teor. Foi por conta das ideias, aliás, que a família, no Alegrete, pensou várias vezes em interdité-lo.

Joãozinho esperou que Jacquet entrasse na biblioteca e fechou a porta com pressa.

capítulo 6

O detetive Walter Jacquet sentiu um arrepio nas costas quando Joãozinho Macedônio, fixando nele o olhar de quem acabava de fazer uma descoberta importante para o futuro imediato da humanidade, reafirmou, no mesmo tom solene de segundos atrás, que acabava de ter uma ideia. Jacquet jogou-se numa poltrona, espichou as pernas e respirou fundo. Queria ouvir sentado o que o amigo tinha a dizer. Enquanto o detetive acomodava-se, tentando disfarçar a tensão, Joãozinho, ainda enrolado na toalha de banho e com uma animação contagiante, voltava-se para trás. Conferia uma última vez se a porta estava bem fechada.

Ao observá-lo agitado, naquele vaivém sem sentido, Jacquet lembrou-se da última grande ideia apresentada por Macedônio ao pai, anos antes, quando ainda era estudante de direito em Santa Maria. Estava reunida a família, na estância do Alegrete, à sombra de um grande cinamomo, num belo domingo de sol, quando ele revelou os detalhes de um projeto que havia meses vinha lhe ocupando a mente. Algo para ficar marcado a ferro e fogo na história da cidade e do Rio Grande do Sul. Pretendia criar uma fragrância com esterco de “gado vacuum”, que, conforme sua exposição de motivos, seria o negócio da China, capaz de elevar o nome da família Macedônio ao status de pioneira num empreendimento de grande futuro, econômico e de culto às raízes da cultura gaúcha. Além do mais, para a fronteira oeste, região por muito tempo relegada ao esquecimento pelo governo federal e estadual, um negócio desse

porte representaria mais circulação de dinheiro e, por consequência, a incrementação da atividade econômica, com geração de emprego e impostos.

No fim da sua exposição de motivos, ignorando a indisfarçável perplexidade da plateia, considerou dois tópicos como de extrema relevância para o sucesso do projeto, ao qual daria o nome da família, de criar um perfume com cheiro de esterco, nas versões masculina e feminina: a abundância de matéria-prima em solo gaúcho e o constante avanço do culto às nossas tradições, inclusive além-fronteiras, o que poderia representar, de saída, a conquista de uma razoável fatia do mercado internacional.

O pai de Joãozinho, que, na época, já dava sinais de um grave problema cardíaco, apenas levou a mão ao peito e disse, virando-se para o filho mais velho: “Interna”.

Agora, para surpresa de Jacquet, a ideia de Joãozinho estava plena de sentido. Depois que o detetive saíra para a Feira do Livro, ele havia ligado o computador com a intenção de apreciar as fotos da delegada Florença Flores, transferidas por eles do celular na noite anterior. Enquanto admirava a delegada, entre um suspiro e outro, ele percebeu um detalhe curioso em uma das fotos da tal mulher que Jacquet passara a procurar como peça importante em suas investigações.

Chamou Jacquet para frente do monitor e lhe mostrou a foto, ampliada em toda a extensão da tela. Sem dificuldades, identificaram, na sacola presa ao braço da mulher em atitude suspeita, as palavras Sebo Tio Catiampas. O endereço estava ilegível, mas a simples menção do tal sebo era um bom ponto de partida. Jacquet exultou. Sentiu vontade de sair naquele mesmo momento para a rua e procurar o sebo. Ainda tentou alguns recursos num programa de fotomontagem, mas o endereço não podia mesmo ser identificado.

Quando acabavam de sentar-se à mesa para o jantar, enquanto servia-se como entrada de um ensopado de paleta de ovelha com canjica e manjerona, Joãozinho teve a segunda ideia do dia, aquela que, na opinião de Jacquet, poderia significar a plena recuperação do amigo das leviandades da juventude. Joãozinho, então, se lembrou de Mário da Bala, um vendedor de livros, conhecido dele dos tempos da antiga livraria Prosa i Verso, na galeria Quinta Avenida Center. Durante muito tempo, enquanto a livraria brilhou como ponto tradicional do bairro Moinhos de Vento, Joãozinho costumava passar as tardes ali, conversando com as vendedoras e os fregueses conhecidos,

folheando livros e se inteirando dos lançamentos do mercado editorial recém-saídos do forno. Nesse período, conhecera muitos vendedores, entre eles Mário, cujo apelido se devia ao hábito de distribuir balas às vendedoras e aos fregueses da casa.

— Amanhã, vamos à feira — disse Joãozinho, passando da canjica com ovelha para o prato principal, um imenso filé acebolado com arroz branco e dois ovos fritos em cima. — Esse pessoal aí todo se conhece. Não dá para se dizer que morrem de amores uns pelos outros, mas se conhecem...

À tarde, no dia seguinte, foram à Feira do Livro procurar Mário da Bala. Jacquet, por ele, teria ido antes. Mas precisava de Joãozinho para reconhecê-lo. E Joãozinho não passara bem à noite. Assaltado por uma pequena indigestão, permaneceu toda a manhã prostrado no sofá da biblioteca. Só foi melhorar após o almoço, do qual não se furtou. A seu pedido, durante a manhã, tomou várias canecas de chá de carqueja preparadas por Inácia. Acordara com uma forte dor de cabeça e um “peso na boca do estômago”, que o impedia de respirar direito.

— Não é pra menos — comentou Inácia. — Ontem, comeu e bebeu feito bicho!

Não foi difícil encontrar Mário da Bala numa banca de livros usados, na alameda principal da praça. Ele conhecia o Tio Catiampas, com frequência abastecia-o de livros. O sebo trabalhava também com vendas pela internet. Com o endereço garantido, Jacquet e Joãozinho combinaram de caminhar um pouco pela feira. Talvez a mulher procurada estivesse na área, o que dispensaria Jacquet de ir ao sebo no dia seguinte. Ao lado da banca de Mário da Bala, encontraram o professor Ruy, as mãos para trás, reflexivo, que relatava a um amigo as boas sensações que, na noite anterior, lhe proporcionara um tinto alentejano.

Quando chegaram à praça de alimentação, Joãozinho teve um acesso de fúria. Deu um discurso por causa da ausência de sua atração preferida: o espetinho de coração.

— Estão encurtando o espaço mais popular da feira, pô! — disse, enfurecido. — Tiraram o acarajé, a tapioca, o espetinho! Mas eu sei por que, Waltão! É para que os cafés de grife, ali de dentro — e apontou em direção à Praça da Alfândega — possam nos furar os olhos da cara! Colocam um punhadinho de batata frita num pires de xícara de cafezinho e nos empurram aquela miséria a dez paus!

Jacquet riu e pediu calma, mas ele não lhe dava ouvidos.

— Não é por causa do dinheiro, não! — continuou Macedônio, agitado. — É pelo desaforo. Diminuíram o tamanho da área e tiraram o espetinho! Se deixarmos, se não nos levantarmos contra essa falta de sensibilidade, daqui a uns anos, terminam também com a praça de alimentação inteira. Tiram do mapa o lugar mais popular e mais ecumênico da feira, Waltão!

Reclamou que aquilo era um preconceito contra as pessoas de menos posse, contra aqueles que não querem pagar dez por cento ao garçom para tomar um café expresso. Ao final do discurso, decidiu ir embora.

— Estou de cara, Waltão! — disse, batendo em retirada.

Em casa, depois que baixou a poeira, enquanto relaxavam na biblioteca, cada um com seu copo de scotch na mão, Jacquet anunciou que tinha em mente um plano para o dia seguinte. Joãozinho fez um sinal com a mão para que ele esperasse um instante e chamou Inácia. Pediu uma tábua de frios e que não economizasse no salame e no ovo de codorna. E, depois, fritasse umas rodelas de linguiça de porco e trouxesse com farinha e pão d'água. Precisava curar a frustração pela ausência do espetinho de coração na feira. Virou-se para o Jacquet e liberou-o para falar.

O detetive revelou que, antes de procurar o Sebo Tio Catiampas, pretendia ter uma conversa com a delegada.

— Tu estás louco, Waltão! — reagiu Joãozinho, agitado. — Dizem que aquela mulher é uma fera!

Jacquet bateu na perna dele. Não devia se preocupar, seria uma conversa amistosa, saberia como abordá-la, já havia enfrentado feras mais perigosas, não seria com uma beldade daquelas que correria algum risco. E, se fosse o caso, bem, aí ele telefonaria para Joãozinho pedindo socorro. Joãozinho não levava o caso na brincadeira.

— Waltão, Waltão! — advertiu. — Veja lá o que tu vais fazer. Se meter a detetive assim como estamos fazendo, meio de brincadeira, correndo por fora, sem compromissos formais, é uma coisa. Mas se tu vais conversar com a delegada, oficializando a coisa, o caldo pode engrossar de vez.

— Não te preocupes, será uma conversa amistosa.

— Amistosa? Waltão...

— Fica frio, meu caro — continuou Jacquet. — Será uma conversa profissional, ligada apenas ao caso Adavilson Doceiro. Se calhar, até direi que tu mandaste lembranças...

Joãozinho disse que não era essa sua preocupação. Não estava interessado na delegada. Mulher com aquele perfil de dominadora não fazia seu tipo. Ele preferia as submissas, as cordadas, aquelas passíveis de, sem muito suor, serem convencidas dos absurdos e das veleidades, cotidianas ou extraordinárias, da vida. Jacquet ainda argumentou que essa imagem de autoritária de Florença Flores talvez fosse apenas aparência. Quem sabe, na intimidade, seu perfil fosse mesmo aquele idealizado por Joãozinho, de mulher submissa que gostava até de umas palmadinhas bem dadas na hora do amor.

Os dois reforçaram de uísque e de gelo seus respectivos copos. Inácia entrou na biblioteca com uma tábua de frios e a colocou sobre a mesa de centro.

Joãozinho ficou um tempo pensativo, o olhar trespassando a janela aberta, por onde se via a luz dos edifícios e dos sinalizadores plantados ao longo do Guaíba, até onde a visão alcançava. No aparelho de som, tocava *Sweet Lorraine*, um CD do King Cole Trio, que Macedônio ouvia quando precisava relaxar.

Começaram a se servir da tábua de frios. Com o andar da conversa, Joãozinho achou uma boa ideia Jacquet procurar a delegada para tratar do caso Adavilson Doceiro. Depois da terceira dose de uísque, até se propôs a ir junto. Mas Jacquet convenceu-o de que ele podia ser mais útil para a investigação se ficasse em casa, como uma espécie de decodificador de enigmas, um Dom Isidro Parodi em carne e osso. Joãozinho Macedônio estaria para Walter Jacquet como Nero Wolfe estava para Archie Goodwin. Só faltava um orquidário na cobertura, brincou o detetive. Jacquet faria o serviço pesado, colheria o material na rua e Joãozinho, numa segunda etapa, entraria com o raciocínio.

Joãozinho gostou tanto da proposta que a saudou com uma nova dose do scotch no copo e o convite a um brinde à saúde de ambos.

— Tintim, Waltão! A nós!

Inácia voltou à biblioteca trazendo uma pequena gamela com linguiça frita em rodelas, farinha de mandioca e um cesto de pães. No aparelho de som, o King Cole Trio avançava agora com *Two against one*, um solo de teclados muito apreciado por Macedônio por ser um “gentil convite ao relaxamento dos músculos e das articulações”.

capítulo 7

Enquanto planejava a melhor forma de abordar a delegada Florença Flores, Walter Jacquet andou ao léu pela feira, cuidando fisionomias, folheando livros, com atenção também às vendedoras das bancas por onde passava. Em uma caixa de usados, encontrou uma edição antiga, mas bem conservada, de *A lua na sarjeta*, de David Goodis. Tantas foram as leituras que ele conhecia a história quase de cor. Lembrava-se de Nastassja Kinski no papel principal do filme, e essa doce lembrança, que lhe trazia também à mente *Os amantes de Maria*, foi o empurrão do qual precisava para adquirir uma outra edição. Caso a delegada não o atendesse de imediato, teria com o que passar o tempo. Procurou mais alguma coisa, mas nada de especial lhe fez meter a mão no bolso uma segunda vez.

Entre o pavilhão de autógrafos e o Memorial do Rio Grande do Sul, Jacquet presenciou um princípio de tumulto protagonizado por sete pós-adolescentes que, pouco discretas, comentavam o tom pastel da camisa social de um tal professor Flaubert. Ele permanecia nas adjacências, e a discussão das jovens também versava sobre quais livros ele andava lendo nas horas de ócio e recolhimento íntimo-intelectual, entre a redação de um artigo e outro que publicava no jornal. Um pouco afastado do burburinho, o patrono Charles Kiefer era entrevistado por uma estudante de jornalismo e falava sobre prêmios literários. Bloco de anotações numa mão e caneta na outra, o verde

dos olhos atento a todos os detalhes da entrevista, ela queria saber se um livro passava a ser mais procurado pelos leitores, aumentando as vendas, depois de receber um prêmio.

— Os brasileiros não levam prêmio a sério... — dizia Kiefer.

Jacquet ouviu uns gritos repetidos, com palavras de ordem, que se aproximavam com rapidez e abafavam o burburinho e interrompiam a entrevista do patrono. Olhou para a esquerda e viu o conterrâneo Sérgio Faraco, que trazia uma sacola embaixo do braço. Quase corria, com jeito de assustado. Logo atrás, surgiu uma passeata, na mesma velocidade do escritor. Homens e mulheres com punhos erguidos, palavras de ordem gritadas com pesada indignação. Faraco olhou para trás, atônito. Percebendo a aproximação dos manifestantes, acelerou os passos. Jacquet imaginou que o protesto, sabe-se lá por que motivo, era contra o escritor. Outras pessoas tiveram a mesma impressão. Um cidadão que se encontrava nas proximidades correu ao encontro de Faraco com intuito de socorrê-lo. O escritor disse alguma coisa, meneou a cabeça e seguiu adiante, sem perder tempo, como se de verdade fugisse. Em seguida, no entanto, tudo se esclareceu. Faraco tinha comparecido à sessão de autógrafos de um amigo e estava atrasado para um compromisso importante, uma partida de sinuca com o campeão Rui Chapéu. Por coincidência, sua direção era a mesma dos manifestantes, um grupo de professores universitários descontentes com o atraso de seus salários.

Walter Jacquet caminhou mais uns minutos e decidiu: se queria mesmo entrar nas investigações sobre o assassinato de Adavilson Doceiro, não havia mais como postergar um encontro com a delegada Florença Flores. Comprou uma garrafa d'água e dirigiu-se à delegacia. Ainda não sabia ao certo como entrar no assunto, mas confiou na sua estrela e capacidade de improviso. Primeiro ia sentir o ambiente, a receptividade dela à visita, depois, de acordo com as circunstâncias, tocaria no assunto, direta ou indiretamente, sobre suas intenções em relação ao caso.

A sala de espera de uma delegacia de polícia nunca pareceu a Jacquet algo animador. E, no Brasil, dava para perceber, a situação era ainda mais desalentadora. Jacquet teve sorte de pegar um dia calmo. O horário também resultava propício. O início da noite e a madrugada eram os momentos de maior incidência de crimes e agressões.

Um sujeito perguntou a Jacquet o que ele queria. O detetive entregou seu cartão e pediu para falar com a delegada.

Num canto da sala, havia um homem com o rosto cheio de hematomas. Uma mulher, sentada quase em posição fetal, o rosto entre as mãos, também esperava, na ponta de um banco de madeira que ia de fora a fora, junto à parede descascada.

O homem leu o cartão. A delegada talvez demorasse a atendê-lo. Jacquet informou que dispunha de tempo, sem problemas. O homem entrou num corredor. Jacquet sentou-se, preparado para esperar no mínimo uma hora. Apanhou *A lua na sarjeta* e leu as duas primeiras páginas.

— Senhor Walter Jacquet, por favor! — disse o homem que o atendera antes. E fez sinal para ele entrar.

A delegada, agora vista de muito perto, era mesmo algo excepcional. Sua presença preenchia espaços, se sobressaía em alto-relevo sobre qualquer tipo de ambiente, do paupérrimo ao mais luxuoso. A respiração do detetive ficou agitada. Quando a viu levantar-se atrás de uma deplorável mesa de metal, agora com um *tailleur* bege e os cabelos presos sobre a testa pela simplicidade de duas piranhas rosa-choque, o detetive imaginou que qualquer tentativa de descrever com fidelidade o contraste entre ela e o aspecto desolador do ambiente soaria inverossímil.

A delegada não sorria. Uma expressão iracunda pairava com certo perigo no jeito de olhar, de interpretar as nuances do ambiente à sua volta, fato já percebido pelo detetive no dia da morte de Adavilson Doceiro, na Feira do Livro, tão logo ela chegou e passou a comandar a ação policial.

Florença Flores estendeu a mão para cumprimentar o detetive quando ele, perplexo, pousou o olhar numa Colt .45 que parecia um animal de estimação dormindo sobre a mesa, à esquerda dela, algo que, para o detetive, beirava o absurdo. Uma Colt como aquela, a pistola oficial das forças armadas dos EUA durante muito tempo, um cano de quase quinze centímetros e pesando em torno de um quilo e meio, só podia ser uma peça de coleção da delegada. Jamais ela teria uma arma daquelas para uso cotidiano em alguma ação policial.

Com o cartão de visitas de Jacquet na mão, quis saber o que ele desejava. Meio de improviso, de susto, ocorreu a ele contar que fora procurado pela mãe do assassino de Adavilson Doceiro. Precisava saber se ele já havia constituído advogado de defesa. Ela respondeu que sim, procurou um cartão na gaveta e passou-o ao detetive, como se quisesse se ver livre dele:

— Mas vou lhe adiantar o seguinte, doutor: o sujeito já tem nas costas sete processos por homicídio.

— Deve ser um homem perigoso... — observou Jacquet, com timidez.

— Não tenho dúvidas.

— Mesmo assim — continuou Jacquet, agora um pouco recuperado do susto de vê-la tão próxima e tão extraordinária —, a senhora se importaria de me dar alguns detalhes do processo?

— A denúncia será encaminhada ainda hoje à promotoria pública.

— Sim, sim. Parabéns pela celeridade.

— Houve uma confissão formal e espontânea do assassino. Sem dificuldades e estresses.

— Sim, sim, eu tomei conhecimento desse relevante fato — falou o detetive, ainda tímido. — Mas eu, digamos assim, estive muito perto de testemunhar o crime.

— E então?

— Eu estava na Feira do Livro naquele momento. Fui um dos primeiros a chegar ao local.

— E o senhor presenciou alguma coisa que não esteja nos autos?

Jacquet criou alma nova, era uma brecha aberta para suas pretensões. A guarda estava baixa, o tempourgia. Uma falta frontal a dois passos da grande área. Era só desviar da barreira e procurar o canto oposto ao do goleiro. Ou esperar a barreira pular e tocar por baixo, um toque discreto, mas fatal, com cuidado para não desperdiçar a chance. A julgar pelas primeiras falas, Florença Flores para boba não servia.

— É por isso que preciso conhecer alguns detalhes dos autos, doutora.

A delegada encheu os pulmões de ar e foi esvaziando-os aos poucos, contida, talvez para não acusar o golpe e não dar munição ao inimigo, mas sem perder a pose nem o jeito autoritário de encarar o adversário.

— O que o senhor gostaria de saber? — inquiriu, levantando o queixo para olhar o detetive por cima. — Talvez eu possa incluí-lo no processo como testemunha, se for o caso.

— Não é para tanto, doutora. Não seria o caso de haver uma inclusão no processo. Não haveria razão para isso. Pelo que sei, inclusive, o inquérito foi muito bem instruído.

— Então?

— Tenho certa curiosidade sobre o livro que a vítima carregava consigo.

— Com certeza, que não por coincidência, doutor Jacquet, eu também tive uma certa curiosidade sobre o livro. Novo, capa plastificada, superfície das mais propícias para a fixação e conservação de impressões digitais...

A delegada fez uma pausa. Jacquet havia feito a bola desviar da barreira, mas ainda tinha o goleiro pela frente.

— As impressões digitais encontradas ali — continuou Florença Flores, os olhos verdes, não se sabe se com doçura ou veneno, ou talvez as duas coisas juntas, pousados no rosto do detetive — eram da própria vítima, Adavilson Doceiro. Nenhuma outra.

— Mas e aquela senhora que presenciou o assassinato? — Jacquet parecia acusar o contragolpe. — Ela me pareceu tão convincente quando afirmou que o livro havia sido trocado.

— Aquela senhora, conforme consta nos autos, ao depor formalmente no dia seguinte, não reafirmou a declaração anterior. Disse que estava muito confusa, muito nervosa, daí a impressão de ter visto outro livro na mão da vítima.

— Ela mudou o depoimento então?

— Não exatamente.

Jacquet olhou-a, interrogativo. Ela continuou:

— Não poderia ter mudado o depoimento, pois formalizou apenas um. Aquilo que ela disse no calor dos acontecimentos, talvez com intuito de ainda nos fazer ir atrás do assassino sem perda de tempo, não chegou a ser um depoimento...

Nesse instante, tocou o celular da delegada. Ela pediu licença, era urgente, e atendeu:

— E como ele está? — ela perguntou ao interlocutor, com jeito de aflita. — Ah, que bom! Que bom! ... Não é nada grave então? Ufa! ... Está certo, está certo! Cuida bem dele então. ... Já está mexendo o rabinho? Ótimo, ótimo! Ligo mais tarde para saber notícias. ... Obrigada, beijo!

A delegada desligou e pediu desculpas ao detetive. Seu cãozinho salsicha havia tido um mal súbito, a empregada estava voltando do veterinário. Graças a Deus, não parecia grave. Já estava recuperado, mas devia ficar em observação. Jacquet disse que entendia a preocupação dela, já tivera um cãozinho desses. Quando adoecem, ficam com um olhar muito triste, de partir a alma em zilhões de pedaços. Por ocasião de sua morte, de velho,

inclusive, ele enfrentou dias difíceis, teve muita dificuldade para voltar à vida normal.

— Nem me fale! — interrompeu a delegada, ainda parecendo aflita, o verde dos olhos transformado num solitário oceano de águas revoltas. — Não quero nem pensar nisso...

— Só não exija do seu cão o que ele não lhe poderá dar, delegada. A morte não é um privilégio só nosso. Nossos animais de estimação também precisam morrer um dia...

— Eu sei... mas não quero falar sobre isso. Nem pensar.

— E como se chama seu pet? — perguntou Jacquet, interrompendo-a.

Florencia Flores vacilou, pareceu não entender a pergunta ou o motivo dela. Afinal, o que importaria ao detetive saber o nome de seu cão?

— Dafô — respondeu ela, com jeito de contrariada.

— Dafô?

— De Daforin — completou ela, introspectiva.

— Um belo nome. E bem significativo...

Ela pareceu arrependida de ter revelado o nome do cão. Meneou a cabeça, como quem diz “agora, está feito”. Jacquet olhava-a de um jeito irônico. Ela pareceu entender o que ele estava pensando. Fitou-o direto nos olhos, sem sorrir, quase ausente. Parecia procurar na parte mais funda do cérebro a verdade definitiva sobre aquela observação do detetive: “E bem significativo”. De imediato, porém, como se tentasse a todo custo evitar lacunas entre uma fala e outra, voltou ao assunto que levara Jacquet até seu gabinete:

— Mais alguma coisa sobre o caso Adavilson Doceiro, doutor Jacquet?

O detetive, agora mais à vontade, respondeu que não. Estava satisfeito com as informações.

— Inclusive lhe peço desculpas por roubar seu tempo.

A delegada, então, levantou-se e estendeu a mão para encerrar a visita.

— Muito obrigada pela ajuda, doutor Jacquet. Se precisar de mais alguma informação, não vacile em me procurar.

— Eu é que agradeço, doutora.

No mesmo instante, entrou na sala um homem de preto, com um telefone sem fio na mão:

— Para a senhora, doutora. É o repórter Heron Vidal.

Esse momento foi o único no qual a delegada Florença desanuviou o semblante com um sutil sorriso nos lábios, o suficiente para Jacquet perceber que ela tinha um incisivo superior cruzado. Nem mesmo quando recebera a notícia de que era bom o estado de saúde de cãozinho chamado Daforin ela havia descontraído a dureza da expressão facial.

Ao atravessar a porta, a imagem da Colt .45 pousada sobre a mesa lhe trespassando a retina, o detetive ainda pôde ouvir o que ela dizia como saudação ao atender o telefonema do tal repórter Heron Vidal.

— Fala, neném!

capítulo 8

Ao saber que a delegada Florença Flores tinha um incisivo superior cruzado, Joãozinho Macedônio teve um surto quase igual ao de quando percebeu a ausência de espetinho de coração na praça de alimentação da Feira do Livro. Advertiu o detetive Jacquet de que se tratava de algo muito raro e aproveitou para denunciar a indústria do aparelho ortodôntico que estava deixando as mulheres com os sorrisos todos iguais.

— Não se encontra mais, nesta terra sem Deus, uma mulher que tenha a mordida cruzada, Waltão! Um par de incisivos laterais alguns milímetros para frente, que muitas vezes é o charme de uma mulher, também não se vê mais em lugar algum! Só falta começarem a padronizar outras coisas, meu amigo. Mas isso aí, quando acontecer, não estarei mais aqui para ver, graças a Deus!

Ao ouvir que Jacquet havia almoçado no Centro, Joãozinho começou outra preleção, agora, contra o que ele chamava de “a praga do bifê”. O à la minuta fora transformando em espécie em extinção em Porto Alegre inteira.

— É só bifê em todo lugar aonde se vai, Waltão! Se alguém precisar de um à la minuta para salvar uma vida, morre de fome. Uma vez, entrei em um desses lugares e perguntei se tinha à la minuta. O sujeito respondeu que sim. Fiquei só cuidando para ver. Ele pegou um prato e foi para o bifê. Mandei-o às favas e fui embora. Que desaforo!

Inácia entrou na sala, trazendo um papel na mão. Joãozinho voltou-se para ela.

— Com licença, doutor — disse ela, enxugando as mãos no avental da cintura. — Temos que pedir mantimentos para o Alegrete. Mondongo, charque, canjica, rabada, costelinha defumada, rim gordo e chinchiolines. Se forem a Libres, é bom já ir pedindo Fernet e uísque, que o estoque baixou bastante na última semana. Também é preciso...

Joãozinho interrompeu-a, rindo. Virou-se para Jacquet e comentou que Inácia andava tendo aulas com o Lula. “Preciso...” Ao que ela respondeu, contrariada, mas sem perder o humor:

— O doutor Joãozinho é todo letrado, mas se não sou eu aqui, nesta casa, nada funciona. Já teria quebrado. Ele não se presta nem pra botar um cachorro a cagar, doutor Walter. Fala mal da minha gramática, mas, quando vai a Paris, volta vesgo pela comida da preta velha aqui. Serve um prato de estivador e se esconde atrás. E, quando entra na cozinha, bota até luva e máscara de operação. Mas não há Cristo que consiga comer o angu de carço que ele faz. De barriga cheia e são de lombo fica fácil enticar com a gramática da gente, o senhor não acha?

Antes de colocar sobre a mesa o papel com a lista de mantimentos a serem requisitados do Alegrete, Inácia ainda falou, agora, sem disfarçar o riso:

— Pelo menos, eu não digo “crose” nem “lavavo”, como aquela sua amiga que andou aqui dia desses. Até que era bem bonita... Mas, de tão atordoada das ideias, chegou a não achar a porta na hora de ir embora. Não sei o que o doutor Joãozinho andou aprontando, que ela saiu em jejum, nem quis saber do café.

Jacquet divertiu-se com a história. Inácia dava mais detalhes. Para Joãozinho, bem acomodado na sua poltrona de couro, o assunto não parecia ser com ele. Não mexia um músculo do rosto sequer.

— Depois, ainda quis me aplicar que era uma dona francesa — continuou Inácia. — E, por isso, falava toda estranha daquele jeito. “Croscose” e “lavavo”... Francesa! Ora só!

Jacquet mal podia falar de tanto rir, mas Joãozinho seguia quieto, deixando o tempo correr.

— Depois, eu e o Lula é que paguemos a mula roubada, doutor Walter — ainda falou ela, antes de caminhar para a porta. — Deixa estar, jacaré.

Inácia saiu para a cozinha. Jacquet, ainda rindo, retomou o assunto do Adavilson Doceiro.

— Voltando ao que nos interessa — disse Jacquet, irônico —, acho que tem mesmo armação no caso do Adavilson Doceiro. Foi com essa impressão que saí hoje da delegacia.

Para o detetive, Zé Moringa era uma farsa, um laranja. Negociou a confissão em troca de alguma facilidade para fugir mais adiante ou da promessa de se livrar de algum processo pesado. E aquela mulher que testemunhou o assassinato fora comprada, ou ameaçada e pressionada a mudar a versão sobre o livro encontrado com o corpo.

— Meu raciocínio abduativo me diz que isso é um jogo de cartas marcadas. Tem peixe graúdo por trás da cortina de fumaça, não tenho dúvida. Até uma criança sabe — reiterou Jacquet.

— Raciocínio abduativo... — repetiu Joãozinho, balançando a cabeça. — Mas a delegada Florença não tem jeito de quem se prestaria para isso, Waltão.

— Sabe-se lá — disse o detetive, levantando-se. — Para mim, tem batata nessa chaleira, amigão. Mas descobri algumas coisas interessantes sobre a delegada, se queres saber.

Joãozinho quase pulou da poltrona, recuperando a fleuma perdida durante a revelação, por Inácia, da história sobre a francesa que falava “crose” e “lavavo”.

— O quê, por exemplo, Waltão?

— Que ela tem um cachorro salsicha que se chama Dafô, diminutivo de Daforin.

Joãozinho ficou pensativo. Fixou os olhos no outro lado da janela, ao longo do rio, onde um navio, atracado no cais, era carregado de toras de eucaliptos. Virou-se para Jacquet com vagar. Parecia relutar em afastar-se da paisagem do rio e dos guindastes erguendo as toras de madeira. Perguntou:

— Sim, mas e daí?

— Tu sabes o que é Daforin?

— Não imagino.

— Um medicamento feito à base de fluoxetina.

— Me desculpa, mas essa área eu não domino, Waltão.

— O Daforin é um similar do Prozac...

— Mas o que tem a ver o lombo do cavalo com o fundilho das bombachas do gaúcho, Waltão?

Como Jacquet não respondeu de imediato, Macedônio continuou:

— O que tem a ver o assassinato do Adavilson Doceiro com o cachorro salsicha da delegada Florença Flores que se chama Daforin, um similar do Prozac?

— Em princípio, nada — respondeu o detetive, sem se intimidar. — Mas nos dá uma pista muito consistente sobre a personalidade dela. E isso não é pouco, dadas as circunstâncias.

Joãozinho Macedônio estalou os dedos da mão esquerda, voltando outra vez os olhos para o navio sendo carregado de toras. Arregaçou as narinas para melhor colher o ar e abastecer-se de oxigênio. Aquilo já havia passado da conta. Jacquet não podia estar falando sério.

— Me desculpa, Waltão, mas continuo não entendendo a relação disso com o assassinato do Adavilson Doceiro. Nem a relação do cachorro com a personalidade da delegada...

Jacquet pediu atenção total para a lógica de seu raciocínio. Revelou que, nos Estados Unidos, havia estudado inferências lógicas e ciência cognitiva com os mais respeitados linguistas daquele país, um deles, inclusive, o professor Fields, um renomado inatista de Harvard que era amigo e parceiro de Noam Chomsky.

Pediu, então, que Macedônio olhasse para ele, ia explicar sem rodeios, da forma mais didática possível. Joãozinho virou-se e agradeceu. Era disso mesmo que ele estava precisando. Caso contrário, ia entender essa história de inferências lógicas e ciência cognitiva como uma grande viagem sem volta.

— Tu te lembras do velho Júlio Midoca lá do Alegrete?

Macedônio pensou um pouco, os olhos fixos, agora, no rosto de Jacquet, como ele havia pedido.

— Sim, lembro...

— O velho Júlio Midoca era apaixonado por mortadela. Lembras?

— Sim.

— Aliás, toda a família Midoca era louca por mortadela, a mulher, os filhos, os netos. Podia faltar tudo na despensa, menos mortadela. Quando o velho entrava em casa com uma mortadela inteira embaixo do braço, era uma festa. Se facilitasse, comiam mortadela até com leite e marmelada, de sobremesa.

Joãozinho não desviava os olhos do detetive, como se assim pudesse ver, materializadas, iguais a borboletas coloridas e esvoaçantes, as palavras que lhe saíam da boca, uma a uma.

— Agora, eu te pergunto — avançou Jacquet no seu exercício de lógica pura — como se chamava o vira-lata do velho Júlio Midoca?

— Mortadela!

— Elementar, meu caro!

— Tu não estarias forçando por demais a barra?

— Não.

— Waltão, Waltão...

— E já te explico por que não estou forçando a barra. Um animal de estimação, por si só, é algo muito especial na vida de uma pessoa. Em especial, de pessoas solitárias ou que tenham algum tipo de, digamos, ronha social. Vinicius de Moraes disse, certa vez, que o uísque é um cachorro engarrafado. Quando mais solitária a pessoa, ou quanto mais alimenta algum tipo de aversão social ou amorosa, mais apegada essa pessoa fica a um animal de estimação, correto?

— Correto. Até aí, correto...

— Um animal de estimação, às vezes, é até mais importante que um parente, um vizinho, um amigo. Um verdadeiro animal de estimação, aquele que preenche vazios ao mesmo tempo em que não questiona os defeitos do dono, passando-lhe, com isso, a sensação de viver num mundo ideal, onde tudo pode e tudo faz; um animal que proporciona tudo isso ao seu dono é merecedor das maiores demonstrações de afeto e amor que uma pessoa pode dar, compreendes?

— Compreendo.

— Começando pelo nome que lhe é dado. A relação de carinho, de afeto com o animal começa por aí, pelo batismo. Jamais alguém dará ao seu animal de estimação um nome que o desabone, que o inferiorize, que vilipendie sua existência como ser querido e parte da família, com carteira de identidade e tudo...

— Está bem, Waltão! Comecei a entender. A delegada Florença Flores é chegada numa fluoxetina.

— Elementar, meu caro Adalberto João de Macedônio Neto! Temos aí um exemplo claro, irretorquível, de inferência lógica indutiva!

— Aterrissa, Waltão! Baixa o trem de pouso e aterrissa.

— Eu mesmo já tive um cachorro chamado Pirão.

— É... Pensando bem... Tem algum sentido. Te inscreve numa pós-graduação e faz uma tese... Tipo *A influência do instinto cooperativo das abelhas na formação do caráter solidário do homem rude do campo*, ou *A influência do voo da mosca na harmonia das esferas*...

— Mas não paramos por aí — continuou o detetive, sem dar atenção às ironias de Macedônio. — Uma outra pergunta ainda é pertinente: a pessoa chegada numa fluoxetina, como tu disseste, é o quê mesmo?

— Sei lá...

— Depressiva, meu amigo! Depressiva e egocêntrica a ponto de não querer que seu animal de estimação um dia venha a morrer.

— Isso é demais, Waltão!

— Depressiva, meu caro!

— A delegada Florença Flores é depressiva? Com aquela postura, com aquela elegância e charme de tirar porco-espinho do mato? Dá um estalo nos dedos e o mundo inteiro se ajoelha a seus pés... Sei não!

— Esse talvez seja o mundo idealizado por ela, ver o mundo a seus pés num estalar de dedos... Mas, como o mundo é formado por interesses diversos, ela se apega a um animal de estimação que, sem cobrar nada e sem questionar seus graves defeitos, lambe seus pés num estalar de dedos.

— Acho que não é bem assim, não. Depressiva? Aquele monte de mulher num corpo só, depressiva?

— É para ver como são as coisas. Além disso, outra questão para análise se impõe. O Daforin é uma droga alardeada como substituta da psicanálise. Uma exaltação desse tipo, a de batizar seu cãozinho salsicha com o nome de uma droga que dispensaria a psicanálise no tratamento da depressão, pode significar ainda outra coisa: uma aversão patológica aos psicanalistas, compreendes?

— Tu estás indo longe demais, Waltão! Longe demais... — Joãozinho balançava a cabeça em sinal de negativo. — Mas, por outro lado, volto a insistir, se nada disso der certo na prática, tu podes transformar esse material numa tese de doutorado... O mundo acadêmico vai abrir as portas para ti, Waltão! Vai por mim.

Joãozinho voltou a cuidar o navio atracado no cais. Aquela imagem de ferro maciço, ao longe, igual um brinquedo de infância à espera do dono, era

o único porto, naquele instante, onde poderiam embarcar inteiros as suas dúvidas e desassossegos.

Durante a conversa, havia colocado para rodar um CD com os principais sucessos de Almir Guineto. “Um samba de raiz para matar a saudade dos pagos, Waltão”, disse ele ao escolher o disco. Depois, espichou o braço para o lado e apanhou um Cohiba da caixa. Ao mesmo tempo, cantarolou junto um trecho da música que tocava: “Se o amor é isso, se é feitiço, vou jogar flores no mar”.

Cortou a ponta do charuto e repetiu aquele gesto que ele batizou de o ritual do som, tão prazeroso quanto o de segurar a fumaça na boca e saboreá-la com vagar, pelo tempo que fosse preciso: acariciou o charuto com a ponta dos dedos e ficou, meditativo, a ouvir o estalar das folhas secas de fumo junto à orelha direita.

— Certo, Waltão — disse, atirando o cortador em cima da mesa. — Mas ainda tem uma coisa me batendo aqui, que precisa ser esclarecida antes de continuarmos na tua viagem das inferências.

— Diz.

— O Adavilson Doceiro... onde entra?

O detetive esboçou um sorriso discreto, de quem dominava o assunto em pauta, e olhou em direção ao rio, para onde também olhava o amigo. Depois, voltou-se, enigmático:

— É uma boa questão — admitiu, mas sem perder o entusiasmo. — O importante é que já sabemos muita coisa da vida da delegada Florença Flores, a autora de um inquérito permeado de ingredientes muito estranhos e com uma conclusão das mais pífias, que não se sustenta diante do mínimo questionamento. A delegada Florença Flores pode ser durona, intimidadora, charmosa e tudo mais, mas não me convence. Essa história do Daforin, fluoxetina, pode parecer um simples detalhe, meu caro. Mas, no futuro, vai nos ser muito útil. Vai por mim.

Dito isso, Jacquet apanhou o casaco na guarda da poltrona e anunciou que ia procurar o Sebo Tio Catiampas. Joãozinho, o rosto ainda impressionado com as inferências de Jacquet sobre a relação da delegada com seu cachorro de estimação, ofereceu uma carona. O detetive agradeceu, iria caminhando. O sebo ficava na Osvaldo Aranha, próximo ao Instituto de Educação. Era só descer a Ramiro Barcelos que estaria lá em questão de

minutos. Joãozinho puxou uma baforada do charuto e acompanhou Jacquet se afastar em direção à porta.

capítulo 9

Bem como no dia anterior havia explicado Mário da Bala. Na Osvaldo Aranha, na quadra entre a Cauduro e a Santo Antônio, erguia-se uma porta de ferro, com um bilhete à mão, em letra cursiva, colado junto à fechadura: “Bata com a chave”. O detetive bateu, e a porta não demorou a ser aberta. Veio atendê-lo um rapazola franzino, barba por fazer, cabelos crespos divididos no lado, com cara de poeta concretista.

O detetive disse que procurava alguns livros de edição esgotada. O rapaz fez sinal para ele subir as escadas.

Quando chegou ao topo, Jacquet deparou-se com um andar inteiro de estantes abarrotadas e livros esparramados no chão. Já da escada, pôde sentir, a lhe arder nas narinas, um pesado cheiro de bebida e cigarro. Num pequeno hall, próximo a uma mesa onde jaziam três pedaços de pizza calabresa e copos usados, sentavam-se duas figuras emblemáticas: um sujeito careca, óculos de lentes grossas, com cara de mal-humorado, e um barbicha franzino, olhar de Hare Krishna, acomodado numa cadeira de rodas, uma manta xadrez sobre as coxas e sandálias de couro cru. Estavam de frente um para o outro, discutiam alguma coisa antes de ouvirem o toque da chave na porta de ferro.

Jacquet aproximou-se do careca e disse:

— Tio Catiampas, muito prazer!

O outro também disse “muito prazer”, um gesto espontâneo, mas não estendeu a mão.

— Como é que o senhor sabe quem eu sou? — quis saber ele, mal-humorado.

— Se não fosse, não teria repetido “muito prazer”...

Uma inferência lógica dedutiva, exultou Jacquet. Tio Catiampas franziu o cenho e, com o dedo médio, empurrou os óculos de volta para a base do nariz adunco.

— Muito espertinho para o meu gosto — disse, voltando-se para um velho relógio de parede, às costas de Jacquet. — Me desculpe, mas já estamos fechando. O que o senhor deseja?

O detetive ouviu um barulho estranho na outra ponta do corredor de estantes. Poderia haver mais alguém no local. Mas logo percebeu o vento batendo numas sacolas de supermercado que substituíam a vidraça de uma janela na parede ao fundo. Tio Catiampas começou a recolher os copos e pedaços de pizzas de cima da mesa.

— Hoje, precisamos fechar mais cedo. Se o senhor quiser algum livro, volte amanhã, num horário mais apropriado. Ou deixe o título anotado aqui — e apontou para um caderno sobre a escrivaninha, onde se sentava o rapazola com cara de poeta concretista —, que vamos procurar. Temos uma seção de livros raros, se for o caso.

Walter Jacquet sentiu que o momento não era para tergiversações. Tirou do bolso a foto da mulher presente na cena do crime e perguntou se ele a conhecia. Tio Catiampas nem pensou. Respondeu na hora, quase sem olhar para a foto:

— Nunca vi. Nem mais gorda, nem mais magra.

Jacquet insistiu:

— Não sei se o senhor percebeu, mas a sacola que ela carrega na mão é daqui... Sebo Tio Catiampas, está escrito de forma muito nítida.

Tio Catiampas empurrou a foto de volta, irritado, como quem repele uma grave blasfêmia.

— Nem tudo o que balança o rabo é diabo!

Jacquet procurou, então, uma forma de prolongar sua estada ali. Pediu para olhar o acervo. Há tempos andava atrás de um livro raro e não o encontrava. Tio Catiampas aumentou o tom irritado da voz. Perguntou se ele tinha problemas de audição, se era surdo.

— Por que, meu amigo?

— Primeiro: não somos amigos. Segundo: eu já disse e vou repetir, agora dois tons acima, por garantia de serviço: estamos fechando, o senhor não ouviu?

— Desculpe, mas ando atrás de um livro que eu precisava consultar ainda hoje.

— O senhor anda atrás de um livro raro ou da mulher da foto? Decida-se.

Jacquet vacilou:

— Digamos que dos dois.

Tio Catiampas chutou um pedaço de pizza para baixo da mesa. Sobre a mulher da foto, já havia falado e não iria repetir, mesmo que ele fosse surdo. Quanto ao livro, talvez pudesse ajudar, se Jacquet não demorasse. E quis saber qual era o título, ele ia procurar e, se tivesse no acervo, mandaria por motoboy no dia seguinte. Jacquet disse o primeiro que lhe veio à cabeça.

— *O assassino usava batom.*

Tio Catiampas riu, debochado.

— Esse aí, se o senhor jogar uma pedra num cachorro e errar, acerta na lombada de dois.

A conversa foi interrompida pelo toque do telefone fixo. O rapaz com cara de poeta concretista esticou o braço, displicente, e atendeu. Depois, voltou-se para o barbicha com cara de Hare Krishna, que parecia esquecido do mundo, quieto, na cadeira de rodas.

— É para ti, Fumanchu!

A coisa começava a ficar engraçada. Fumanchu era a alcunha da beleza, pensou Jacquet. Não deixava de ter algum sentido. Fumanchu, então, levantou-se da cadeira de rodas e, sem dificuldade, foi ao telefone atender à ligação. Jacquet acompanhou-o com os olhos, perplexo. Virou-se para Tio Catiampas, agora empenhado em limpar com a mão a mesa suja de copos e restos de pizza.

— Ele não é deficiente físico? — perguntou.

— Não — respondeu o outro.

— Então, por que a cadeira de rodas?

— Para sentar. Algum problema nisso?

Tinha sentido, diria o amigo Joãozinho Macedônio. Nem todo o homem que se senta numa cadeira de rodas o faz porque é deficiente físico. Uma

inferência linguística pragmática explicativa cancelável, raciocinou Jacquet com base em seus estudos sobre lógica.

Jacquet tentou ouvir a conversa, mas Fumanchu falava baixo, de costas para o detetive. Durante o tempo em que o outro esteve ao telefone, Tio Catiampas olhou com insistência para o relógio. Eram exatamente 18 horas quando, no auge da impaciência, anunciou que, agora sim, precisava ir embora. E, segurando Jacquet pelo braço, como se o enxotasse, mandou-o se retirar. Nesse momento, porém, a porta da frente se abriu e ouviu-se um burburinho. Tio Catiampas esmurrou a mesa e jogou-se na cadeira de rodas onde há pouco se sentava Fumanchu.

capítulo 10

“Coisa de louco! O boneco se agarrou no poste e recebeu uma saraivada de balas pelas costas. Depois, foi escorregando, aos poucos, no meio da lama, até esticar no chão a caveira crivada de azeitonas...”, dizia alguém, em meio ao burburinho que se seguiu após a porta de ferro ser aberta. Tio Catiampas levantou-se da cadeira de rodas, correu até a escada e gritou, com raiva:

— Baixem a bola aí, caralho! Temos visita, pô!

O burburinho cessou. Fumanchu desligou o telefone e retomou seu lugar na cadeira de rodas. O rapaz com cara de poeta concretista, ar sombrio e olhar no chão, conferia com a ponta dos dedos se os cabelos estavam bem repartidos. O semblante irado de Tio Catiampas descarregava em Jacquet a acidez de seu mau humor e descontentamento.

Em meio ao silêncio que se seguiu, começaram a aparecer, um a um, no topo da escada, aqueles que, Jacquet sabia depois, integravam a Confraria do Acaso, um grupo de tipos diversos, que se reunia ali sempre às sextas-feiras, para discutir assuntos dos mais variados, surgidos ao acaso, sem qualquer combinação prévia. O nome também era porque chegavam todos na mesma hora, sem adiantamentos ou atrasos. Se algum deles não chegasse junto, não viria mais naquele dia.

Surgiram, então, no topo da escada, em fila indiana, Dr. Medieval, o lacaniano ortodoxo; Papito, o bailarino argentino; Marquinho Sandy, o clone; Pinduca, o punk; Mauricinho Maurício, o publicitário; Mestre Severino, o

joycista quântico; M. D. Alduzílio, o altruísta; Vovô Kazeca, o epicureu; e Madame Zu Keila, que, a propósito, vinha a ser a mulher da foto, que Jacquet vira em atitude suspeita logo após a morte de Adavilson Doceiro.

Jacquet exultou, porque não se tratava de uma coincidência. Desgostava-se quando um caso seu era resolvido em função do acaso. Claro, a sorte também era amiga do trabalho, da persistência, do talento, do estudo minucioso de um caso, mas devia ser apenas uma aliada, não a chave com a qual fosse preciso contar de olhos cegos para o desvendamento de um crime. Gostava mesmo era quando uma ponta da trama se amarrava à outra a partir de um trabalho de dedução. O senso de oportunidade para fotografar o local do crime, a ideia de Joãozinho Macedônio de ampliar a foto, o nome do sebo na sacola, a localização do sebo, o encontro com a mulher: nada disso podia ser creditado a um lance de sorte ou à coincidência, mas a um trabalho de dedução iniciado a partir de seu senso de oportunidade na cena do crime.

Ao vê-los perfilados à entrada, um tanto desorientados sobre como proceder após a reprimenda de Tio Catiampas, Jacquet compreendeu por que o dono do sebo estava tão aflito. Queria evitar que ele os visse, em especial a mulher da foto. Minutos antes, havia dito que nunca a vira nem mais gorda, nem mais magra, conforme suas próprias palavras. Cretino, pensou Jacquet. Quis sentar-se em cima do rabo e se deu mal, muito mal. Agora, ia sentir a força do carvão de pedra.

Aos poucos, os membros da confraria foram se acomodando. Todos, no entanto, pouco à vontade e contidos. Dr. Medieval, que carregava duas sacolas de supermercado cheias de cerveja Guinness, foi o único a manifestar algo que devia ser rotina nos encontros da confraria. Estendeu as sacolas ao rapaz com jeito de poeta concretista e pediu a ele para colocar as cervejas na geladeira. Antes, pegou uma lata para si, abriu-a e despejou boa parte do líquido na boca.

Transtornado, Tio Catiampas apontou o dedo para o detetive, como se a conversa anterior entre eles não tivesse acontecido, na qual havia afirmado, de forma peremptória, não conhecer a mulher da foto:

— Zu, esse sujeito está procurando por ti.

— Qual o assunto? — ela perguntou, no mesmo nível de mau humor de Tio Catiampas.

O detetive disse que era um assunto particular. Ela respondeu que, com os amigos da Confraria do Acaso, não havia segredos, podia falar diante deles,

sem problemas. Jacquet se viu num beco sem saída: ou ia embora ou entrava direto no assunto.

— É sobre o assassinato de Adavilson Doceiro — disse por fim, já que ir embora era uma opção nascida morta.

Ao observar no rosto de cada um, a inútil tentativa de dissimular, Jacquet chegou a crer que, não fosse subestimar demais a capacidade de raciocínio da criatura humana, todos teriam dito, numa única voz: “Mas o Adavilson Doceiro foi assassinado?”.

Um silêncio se seguiu. Os sons de buzinas e de motores vindos da Osvaldo Aranha tornavam-se mais agudos, as sacolas de plástico na janela ao fundo, a cada rajada de vento, renovavam em Walter Jacquet a sensação de que havia alguém escondido atrás das estantes abarrotadas de livros – e que esse alguém os escutava, pronto para agir a qualquer momento se, por algum motivo secreto, assim entendesse.

O detetive repassou parte de sua vida na memória e não se lembrava de situação complicada como aquela. Nem mesmo quando estivera diante de adversários armados e dispostos a tudo se sentira tão desprovido de planos para enfrentar o inimigo como se sentia ali, perante todos aqueles tipos em pé, olhando para ele, sem a menor noção do que queriam e como reagiriam a qualquer movimento seu. Ao admitir que não havia melhor saída, pressionado pela convergência de seus olhares meio andróides focados em si, decidiu que a bola estava com ele, precisava chutá-la para algum lugar e esperar para ver.

— Os senhores conheciam Adavilson Doceiro?

A dificuldade entre eles foi decidir, sem poderem combinar com antecedência, o que responderiam. E quem o faria primeiro. Mas, antes que pudesse ocorrer alguma bobagem, de um dar uma resposta diferente do outro, Tio Catiampas assumiu a responsabilidade:

— Sim. Conhecíamos.

— Ele tinha amigos na confraria?

Jacquet sentiu que ainda vacilavam. Eles trocaram olhares.

— Não — respondeu Tio Catiampas, resolvendo a questão.

E o que o detetive observou após a seca resposta de Tio Catiampas foi uma espécie de efeito dominó. Foram todos repetindo “não”, movidos sabe-se por qual critério, da esquerda para a direita, até chegar a Fumanchu. Este, a

jogar tintas fortes sobre o surrealismo da cena, não abstraía do rosto um jeito Hare Krishna de rir, tivesse ou não o tema motivo para riso.

— O senhor fazia negócios com ele? — perguntou Jacquet a Tio Catiampas.

— Não.

— Por quê?

— Porque ele nunca me procurou para negociar.

— Mas ele não trabalhava com livros raros e usados?

— Meu avô vendia carros usados e nunca foi procurado para negociar com Henry Ford.

Também tinha sentido, teve que reconhecer Jacquet. Outra inferência linguística pragmática explicativa cancelável. Mal, muito mal, pensou o detetive. Com esse alto índice de inferências canceláveis, não iria a lugar algum. Estava na hora de Deus lhe brindar com uma inferência lógica verdadeira, definitiva, incancelável, tipo: João parou de fumar, João fumava; Chico matou Maria, Maria está morta; se a alface é verde e a cenoura amarela, a alface não é amarela e a cenoura não é verde... As linguístico-pragmáticas são muito traiçoeiras.

— E por que ele nunca o procurou? — prosseguiu Jacquet.

Tio Catiampas arregalou os olhos, voltando ao nível anterior de irritação.

— A seis quadras daqui, parceiro — falou ele, apontando em direção à Avenida João Pessoa —, no outro lado da Redenção, tem um centro espírita. Quem sabe o senhor não vai até lá e tenta um contato direto com o Adavilson e pergunta isso para ele?

Jacquet teve de reconhecer. Apesar do mau humor, era outra boa resposta. E sua pergunta também não tinha sido das mais felizes. Sentiu que dali não sairia mais nada. Além de tudo, a lógica parecia conspirar contra ele. Mas ainda jogou uma última carta sobre a flanela verde.

— Vocês sabem o porquê do apelido Doceiro, se a atividade dele envolvia negócios com livros raros e usados?

De novo o efeito dominó, um castelo de cartas. Da esquerda para a direita até chegar a Fumanchu, acomodado na cadeira de rodas, a cara a transcender felicidade, destoando da fisionomia dos colegas:

— Não.

— Não.

— Não...

Jacquet pensou em ignorar os outros personagens e dirigir-se direto a Madame Zu Keila, perguntar sobre a presença dela no local do crime, logo após o assassinato, mas mudou de ideia. Ali, naquelas circunstâncias, na frente de todos, conhecidas de antemão as reações que teriam diante de qualquer pergunta, seria queimar chumbo de graça e perder uma boa chance de avançar nas descobertas já feitas. Com aqueles loucos, seria como tirar leite de pedra. Um mais maluco que o outro. Doideira total, nada mais a fazer, pelo menos por enquanto.

Decidiu ir embora e armar um plano para conversar a sós com Madame Zu Keila. Ninguém lhe tirava da cabeça que a chave de tudo não estava ali. A partir de agora, era preciso cautela e perseverança. Agradeceu, pediu desculpas pelo contratempo e desceu as escadas. Atrás, seguindo-o de perto, vinha o rapazola com cara de poeta concretista para abrir a porta. Enquanto descia, nada ouviu, nem vozes, nem o farfalhar das sacolas de plásticos na janela, nem qualquer outro tipo de som, humano ou não, entre as paredes carcomidas do Sebo Tio Catiampas.

capítulo 11

Walter Jacquet voltou para casa com sol alto. Esperava-o acordado o amigo Joãozinho Macedônio, que tomava mate na varanda, de frente para o rio. Preparava-se para zarpar o navio do dia anterior, de bandeira norueguesa, carregado de toras. Lá se ia um outro pedaço da nova paisagem do pampa, agora, em certas regiões, transformado em extenso deserto de eucaliptos. Mas Macedônio, de momento, preocupava-se com Jacquet. Tivera tempo de pensar com calma durante a noite. Mesmo movido por um interesse humanitário, correto e elogiável, talvez estivesse se metendo numa encrenca da grossa sem necessidade. O detetive concordou, também havia pensado na questão. Porém, quando se dera por conta, já estava envolvido na história. Não tinha como voltar atrás.

— Isso é uma cachaça, amigão — disse Jacquet, passando a revelar os fatos ocorridos no fim da tarde passada, no Sebo Tio Catiampas.

Joãozinho ouvia com interesse os detalhes da narrativa. E os fatos relatados contribuíram para aumentar seu desagrado, o caldo começava a engrossar de forma perigosa, e talvez ainda houvesse tempo de caírem fora do barco. Encheu o mate e passou a cuia para Jacquet. Enquanto o detetive sorvia o primeiro gole, Joãozinho observou que o melhor seria deixarem as coisas como estavam. O caminho tomado pelos fatos poderia deixá-los reféns de uma situação de grande perigo. A tal Confraria do Acaso não lhe parecia algo do bem, aquilo era um esquema de gente mafiosa, ligada sabe-se lá ao

quê: narcotráfico, contrabando, pirataria, caça-níqueis, tráfico de mulheres, roubo de cargas. O comportamento deles, os tipos meio malucos – podia ser puro despiste. O que era o tal Fumanchu na cadeira de rodas? Algum motivo, torpe ou não, tinha para isso. Não era só para sentar-se, não. Só um trouxa para engolir aquilo. E o Dr. Medieval despejando Guinness nos queixos? Está certo que tinha bom gosto, mas não precisava se atirar daquela forma na presença de um estranho. Por trás daquele gesto de despojo, de pretensa naturalidade, havia escárnio, deboche, soberba. Coisa de mafioso.

— Tudo para despistar — continuou Macedônio. — Ficam se fazendo de loucos para poderem comer de colher.

O detetive disse que não tinha volta, não ia descansar enquanto não descobrisse qual era a trama escondida por trás da morte de Adavilson Doceiro e da confissão do laranja Zé Moringa. Isso, agora, era uma questão de honra; iria até o fim.

Terminou de tomar o mate, devolveu a cuia a Macedônio e passou a relatar a segunda parte dos fatos, ocorrida depois de sua saída do sebo.

— Diante da impossibilidade de arrancar alguma coisa daqueles loucos com caras de andróides, achei produtivo ir embora, sem mais conversa. Mas decidi, aliás, já havia decidido lá em cima, durante a tentativa de conversa, ficar de campana até Madame Zu Keila sair. O tempo foi passando e nada. Me posicionei no outro lado da avenida, junto à Redenção. Não sei onde corria mais perigo, se lá em cima com os bruxos de Tio Catampas ou ali, na rua, vendo passar toda espécie de maluco que se possa imaginar, do calado e estranho ao doido varrido. De arrepiar os cabelos. Mas me mantive firme na decisão de esperar Madame Zu Keila. Eu já estava quase entregando os pontos, de madrugada, até que saíram todos ao mesmo tempo. Uns pegaram táxis, outros foram caminhando, entre os quais ela, meu foco naquele momento. O movimento na Osvaldo Aranha era mínimo, apenas alguns punks bêbados dormindo junto às paredes ou sentados no meio-fio. Na altura do Hospital de Clínicas, os dois acompanhantes de Madame, Dr. Medieval e M. D. Alduzílio, despediram-se dela, entraram juntos num táxi, e ela seguiu adiante, sozinha, fato que colaborava para as minhas pretensões. Passou o viaduto da Silva Só e se foi, caminhando devagar e despreocupada com a noite e suas possíveis traições. Eu já estava pedindo água quando ela virou à direita, já em Petrópolis, na Rua Corte Real. Madame Zu Keila

morava num elegante prédio de amplas sacadas, logo após a esquina com a Rua Dona Eugênia.

Para surpresa de Jacquet, quando ela chegou em frente ao prédio, virou-se para trás e disse, com naturalidade, como se, mesmo de costas, tivesse acompanhado noite adentro toda a saga do detetive, do Bom Fim aos altos do bairro Petrópolis:

—Vamos conversar lá em cima, por favor.

O apartamento de Madame Zu Keila não era menos elegante que o prédio: quadros originais nas paredes, esculturas em bronze e terracota nas estantes, um harmônico conjunto de poltronas e sofás cobertos de almofadas, um tapete persa no meio da sala de estar, candelabros e vasos de cristal nas mesas, livros de arte sobre um aparador de madeira bruta e, talvez destoando um pouco das demais peças, uma imensa carranca de São Francisco num canto. No lado oposto, sob a luz indireta de três spots, havia uma tenda de seda colorida, com desenhos do zodíaco em vários tamanhos, forrada por tapetes de lã crua, onde também se estampavam signos do zodíaco. No interior, dois bancos sem guardas e uma mesa de madeira bruta, um jogo de cartas de tarô, búzios e sete pirâmides de cristal em cima. Era ali que Madame Zu Keila atendia clientes e fazia mapas zodiacais sob encomenda, uma atividade hoje das mais rentáveis, depois da lipoescultura e do botox em doze parcelas, as pitonisas, cartomantes e pais de santo para desatar as pendengas do presente e desvendar as urdiduras do futuro. O mundo, para muita gente, era isso. E Madame Zu Keila, pelo jeito, sabia muito bem aproveitar a oportunidade que o mundo dos negócios lhe oferecia.

Jacquet percebeu ainda um telescópio preso a um tripé, ao lado da porta de vidro que dava para a varanda, onde se balançava ao vento uma colorida rede de algodão cru. Madame Zu Keila, tudo indicava, tinha o hábito de bisbilhotar os detalhes da cidade e dos apartamentos vizinhos. Era uma vista bonita. Jacquet firmou o olhar na paisagem e percebeu que, durante o dia, daria para ver até a Usina do Gasômetro e parte do Guaíba.

Madame pediu licença para lavar as mãos e o rosto. Estava muito cansada, precisava de um choque térmico, de uma água fria em abundância, para retomar o ânimo. Antes de entrar no lavabo, ligou o aparelho de som. De dentro da boca da carranca, onde havia uma caixa de som, saiu uma música estranha, um solo de flautas acompanhado de uma espécie de solfejo de vozes femininas.

Jacquet ficou de frente para a varanda. Via, um pouco adiante, o campanário iluminado da Igreja Santa Cecília e um trecho da Avenida Ipiranga, à esquerda. Num prédio abaixo, a umas três quadras, as luzes de um apartamento com amplas janelas de vidro foram acesas e uma mulher nua andou até a área de serviço para apanhar uma toalha. Voltou ao quarto, abriu as persianas da janela e parou para se olhar no espelho da parede. O detetive lembrou-se do telescópio ao lado da porta de vidro. Nesse instante, porém, durante a fração de segundo em que seu cérebro foi buscar a informação sobre a presença do telescópio, ele ouviu junto ao ouvido o som seco de uma arma sendo engatilhada. Tão desumana quanto o som metálico da arma junto à orelha direita, reverberou-lhe nos tímpanos a voz de Madame Zu Keila, soturna, tenebrosa, como se saísse do fundo das trevas e o ameaçasse com uma grande catástrofe:

— Ela faz isso todas as manhãs...

O detetive, então, foi se virando aos poucos, com cuidado, as mãos para cima, conforme lhe determinava a voz masculina de quem segurava a arma. Da boca da carranca, a música de encantar serpentes parecia aumentar de volume a cada segundo. E o que causou em Jacquet uma certa moleza nas pernas, um esmorecimento involuntário, uma vontade intensa de escorar o corpo em algum lugar firme para não desabar inteiro, não foi a possibilidade da arma disparar a qualquer momento, muito menos a música estranha saindo da boca da carranca. Foi, isso sim, a imagem meio satânica deles, um ao lado do outro, as mesmas caras de doidos de horas atrás, dos integrantes da Confraria do Acaso. Parados junto à porta de entrada do apartamento, pareciam bonecos de cera recém-acabados, mas ainda sem os últimos retoques do artista. Era demais.

Com exceção de Mestre Severino, que era quem segurava a arma, estavam todos ali, a mesma expressão de seres autômatos à espera de um comando observada por Jacquet no início da noite, nas dependências do Sebo Tio Catiampas: Dr. Medieval, Papito, Marquinho Sandy, Pinduca, Mauricinho Maurício, M. D. Alduzílio, Madame Zu Keila, o próprio Tio Catiampas, o rapazola com jeito de poeta concretista, Vovô Kazeca e Fumanchu, agora sem a cadeira de rodas, mas com o mesmo aspecto feliz e transcendental de horas atrás.

Em resumo, o experiente detetive Walter Jacquet havia caído numa cilada de mestre.

capítulo 12

Madame Zu Keila tinha certeza de que o assassino de Adavilson Doceiro não era Zé Moringa, mesmo sabendo da confissão dele e da conclusão do inquérito por parte da delegada Florença Flores. Admitiu a Jacquet que, no dia do crime, na abertura da Feira do Livro, pensara em revelar algo à delegada. Mas fora ameaçada por um sujeito fantasiado de arlequim que ela pensou ser um desses artistas contratados para promover a feira do primeiro ao último dia.

Jacquet procurou se recordar das fotos tiradas por ele e arquivadas no computador de Joãozinho Macedônio. Era verdade. Entre os presentes, em fotos de plano mais aberto, havia uma pessoa fantasiada de arlequim. Esse personagem teria mostrado uma arma a Madame e a obrigado a ir embora. Se não o fizesse, levaria chumbo. “Não te mete no que não é da tua conta”, teria dito o arlequim.

Ela correu assustada, esquivando-se entre as barracas, com medo de ser também assassinada. Ao passar diante do MARGS, olhou para trás e viu que o arlequim continuava a segui-la à distância. Correu até um ponto de táxi e foi para o sebo de Tio Catiampas. Lá se refugiou até o dia seguinte.

Joãozinho Macedônio, ansioso pelo desfecho da história, interrompeu a narrativa de Jacquet. Queria saber primeiro como ele havia se safado, no apartamento de Petrópolis, das garras dos doidos amigos de Madame Zu

Keila, em especial do revólver apontado para a sua cabeça. Jacquet riu, o semblante ainda acusando cansaço.

— Num determinado momento, cheguei a pensar que seria uma luta inglória. Os cabras não tinham apenas a cara de doidos. Eram doidos mesmo. Mas, depois de uma certa altura, senti que era a hora do tudo ou nada, de confiar na minha estrela. Foi uma espécie de roleta-russa, no duro. Abri o jogo. Encarei a todos, um por um, e disse que não estava de acordo com o inquérito da delegada Florença Flores. Aquilo me cheirava a uma armação para esconder peixe graúdo. relatei a eles minhas convicções, minha linha de raciocínio, a conversa com a delegada Florença Flores, inclusive a história do cachorro salsicha chamado Dafô. Eles acharam muito interessante. Até riram. A delegada devia ser depressiva mesmo. Ilustrei meu raciocínio com o caso do Juca Midoca e seu vira-lata Mortadela. Conteí até do meu cachorro Pirão. Fui ganhando confiança, descontraindo o ambiente, numa boa, sem demonstrar nervosismo ou tornar a relação ainda mais belicosa. Foi quando eles, antes desconfiados e escorregadios, começaram, aos poucos, a sacar que estávamos no mesmo lado. A partir daí, foi como chutar a gol e correr para o abraço...

— Então, por que aquela hostilidade toda, Waltão? Só faltaram te estrangular...

— Elementar, meu caro. Tio Catiampas, logo que cheguei ao sebo, pensou que eu fosse da turma do arlequim, certo? E que estava lá para dar sumiço em Madame Zu Keila. Para ele, de início, minha intenção era apagar arquivos. E Madame Zu Keila, aos olhos de quem matou Adavilson Doceiro, representa um risco. Mas aí, depois que entenderam minha posição, quando viram que eu era um dos deles, passaram a me tratar com simpatia. E até com uma certa veneração, devido ao meu passado como detetive. A seguir, me relataram, às vezes até com certa autoironia, os fatos ocorridos no sebo logo após minha saída. Depois de muita ponderação, um pró daqui, um contra de lá, Madame decidiu voltar ao apartamento, ainda naquela noite, e me atrair. Tudo indicava que eu estaria de campana na rua ou nas proximidades. Usaram a própria Zu Keila como isca, e fui seguido pelos amigos dela. E, sem dúvidas, fui seguido também por quem seguia Zu Keila, se uma perseguição a ela estivesse mesmo ocorrendo no momento.

E era disso que precisavam se cuidar a partir daquele momento, podiam estar todos sendo seguidos, reiterou Jacquet ao longo do relato. Macedônio,

por sua vez, estava aflito. O detetive vinha dando bandeira demais, o crime organizado no Brasil não era brincadeira. Ele devia entender isso de uma vez por todas e dar uma de dentinho de leite:

— Tu tens que cair da boca imediatamente, Waltão.

Jacquet fez que não ouviu:

— Quando Mestre Severino baixou a arma e esboçou um pedido de desculpas, tive outro momento de dificuldade, cambaleei de fraqueza. O que me salvou foi a imagem que vi, agora que o dia começava a raiar, no apartamento em frente, onde uma mulher, logo após minha chegada, tinha ido à área de serviço pegar uma toalha. Essa mesma mulher, agora, havia saído do banho e estava no quarto, de costas para a janela... e acabava de deixar cair a toalha. Agachada, as mãos revirando uma gaveta do roupeiro, parecia garimpar uma calcinha para usar a seguir. O ambiente vinha tão descontraído que um dos loucos do Tio Catiampas, o Dr. Medieval, sugeriu que eu pegasse o telescópio para apreciar melhor a paisagem.

Joãozinho Macedônio puxou bastante ar e conteve a respiração.

— Aí seria covardia — continuou Jacquet, de bom humor.

— Acho que, além de detetive, tu darias um bom escritor de sacanagem, Waltão. Se é verdade ou não essa história da mulher pelada, não sei. Mas que tu me deixas meio de sangue quente, ah, deixas!

Uns sentados no chão, entre almofadas, outros nas poltronas e sofás, transformavam o ambiente antes tenso em clima de confraternização. Em tom amistoso, Madame Zu Keila e os membros da confraria chegaram a rir da situação, em especial de Mestre Severino, um doutor em física e estudioso da obra de Joyce, que nunca matara uma formiga em toda a vida e muito menos havia tocado as mãos numa arma de fogo.

Depois de um café recém-coado por M. D. Alduzílio, o altruísta, e servido em canecas de cerâmica por Vovô Kazeca, o epicureu, Madame passou a relatar ao detetive sua relação de amizade com Adavilson Doceiro, iniciada havia muitos anos.

Adavilson começara a vida como doceiro e, na década de 70, em Porto Alegre, não tinha quem não o conhecesse. Do Menino Deus ao Moinhos de Vento, do Centro ao Alto Petrópolis, do IAPI a Ipanema, sua arte no preparo de doces era requisitada para casamentos, aniversários, batizados, formaturas, todo tipo de festa. Certa vez, ao receber dele uma encomenda na Avenida Independência, nas proximidades da Santa Casa de Misericórdia, a viúva de

um médico lhe falou da intenção de se desfazer dos livros do marido. E perguntou se ele não queria escolher alguns para levar. Como gostava de leitura, separou vários para si. Entre eles, veio a descobrir depois, uma primeira edição de *Dom Casmurro* autografada pelo autor. Mostrou a um livreiro, e ele lhe ofereceu 500 paus. Adavilson achou que, se ele oferecia 500, era porque valia mil. No fim das contas, vendeu por dois mil em espécie.

Entre os próprios livros dessa viúva, ele encontrou outras raridades, uma primeira edição de *Macunaíma* e outra de *O guarani*, também autografadas pelos respectivos autores, Mário de Andrade e José de Alencar. De posse dessas raridades, Adavilson voltou ao livreiro e arquitetou outra negociação, dessa vez em condições ainda melhores que a anterior. A partir daí, tomou gosto pelo negócio e mudou de ramo. Além de gostar do que fazia, pois sempre fora um leitor inveterado, tinha sorte e presença de espírito.

Certa vez, na Avenida Praia de Belas, viu um papeleiro oferecer uma pilha de livros velhos ao dono de uma banca de revistas. O revisteiro nem quis olhar. Não comprava livros velhos. Adavilson, que ia passando e ouviu a conversa, pediu para olhar os títulos. Havia ali uma primeira edição de *Sagarana*, de Guimarães Rosa, e outra de *Os fantoches*, uma primeira edição de pequena tiragem, de Erico Verissimo. Parece que farejava coisa rara, diziam os conhecidos quando ele aparecia com uma raridade, conseguida, quase sempre, de forma espetacular. Os livros trazidos à luz por Adavilson Doceiro sempre eram acompanhados de uma história mirabolante que valia a pena ser ouvida.

— No dia em que foi assassinado — contou Madame Zu a Jacquet —, havíamos marcado um encontro na Feira do Livro. Ele ia me revelar um assunto grave e precisava de ajuda. Senti que estava preocupado, tenso, de pouca conversa, ele que falava pelos cotovelos. Temia que seu telefone estivesse grampeado. Por isso, não adiantou o teor do assunto, mas me recomendou que não faltasse ao encontro. Minha opinião seria muito importante e derradeira para a decisão a ser tomada ainda naquele dia.

Quando a polícia anunciou a prisão de Zé Moringa, Zu Keila recebeu uma ligação estranha e intimidadora. Alguém a ameaçava de morte se ela abrisse a boca sobre qualquer fato envolvendo o assassinato de Adavilson Doceiro. Ela concluiu, então, que Adavilson tinha razão. Seu telefone devia estar grampeado. Talvez tivessem ouvido a conversa dele com Zu Keila no dia

do assassinato. Só ficaram nas ameaças, de início, por terem certeza de que ele não havia revelado a ela o motivo do pedido de encontro. E como conseguiram matá-lo antes dele se encontrar com ela, não havia, pelo menos de início, motivos para matar mais um.

Desde então, com medo de ser assassinada, Zu Keila passou a se hospedar na casa de amigos, às vezes no sebo, outras no sítio de Mestre Severino, em Viamão, em outras na cabana de Vovô Kazeca, o epicureu. Até a noite anterior, quando ela e os integrantes da confraria atraíram Jacquet, não havia retornado ao seu apartamento. Era provável que todos esses lugares, no entanto, já estivessem marcados, assim como, agora, estaria marcado o apartamento de Joãozinho Macedônio. Os perseguidores de Madame Zu Keila já haveriam de ter farejado o encontro deles no edifício de Petrópolis.

capítulo 13

Enquanto servia o jantar – rabada com salada de agrião, polenta mole, arroz branco e moranga caramelada –, Inácia brincou com Walter Jacquet. Ela não havia se esquecido daquele pirão de camarão por ele preparado na outra vez em que viera ao Brasil. Até havia tentado fazer a receita, mas não tinha ficado tão gostoso, tanto que nem tentara uma segunda vez para não repetir o erro.

— Aquela receita já extrapolou fronteiras! — caçoou Joãozinho Macedônio, o queixo lambuzado de gordura.

O detetive prometeu ir para a cozinha tão logo resolvesse o caso Adavilson Doceiro. Por enquanto, não conseguia se desviar do assunto e não sossegaria enquanto não desvendasse a trama. Nessas condições, desatento para tudo o que não fosse o crime, ir para a cozinha seria fazer todos correrem um perigo desnecessário. Depois, sim, iriam celebrar com um belo pirão e um líquido de boa cepa, para ninguém botar defeito, tudo por conta dele.

Os trabalhos haviam avançado bastante nas últimas horas. A descoberta de Madame Zu Keila e as informações por ela passadas abriam uma imensa janela. Podia vislumbrar o horizonte e ir atrás de outras informações capazes de unir os laços ainda soltos da trama. Jacquet ficava excitado ao se referir às descobertas feitas até ali. Tudo começava a se encaixar. O avanço mais evidente dizia respeito à possível troca do livro que Adavilson Doceiro

carregava na hora do crime e à mudança de depoimento da mulher testemunha do crime. A se encaixar a esse detalhe havia, agora, uma notícia publicada nos jornais do dia, sobre a qual o detetive queria falar e pedia a atenção de Macedônio.

— Só não se esqueça de uma coisa, doutor Walter — interrompeu-o Inácia, enquanto cuidava para ver se estava tudo em ordem na mesa. — Olho vivo e pé ligeiro, já dizia minha vó.

— Obrigado, Inácia — ele respondeu, rindo. — Depois de tudo resolvido, vou pilotar a tua cozinha, serás minha convidada.

Inácia disse que ia cobrar a promessa, tinha boa memória e aquele pirão era de dar água na boca.

Jacquet pegou um jornal do aparador e mostrou a Joãozinho a notícia sobre o livro raro encontrado por um antiquário gaúcho, dias atrás, em Buenos Aires. Aquilo o deixara intrigado, já tinha até uma hipótese a ser colocada em prática. Precisava, agora, sentar-se, alinhar os pensamentos e voltar a campo para novas diligências.

Na tarde anterior, em evento na Feira do Livro, o antiquário Nino Catarella anunciou que encontrara ao acaso, num sebo de San Telmo, aquele que seria o primeiro romance publicado no Rio Grande do Sul e no Brasil. Chamava-se *Os parceiros do Ivaí* e contava a história de dois desertores farroupilhas que se refugiaram nuns matos às margens do Rio Ivaí, na atual região de Cruz Alta e Júlio de Castilhos. Terminada a guerra, não quiseram voltar à civilização e continuaram morando juntos.

— Sei... Uma espécie de *O segredo de Brokeback Mountain* gaudério — observou Joãozinho, jocoso.

— Pode ser — continuou o detetive, rindo. — A partir daí, os dois desertores foram perseguidos de forma implacável. Houve até um grupo de radicais que localizou a moradia deles, no meio do mato, e a incendiou. Os dois ainda tentaram conviver com aquilo, mas foi impossível. Sofrendo perseguições de toda ordem, religiosa, política e social, fizeram um pacto de morte. E se suicidaram, deixando-se picar por uma jararaca.

Joãozinho Macedônio não se conteve. Soltou uma gargalhada, como se tivesse ouvido uma boa piada.

— Mas que loucos! — observou Inácia. — Se eu ia fazer uma coisa dessas! De cobra eu quero distância. Ainda mais jararaca! Chega a dar arrepio

só de imaginar, doutor Walter.

O autor de *Os parceiros do Ivaí* era um tal Aniceto Severiano, jovem literato com problemas de relacionamento com o pai, este um conhecido estancieiro da região, que jamais se conformou com a carreira “inútil” do filho e seu desinteresse pelas atividades do campo – no caso, a pecuária. Sem se envolver no cotidiano da estância e refratário às intenções do pai de fazê-lo sucessor à frente dos negócios da família, Aniceto dedicava-se à poesia e à leitura de folhetins de jornais e livros encomendados pela mãe a uma livraria de Porto Alegre. As relações entre pai e filho, desde as primeiras manifestações de simpatia do filho pelas artes e pela literatura, sempre foram de conflito.

— Até parece que conheço essa história... — comentou Inácia, ajeitando as travessas de comida no centro da mesa.

Escrito antes de acabar a Revolução Farroupilha, o livro fora impresso numa gráfica de Montevideú, patrocinado pela mãe de Aniceto, quando já era viúva do estancieiro – e ela mesma assumira os negócios da estância. A partir da publicação da obra, Aniceto, a exemplo de seus personagens fictícios, também passou a ser vítima de perseguições. Depois de ver quase todos os exemplar de seu livro serem queimados por radicais, teria se recolhido a uma espécie de clausura voluntária e morrido de desgosto.

Dias atrás, numa viagem a Buenos Aires, Nino Catarella encontrara um exemplar de *Os parceiros do Ivaí* autografado para a mãe, tornando-o mais valioso. Segundo ele, uma empresa multinacional ligada à plantação de eucaliptos no interior gaúcho assumira com ele o direito de lançar em breve uma edição comemorativa da obra. Quanto ao exemplar em questão, pretendia doar à Biblioteca Pública do Estado.

Ao ouvir o relato, Joãozinho Macedônio ficou impressionado com a história e achou-a de grande interesse para as letras sul-rio-grandenses. Nunca tinha ouvido falar de Aniceto Severiano, muito menos da existência do livro *Os parceiros do Ivaí*. E se dispôs a iniciar na hora algumas pesquisas na tentativa de descobrir mais detalhes.

Terminado o jantar, Inácia trouxe a sobremesa: uma ambrosia feita por ela na noite anterior, conforme havia prometido a Jacquet. Joãozinho pediu que ela os servisse na biblioteca e convidou o detetive para tomar um digestivo e saborear um puro, enquanto “confabulavam” sobre Adavilson Doceiro. O caso, agora, com a história do livro raro, tomava, de acordo com suas próprias

palavras, ares de maior nobreza. Inácia aproveitou para lembrar Macedônio da recomendação feita pelo irmão mais velho dele, que estivera à tarde no apartamento para deixar alguns mantimentos trazidos do Alegrete.

— Não se esqueça do que deixou dito o doutor Fortunato sobre a bebida — recomendou ela.

Como se Joãozinho não entendesse, Inácia acrescentou, apontando para duas garrafas de vinho vazias sobre a mesa:

— Que é pro senhor manear na bebida, principal o uísque. Os preços em Libres foram pras alturas por causa da crise lá nos Estados Unidos.

Joãozinho levantou-se da cadeira e, com ar sombrio, disse que já estava tomando todos os cuidados necessários em relação à crise americana.

— Diga para o Fortunato que ele não precisa perder os cabelos da bunda por isso... O Brasil é nosso.

— Taí uma coisa que não me entra na cabeça, doutor Walter — observou Inácia, virando-se para Jacquet, que também se levantava da cadeira. — O que uma pendenga entre ricos lá no outro lado do mundo tem a ver com o uísque que o doutor Joãozinho bebe ali na poltrona dele?

— Isso se chama globalização, Inácia — explicou Jacquet.

— Ora, doutor Walter — retrucou ela, empilhando os pratos sujos de comida uns sobre os outros. — Isso pra mim tem outro nome: empulhação!

Já na biblioteca, Joãozinho apanhou um charuto e passou a caixa a Jacquet. As coisas começavam a se encaixar. Jacquet exultava, tinha elementos de sobra para ir adiante e, em poucos dias, desvendar o caso Adavilson Doceiro. Precisava encontrar Madame Zu Keila com urgência e colher outras informações.

Joãozinho serviu-se de Napoléon e passou a garrafa para Jacquet. O detetive despejou uma dose no cálice e movimentou-o em círculos, de forma que o líquido se agitasse em ondas disformes na transparência dourada do cristal. Um aroma acentuado de conhaque inundou o ambiente.

— Ainda acho que é preciso ter cuidado com esse pessoal do Tio Catampas — disse Joãozinho, pegando o cortador de charutos.

Jacquet estava pensativo, absorto, o olhar fixo nos vincos da glicerina que escorriam na superfície interna no cálice. Virou-se para Macedônio para dizer alguma coisa, quando o outro também abria a boca para falar. Enquanto se organizavam sobre quemalaria primeiro, tocou o celular de Jacquet. Era Madame Zu Keila, aflita. Falava de um telefone público, pedia para ele ir

encontrá-la naquela hora mesmo, nem um segundo a menos. Queria vê-lo, tinha novidades, mas não podia, por motivos conhecidos de ambos, falar por telefone. O dele também já podia estar grampeado. Ele devia pegar um táxi em direção ao Centro. Pedisse ao motorista que o deixasse na Caldas Júnior, esquina com a Rua da Praia. Ali, ele deveria dar um toque para o celular dela. Ela voltaria ao telefone público e diria o lugar onde se encontrava.

Joãozinho achou que ir àquele encontro, naquela hora, seria imprudência — ainda mais sem lugar definido. Aquilo lhe parecia uma cilada. Tentou demover Jacquet da decisão de ir, mas não houve jeito. O detetive apanhou o casaco e se preparou para sair. Joãozinho abriu uma gaveta da escrivaninha, apanhou um revólver e entregou-o a ele. Jacquet vacilou antes de pegar a arma.

— Pelo menos, leva isso para te defenderes — disse Macedônio, colocando o trinta e oito na mão do detetive. — Pode ser outra cilada, Waltão. Embora não os conheça em carne e osso, apenas pela tua descrição, não confio na catrefa desse tal Tio Catiampas. E não te esqueças de um ditado da Inácia: a cautela é a mãe do elefantinho de cristal...

capítulo 14

Depois que o táxi arrancou da sinaleira de trás do Palácio da Justiça, na Rua Riachuelo, e quando passava pelos fundos do Theatro São Pedro, tocou o telefone de Jacquet. Ele olhou para trás, outros dois táxis seguiam o fluxo. Um Passat caindo aos pedaços ultrapassou-os pela direita e seguiu adiante. Três motoqueiros também ultrapassaram o táxi em alta velocidade, como se perseguissem alguém. Na calçada, uma van que havia largado um grupo de hóspedes de um hotel das redondezas esperava uma brecha para voltar à rua.

Quem chamava era Madame Zu Keila, agitada, ainda falando de um telefone público. Queria saber em que altura do caminho ele estava. Jacquet deu a posição, saindo da Riachuelo e entrando na Caldas Júnior. Ela pediu que ele não desligasse. Ficou em silêncio, Jacquet também. O carro desceu, o trânsito fluía desafogado naquela hora, até que ela falou outra vez:

— Pode descer aí mesmo.

Jacquet pagou o taxista e seguiu pela calçada, ao lado do Shopping Rua da Praia. Na faixa de segurança da esquina, em direção à Usina do Gasômetro, um grupo de pagodeiros com seus instrumentos esperava para atravessar. Um pouco adiante, na calçada onde estava Jacquet, junto a uma parada de ônibus, havia algumas pessoas encostadas no muro. Dois namorados carregando sacolas da Feira do Livro embarcaram na lotação Rio Branco, que acabava de descer a rua em baixa velocidade. Um ônibus verde, vindo logo atrás, chegou à parada, e as outras pessoas embarcaram.

Madame voltou a falar. Estava numa pracinha de brinquedos, atrás das estátuas em bronze de Mario Quintana e Carlos Drummond de Andrade. Jacquet devia correr. Assim, mesmo que o telefone dele estivesse grampeado, não haveria tempo de seus perseguidores o localizarem em pouco tempo.

As barracas da Feria do Livro estavam fechadas. Na altura do Clube do Comércio, os camelôs guardavam bugigangas em grandes sacolas de treliça. Ao lado, solitário, um homem muito magro e de cabelos crespos cantava *Maluco beleza*, abraçado a um velho violão com fotos de Raul Seixas. Apenas algumas prostitutas circulavam nas alamedas da praça à procura de clientes potenciais.

O detetive andou mais uns metros, entrou na Praça da Alfândega e avistou uma mulher fantasiada de Emília, encolhida num banco, ao lado de um escorregador da pracinha infantil. Quando ela o viu, correu ao encontro dele. Disse que deviam sair dali sem demora. Tinha tomado todas as precauções para não ser seguida, mas nada era garantido. Estava assustada. Pelo jeito, o pessoal com o qual Adavilson se meteu era mesmo barra pesada. Tinha a informação que levaria ao assassino dele – e, se eles soubessem disso, também a matariam sem vacilar.

Correram até a Rua da Ladeira, subiram às pressas e, na esquina, atacaram um táxi que dobrava para a Andrade Neves. Antes de embarcar, o detetive cuidou os arredores. Nada de estranho, nenhum indício de que pudessem estar sendo seguidos. O táxi andou. Tiveram sorte de pegar a sinaleira da Borges de Medeiros aberta. Quando dobraram à direita, no sentido centro-bairro, Jacquet olhou para trás. Nenhum carro saía da Andrade Neves. O sinal fechara-se e começava a entrar na avenida o fluxo vindo da Salgado Filho.

Madame Zu Keila tinha um plano. Iriam para o bar de um conhecido seu na Cidade Baixa. Queria contar ao detetive o que se passara com ela nas últimas horas. Atrás do bar, havia um reservado para amigos, onde eles poderiam conversar à vontade. Jacquet, no entanto, achou que ela, assim fantasiada, iria chamar a atenção. A curiosidade humana é uma droga letal. Por mais reservado que fosse o lugar, alguém os veria chegando. E, daí para frente, a ida do assunto adiante, de boca em boca, até chegar a um ouvido impróprio, seria uma questão de sorte ou de azar – e, quanto menos dependessem apenas da sorte e do azar, menores seriam as chances de darem um passo em falso.

Desconfiado, o motorista queria saber para onde eles iriam. Motorista de táxi é outro tipo complicado. Quando não estão curiosos, estão com medo, ou ávidos por uma conversa. Têm sempre algo extraordinário para contar. Triste ou engraçada, sempre têm uma história na ponta da língua. E quando não lhes são dados ouvidos, ficam vingativos, passam o sinal vermelho e cortam pela direita. Mesmo assim, talvez fosse mais sensato conversarem no próprio táxi, ponderou Jacquet. Depois, veriam o que fazer. Jacquet pegou três notas de vinte reais da carteira e passou ao motorista como garantia. Essa linguagem eles entendiam bem. Aliás, quem não a entende? Jacquet pediu que ele descesse até a Avenida Ipiranga e tomasse a esquerda. Eles queriam apenas conversar, depois indicaria o lugar onde deveria deixá-los. O taxista pegou o dinheiro e disse “oquei”, cuidando-os pelo retrovisor.

O cheiro indigesto do Arroio Dilúvio entrou pelas janelas do táxi. Entraram na Ipiranga, à esquerda, e seguiram ao léu, em baixa velocidade, conforme pedira Jacquet ao entregar os sessenta paus ao motorista.

Madame Zu Keila revelou que, após a morte de Adavilson, com todos aqueles transtornos de não ir para casa, sempre fugindo, não havia mais aberto seus e-mails. Agora, encontrara uma mensagem enviada por Adavilson momentos antes de sair à rua para o encontro marcado na Feira do Livro. Ele temia ser assassinado. E, se isso acontecesse antes de se encontrarem, Zu Keila devia ir ao porão de uma casa abandonada na Rua Fernando Gomes, nas proximidades da Calçada da Fama, no bairro Moinhos de Vento. Dez exemplares de *Os parceiros do Ivaí* lá haviam sido enterrados pela mãe do autor, que se mudara para Porto Alegre logo após a morte do filho. Esses teriam sido os poucos livros que ela conseguira salvar da fogueira, e a tal casa a última moradia dela na capital.

Jacquet não se conteve. Deu um soco no ar que lembrava um jogador de futebol ao comemorar um gol. O motorista olhou-o pelo retrovisor. Jacquet exultava. O motorista percebeu que aquilo não era nada demais e concentrou-se na direção. O detetive quis saber se Madame Zu Keila havia revelado o conteúdo da mensagem para mais alguém. Ela respondeu que não. Ligou para ele tão logo tomara conhecimento da sua existência. O detetive pediu a ela que, por enquanto, deixasse o assunto só entre eles dois. Nas situações de perigo, o silêncio é sempre a melhor companhia, o melhor conselheiro. Quanto menos cabeças souberem o que se passa uma dentro de

outra, melhor. Enquanto os fatos não fossem esclarecidos, o mais seguro era dar a impressão de que estava tudo em ordem, de que não sabiam de nada. Isso valia até para as pessoas de maior confiança.

Agora, precisavam encontrar um jeito de se separar sem despertar atenção. Aproximavam-se da rótula da Segunda Perimetral, diante da Vila Cachorro Sentado. O detetive pediu para o motorista fazer o retorno e voltar em direção ao Centro. Agora, podia andar mais rápido, estava tudo resolvido entre eles. O taxista não se fez de rogado. Correr é com eles, ainda mais quando é o cliente quem pede. Entraram na Rua Santa Cecília e ali, num ponto de táxi, Madame Zu Keila desceu, pegou outro táxi e Jacquet seguiu adiante.

O detetive havia combinado com Zu Keila que ele mesmo iria à casa da Fernando Gomes. Ela seguiria para o seu apartamento e lá ficaria até segunda ordem. “Boca de siri”, ainda recomendou ele antes de se despedirem à porta do táxi.

Walter Jacquet passou em casa e contou a história a Joãozinho Macedônio. As pontas soltas da trama começavam a se encontrar. Agora, só faltava dar o nó. Joãozinho ainda reiterou a Jacquet sua proposta de deixarem tudo como estava. Não restavam dúvidas de que se envolviam com gente da pior espécie. Não vacilaram na hora de matar Adavilson Doceiro e não vacilariam em apagar também outro qualquer que se metesse no caminho deles. Bandido era bandido sempre, as circunstâncias e a sorte é que faziam a diferença. Jacquet nem quis ouvir as advertências e ponderações de Joãozinho. Se fosse o caso, preferia contar apenas com as circunstâncias e com a sorte do que se acovardar no melhor estágio da festa, no exato momento em que a coisa começava mesmo a ficar interessante. Estava disposto a ir, naquela hora mesmo, à tal casa da Fernando Gomes.

— Antes que seja tarde — argumentou Jacquet. — Certos procedimentos são como uma pedra de gelo. Se a gente esperar muito para colocá-los em prática, derretem.

— Mas, Waltão, tu não achas que, agora, talvez fosse o caso de passar a bola para a delegada Florença Flores? — ainda sugeriu Macedônio, como última instância.

— Nem pensar — respondeu o detetive. — Não sei de que lado está a delegada. E se eu passo a bola para ela e eles dão um jeito de melar tudo?

Além do mais, agora que já roemos o osso, não vamos abrir mão do filé. Deixá-lo para os outros, assim de graça, na maior, jamais.

Ao ver que seria impossível demover o amigo, Macedônio se propôs outra vez a acompanhá-lo.

— Quando pocos son los buenos, Dios ajuda los malos, Waltão — disse Joãozinho, levantando-se da poltrona.

Jacquet fez sinal para ele se manter sentado. Agradeceu a oferta de companhia. Macedônio seria mais útil em casa, à espera de orientações de como proceder se algo desse errado. Jacquet ficou de telefonar. Mas se, em última instância, não voltasse, ou não fizesse contato dentro de duas horas, ele deveria, aí sim, acionar a delegada Florença Flores.

Despediram-se na biblioteca. Ao passar próximo à cozinha, Walter Jacquet ouviu uma voz estranha, pouco mais que um sussurro, vindo do quarto da empregada:

— O primeiro homem que matei era um canalha. Estava um pouco bêbada, quando o conheci...

O detetive voltou à biblioteca e chamou Joãozinho. Ele veio até a porta e riu. Inácia continuava:

— Tinha dezenove anos, sabia que chamava a atenção...

Macedônio colocou a mão no ombro do detetive e pediu calma.

— Tu estás muito tenso, Waltão. É também por isso que acho que não devias ir a essa casa hoje. Tu já estás confundindo as coisas. A Inácia não sabe ler só com os olhos — explicou ele, agora se divertindo com a situação. — Ela está lendo um livro do David... que comprou, hoje, na feira. Outro dia, tu precisavas vê-la empacada no “ou-e-le-be-que...”, tentando ler a coluna do Juremir.

O episódio serviu para descontrair um pouco o detetive. Com o semblante desanuviado, ele despediu-se outra vez do amigo, que lhe desejou sorte. Ao descer do elevador, permaneceu algum tempo na entrada. O porteiro, ao cabo de cinco minutos, convocou-o para uma conferência, na qual só ele falava, sobre o buraco na camada de ozônio, a proibição do uso de algemas em bandidos de colarinho branco e o direito que tem ou não um motorista bêbado de se submeter ao teste do bafômetro quando flagrado pela polícia. Estava ávido por conversa, mas Jacquet pouco conseguia se concentrar em outros assuntos. Nada lhe pareceu estranho nas adjacências, no tempo em que ali esteve, em posto de observação, ouvindo as imprecisões do

porteiro: muitos carros nas ruas e raras pessoas nas calçadas, os restaurantes e lancherias do térreo haviam fechado as portas há bastante tempo, alguns mendigos dormiam entre os grandes pilares do edifício. Jacquet podia ir caminhando se quisesse, a Rua Fernando Gomes ficava perto, mas precisava ganhar tempo. Parou um táxi e embarcou. Não notou movimento estranho em volta, mas nada lhe garantia que, de alguma forma, alguém não o estivesse seguindo.

A agitação no entorno da Rua Padre Chagas era novidade para Jacquet, tantos anos passados nos Estados Unidos, longe de Porto Alegre. Mesas nas calçadas, pessoas passeando, guardadores de carros com sinalizadores no meio de cada quadra, um ambiente primaveril pairava naquele trecho da cidade quando Jacquet desembarcou do táxi. Caminhava pela Calçada da Fama, em frente à casa onde estariam guardados os exemplares de *Os parceiros do Ivaí*, que, tudo indicava, teriam sido o motivo do assassinato de Adavilson Doceiro no dia de abertura da Feira do Livro. Na rua, uma espécie de corredor polonês, os carros transitavam com lentidão. Como medida de segurança, Jacquet preferiu primeiro sentir o clima, cuidar o entorno, deixar o tempo passar em posição de mero observador. Só depois tomaria a iniciativa de entrar na casa.

Em um dos bares da Calçada da Fama, a uns quarenta metros da casa, havia uma mesa vaga. Ele sentou-se de modo a ter visão para todas as direções. Pediu um chope e observou o cenário: um burburinho, gente conversando alto e garçons correndo entre as mesas, as bandejas cheias de copos até as bordas e pratos fumegantes. Um rapaz cantava *Cena beatnik*, de Nei Lisboa, e o único fato intrigante até aquele momento foi a chegada de um sujeito pilchado, que se sentou a uma distância de duas mesas de Jacquet e pediu um Bloody Mary.

O detetive tinha que reconhecer: o ambiente era propício para uma pessoa seguir outra sem ser notada. A questão, agora, seria contar com a sorte e se manter atento, observar detalhes e não vacilar.

Jacquet marcou no relógio: fazia mais de uma hora que ambos estavam em suas respectivas mesas, e o gaúcho quase não tocara no copo de coquetel, apenas molhava os lábios de vez em quando. A cena e as circunstâncias o intrigavam. Num sábado à noite, dia propício para se espriar num CTG e

dançar o *Pezinho* com alguma prenda, um gaúcho pilchado a rigor sentado num bar da Calçada da Fama, diante de um copo de Bloody Mary quase intocado, podia ser o presságio de alguma coisa – sabe-se lá de quê, mas um presságio. E isso não era pouco, a se considerar as possibilidades que tinha Jacquet de estar se metendo numa encrenca das grossas. Se o gaúcho não gostava do coquetel, a ponto de deixá-lo ali como uma peça decorativa apenas, por que pedi-lo? Que pedisse, então, algo de que gostasse: água, cerveja, guaraná, caipirosca, leite com morango, sopa de milho verde, batida de abacate, o diabo... Menos Bloody Mary, se fosse para não bebê-lo. Era uma questão de lógica pura e simples.

Diante da aparente normalidade dos outros tipos, a presença do gaúcho, seu comportamento e a maneira meio distante de se relacionar com o ambiente foi o fato que mais ocupou o raciocínio de Jacquet enquanto ali esteve. Mesmo assim, não se descuidava do resto. Sempre fora um obstinado por destrinchar cenários, houvesse ou não necessidade para isso. Gostava de estudar as pessoas em todos os seus aspectos, aparentes ou não, e, se fosse o caso, procurar no semblante de cada uma indícios de que pudesse ser alguém com a tarefa de segui-lo.

A partir de suas considerações, em especial a de que em todas as outras mesas havia pessoas em grupo e com jeito de apenas confraternizarem, se alguém estivesse ali com a tarefa de segui-lo, essa pessoa seria o gaúcho. Por estar sozinho, por ter chegado ao bar logo depois dele e, acima de tudo, por parecer um verdadeiro peixe fora d'água, pilchado daquele jeito, com cara de quem não se divertia com nada, nem mesmo com o copo de Bloody Mary por ele próprio pedido e ao alcance da mão.

Se o gaúcho seguia Jacquet, praticavam ambos um jogo de paciência. O gaúcho não arredava o pé e apenas vez que outra molhava os lábios no copo. Fato muito estranho, pensou o detetive. Um dos dois teria de desistir primeiro, e não seria ele – nem que fosse necessário amanhecer ali e ver o sol nascer pela primeira vez em Porto Alegre após muitos anos no estrangeiro.

Depois de um intervalo para descanso, o rapaz do violão voltava a cantar, agora *As vitrines*, de Chico Buarque. Foi quando o gaúcho pediu a conta, como se não tivesse gostado do repertório. Tomou o resto do coquetel quase num único gole e saiu, com jeito de meio descadeirado, batendo o salto das botas na calçada de pedras.

Walter Jacquet julgou, então, ser a hora apropriada para agir.

Esperou o gaúcho desaparecer na Rua 24 de Outubro, em direção ao Centro, pediu a conta e se levantou. Para despistar, como garantia, seguiu o caminho contrário ao da casa, parou na esquina com a Padre Chagas, verificou a circulação de pessoas e voltou. Na frente da casa, conferiu outra vez as redondezas, mas nada de estranho pôde perceber. O movimento começava a diminuir. Havia apenas o burburinho de muitas pessoas conversando em voz alta, como se nada existisse além da circunferência estabelecida das próprias mesas e cadeiras onde sentavam.

Jacquet transpôs o portão de ferro, costeou a lateral da casa e foi até os fundos. Meteu o ombro na porta, e ela se abriu sem resistência. Com uma lanterna na mão, desceu as escadas e viu algumas pedras soltas no solo. Embaixo, dentro de uma caixa de madeira de lei, estavam os livros. Exultava com o achado; bem como Adavilson havia confidenciado a Madame Zu Keila. Amarravam-se todas as pontas da trama. Agora, era só achar um jeito de levar o tesouro para o apartamento de Joãozinho e articular um plano. Pensava nisso enquanto observava sob a luz da lanterna a lombada de um dos exemplares. Foi quando ouviu, às suas costas, uma voz grave, quase um grito:

— Federal! Mãos na cabeça, senão leva chumbo!

capítulo 15

O detetive Walter Jacquet circulava pela cidade no porta-malas de uma Caravan azul-bebê, rodas meia-tala, conduzida pelo gaúcho pilchado que ele vira, momentos antes, fazendo hora diante de um copo de Bloody Mary. Não estivera enganado quanto a ele. Havia caído em outra armadilha e, dessa vez, a situação lhe parecia mais grave do que a anterior, aquela experimentada no apartamento de Madame Zu Keila, diante dos estranhos membros da Confraria do Acaso. Não parecia haver ali um equívoco, como na vez anterior, na qual os membros da confraria imaginaram que Jacquet fosse um perseguidor de Zu Keila.

O gaúcho não estava para brincadeiras e não tinha jeito de amador. Fizera tudo com calma e competência, sem passos em falso, sem deixar qualquer possibilidade para o detetive se safar. Jacquet bem que tentou. Ao ouvir a voz atrás de si, esquivou-se e desferiu um direto, potente, com toda a força, no rim do gaúcho. Um bom golpe, pensou. O gaúcho não se mexeu. Apenas suspirou, com frieza, sem nada dizer, nem mesmo que ficara chateado com a agressão. Era uma parede de ferro. Jacquet nem tentou um segundo golpe. Bater ali seria inútil como esmurrar um bloco de concreto.

O gaúcho desarmou Jacquet e o algemou em seguida. Enquanto era algemado, o detetive falou, mais numa tentativa de descontrair o ambiente e conhecer a personalidade do adversário do que vislumbrando no gesto algum efeito prático:

— Se o senhor é mesmo da Federal, não se esqueça de que o Supremo restringiu o uso de algemas.

Já sob a claridade da parte externa da casa, puxando Jacquet pelo braço, o gaúcho sorriu, com ar de deboche, algo superior, e apontou o cano da automática para o céu.

— Supremo para mim só existe um — disse, erguendo também os olhos para cima. — Deus e mais ninguém. Portanto, não te faças de engraçadinho, que aqui embaixo, a partir de agora, quem manda sou eu.

Cobriu as algemas com o casaco do detetive e ordenou que ele o acompanhasse de forma discreta, caminhando ao lado, como se fossem dois velhos amigos indo para casa depois de uma noitada na Calçada da Fama.

— Se deres uma de valente, levas bala nas guampas! — advertiu o gaúcho, um olhar meio blasé.

— Não te preocupes — disse Jacquet, com a intenção de espichar o assunto.

— Não estou preocupado — respondeu o outro. — Quem tem que se preocupar aqui não sou eu. Um canalha algemado e sob a mira da minha arma é quem deve ter motivo de sobra para perder o sono.

Jacquet se lembrou, então, de uma frase do durão Pete Anglich. Ele gostava daquela frase e achou que cairia bem para o momento.

— Vou me lembrar de ti pelo resto da vida...

— Talvez não te sobre muito tempo para isso. Agora, cala essa boca e vamos embora. Quem fica parada na esquina é piranha.

O gaúcho conhecia Chandler, pensou Jacquet, ou estava mesmo decidido a matá-lo. Olhou em volta. Fora o natural movimento no âmbito restrito dos bares, poucas pessoas circulavam naquele trecho, naquela hora. Jacquet poderia ter tentado alguma coisa — gritar, espernear, chamar a atenção de alguém —, mas preferiu confiar na sua estrela e conferir a história até o fim. Seguiu as orientações do gaúcho, caminharam até um trecho da Rua Mariante, sob o peso escuro de duas grandes árvores, onde a Caravan os esperava.

Walter Jacquet fora seguido até a Calçada da Fama, não restavam dúvidas. Ou o gaúcho, de posse de alguma informação preliminar, sabia de seu plano e o esperava lá. Mas, se foi seguido, a partir de que momento seus passos passaram a ser vigiados? A partir de quando saíra de casa atendendo ao chamado de Madame Zu Keila? Depois que se encontraram, quando ela

desceu do táxi e ele foi para casa? E Zu Keila, como estaria? Teria ela também caído nas mãos do inimigo? Essas questões passavam pela cabeça de Walter Jacquet enquanto o carro circulava pela cidade. Se Zu Keila também tivesse caído, é certo que a matariam como haviam feito com Adavilson Doceiro e como pretendiam fazer com ele.

A situação do momento era um quebra-cabeça. Jacquet raciocinava sobre duas hipóteses: a informação passada por Adavilson Doceiro por e-mail sobre a existência dos livros havia vazado, embora fosse pouco provável. A confiar nas palavras de Zu Keila, o fato não fora revelado a mais ninguém. Ou, a hipótese mais provável, ambos, Jacquet e Zu Keila, vinham sendo vigiados a partir do momento em que passaram a ser vistos como aliados. A perseguição, na avaliação de Jacquet, teria ocorrido a partir do encontro no apartamento de Petrópolis. O estranho era Jacquet, um profissional experimentado em vários casos delicados, não ter percebido algo extraordinário durante o trajeto feito com Zu Keila, da Andrade Neves ao ponto de táxi da Rua Santa Cecília. Um fato, no entanto, era inquestionável: estava lidando com profissionais.

Andaram cerca de quinze minutos, a Caravan entrou num terreno irregular e estacionou. O gaúcho abriu o porta-malas. Antes de retirar Jacquet, vendou-lhe os olhos. Mas o detetive não teve dúvidas de onde estava. Aquele cheiro de infância, de pescarias de lambaris, de rio e de água misturada ao barro das margens era inconfundível. Para não perder a concentração, obrigou-se a afastar da memória as boas lembranças que aquele cheiro de rio e barro lhe proporcionava. Que pena. Antes de retornar aos Estados Unidos, voltaria ali para alimentar com calma aquela boa reminiscência.

Entraram em uma lancha, que demorou uns dez minutos para atracar na outra margem. Após desembarcarem, passaram por uma espécie de pinguela e subiram uma escada em caracol. Pelo rangido dos ferros, deviam estar num navio abandonado, na outra margem do Guaíba.

Tão logo chegaram ao topo, Jacquet ouviu alguém ao telefone, aos gritos. Esquivaram-se entre estreitas passagens, e Jacquet pôde ouvir com clareza o que alguém dizia, a uma distância próxima:

— Incompetente! Incompetente! É isso que tu és! Não quero saber, porra! Não quero desculpas, porra! Vai atrás da boneca, porra! Será que não te passou pela cabeça que podia ser ela, animal burro? Como é que tu não

percebeste isso, caramba!? ... Garota de programa!? ... Mas é um animal! ... Pensaste que ele fosse tarado! Tarado és tu, animal burro! Agora, vai atrás do prejuízo, pô! ... Onde!? Ora, onde!? Lógica, porra! Lógica! No apartamento dela, porra!

Madame Zu Keila, por enquanto, não tinha caído. Mas era questão de minutos, se ele não agisse. A partir do diálogo ouvido ali, logo de chegada, algumas coisas se esclareciam. Eles haviam sido seguidos, mas o capanga encarregado de segui-los não identificou Madame Zu Keila disfarçada de boneca Emília. Quando ela desceu de um táxi e entrou no outro, continuaram seguindo apenas Jacquet. De campana no apartamento de Joãozinho Macedônio, viram-no saindo e o seguiram até a Calçada da Fama. Até aí, tudo estava muito claro.

Esquivaram-se por um último beco cheirando a umidade e ferrugem, e a venda dos olhos de Jacquet foi retirada. O lugar para onde o levaram era mesmo um velho navio abandonado. Estavam naquilo que fora a cabine do comandante, hermeticamente fechada e com ótima iluminação interior. Atrás de uma mesa de ferro, esperava-o, não para surpresa de Jacquet, o antiquário Nino Catarella.

Aquele local não devia ser usado apenas para negociar antiguidades, pensou Jacquet. Tinha mais coisas por trás da atividade dele como antiquário e negociante de livros raros. Sobre a mesa, havia um telefone celular, uma agenda marrom com capa de couro, uma caneta tinteiro, uma edição da revista Veja com um coração na capa e um laptop aberto numa foto grande de Barack Obama em campanha eleitoral.

Catarella era leitor da Veja, ponderou Jacquet. E, em função da discussão ao telefone, ainda parecia transtornado. Virou-se para o gaúcho que trazia Jacquet algemado e não conteve a ira:

— Incompetentes!

— A minha parte está feita — retrucou o gaúcho, empurrando Jacquet contra a parede.

— Não retruques para mim, Rosquinha! — gritou Catarella, esmurrando a mesa. — Incompetentes, sim! Mas depois conversamos sobre isso... Acomoda o nosso convidado aqui na minha frente que precisamos ter uma conversa. Conversa entre homens. Antes que seja tarde... E que a parte mais fraca saia perdendo...

O capanga Rosquinha, como se chamava o gaúcho do Bloody Mary, puxou uma cadeira e empurrou o detetive, que quase caiu antes de sentar-se. Descarregava em Jacquet o rancor provocado pela reprimenda do chefe. Depois, postou-se junto à parede, igual a uma sentinela de chama crioula, ao lado de um saco de areia, quase a seus pés.

Nino Catarella tinha o sotaque de um homem rude. Na aparência e no jeito de falar, lembrava um desses políticos arrivistas de pouca instrução que, por terem empatia e uma boa conversa, elegem-se para algum cargo público, especializam-se em falcatruas com a conivência da Justiça e constroem grandes patrimônios às custas dos cofres públicos. Expressam-se mal, atropelam o idioma, são inimigos da ética; mas, na arte da retórica, do pragmatismo, no conhecimento dos escaninhos do poder e no rigor dos cálculos percentuais sem o auxílio de calculadoras, são mestres inquestionáveis. Criam suas próprias pandilhas, com ramificações em todos os setores da sociedade, e não há força que lhes corte os tentáculos e o poder de sugar o erário com negócios espúrios.

Ao se dirigir a Jacquet, Catarella tentou descontrair o rosto, mas sem sucesso. Folheou a Veja, simulou a leitura de alguma coisa que talvez tivesse a ver com a conversa deles. Suas sobrancelhas quase se tocavam uma na outra quando se virou para Jacquet. Fitou-o dentro dos olhos. Esfregou as mãos, aspirou o ar, acomodou-se na cadeira giratória.

— Creio que algumas preliminares explicativas sejam desnecessárias — disse enquanto liberava o ar dos pulmões. — Senhor...Walter Jacquet...

— Também acho — interrompeu o detetive.

— Ótimo, o senhor é dos meus. Gosto de falar com pessoas inteligentes. Que encurtem caminhos. Que nos poupem de constrangimentos inúteis. Que nos impeçam de gastar tempo com tolices, com palavras desnecessárias. A inteligência, como pauta do diálogo entre dois homens sérios e de bem, é o melhor caminho para o entendimento, para que evitemos...

— Creio que o senhor já esteja perdendo tempo com introduções desnecessárias — disse o detetive, sem se intimidar.

Catarella esboçou um sorriso indulgente, olhou para Rosquinha a postos ao lado do detetive e continuou, agora menos tenso:

— O senhor tem razão. A conversa, quando é demais, pode estragar uma boa parceria. Tenho uma proposta a lhe fazer — continuou Catarella, sem desviar o olhar. — Vou direto ao assunto, sem muitas delongas. O Adavilson

Doceiro era um tramposo, fui obrigado a matá-lo. Era ele ou a minha reputação. Estava fazendo chantagem comigo.

Nino Catarella tirou da gaveta uma semiautomática 9mm e colocou-a sobre a revista, ao lado do laptop. Rosquinha, em pé, ao lado do saco de areia e de frente para Jacquet, também estava armado e com cara de poucos amigos. Em outra circunstância, poderia se dizer que o ambiente ali era dos mais propícios para o descanso depois de um dia turbulento de trabalho – no lado de fora, no encontro do rio com a vegetação das ilhas, apenas a noite e seus detalhes insignificantes e alheios aos fatos. Ouvia-se, ao longe, a transpor as paredes da cabine, não mais que os sons de animais noturnos, alguma esparsa rajada de vento e o bater intermitente de pequenas ondas na margem e no casco do velho navio – um ambiente perfeito, se não fosse a disposição de Catarella e de seu jagunço de acabarem com a história a qualquer momento.

O detetive tentava raciocinar com rapidez. Pelos seus cálculos, dependendo de onde estivesse o outro capanga de Catarella na hora do telefonema ouvido quando ali chegara, Madame Zu já podia estar capturada. Só havia uma única chance de escapar: que ela, de última hora, tivesse mudado de ideia, não indo para o apartamento de Petrópolis. Mas isso era bem pouco provável.

capítulo 16

Nino Catarella alisou a automática sobre a revista e continuou a falar, encarando Walter Jacquet.

— Quando o Adavilson apareceu com o exemplar raro de *Os parceiros do Ivaí*, topei comprá-lo na hora. Conhecia mais ou menos a história e julguei que se tratava mesmo de algo raríssimo. O Adavilson sempre foi muito bom nisso, em descobrir coisas raras, justiça seja feita. Uma pena ter morrido... Era, então, um romance publicado no mesmo ano de *A moreninha*, e ainda com uma dedicatória do autor para a mãe. Paguei o que ele pediu. Dois dias depois, o Adavilson apareceu dizendo que um bibliófilo amigo seu havia oferecido o dobro. Aumentei a proposta, sem regatear, e ele me passou o livro. Depois que eu havia acertado tudo com uma empresa para reeditar a obra, é óbvio que mediante o pagamento de um valor que me era vantajoso, o Adavilson me apresentou um segundo exemplar. Eu me neguei a comprá-lo, pois aquilo já era demais. Quem me garantia que, na semana seguinte, ele não viria com um terceiro livro? Ficou irritado e foi embora. Eu tinha a intenção de fazer o anúncio da descoberta e da parceria na abertura da Feira do Livro. Aí, o Adavilson disse que, se eu o fizesse, ele apresentaria outros dez livros iguais e me desmascararia em público. Então, tive que mudar meus planos...

Nino Catarella tirou uma pequena garrafa de bourbon do bolso do casaco e tomou um gole. Ofereceu a garrafa a Jacquet, que agradeceu, meneando a cabeça.

— Não bebo em serviço — caçoou.

Catarella pareceu não ouvir ou não entender a brincadeira. O cheiro de bourbon inundou o ambiente. Catarella fechou a garrafa e recolocou-a no bolso do casaco.

— Não me restava outra alternativa — continuou, alheio às reações de Jacquet. — A questão já não era dinheiro. A questão era de princípios. Não pense o senhor que gosto de fazer o que fiz. Mas, às vezes, matar um cretino dá menos transtorno do que deixá-lo vivo. Preciso admitir que o Adavilson não era burro. Só agora, com a entrada do senhor em cena, conseguimos localizar os outros livros. Por isso, lhe faço uma proposta. Não é meu feitio não dar uma chance a um parceiro antes de partir para... digamos, a ignorância.

Jacquet engoliu em seco. O cheiro agradável de bourbon ainda era forte. Tentou se acomodar melhor da cadeira. Dependendo da posição das mãos, as algemas lhes causavam desconforto e esfolavam a pele dos pulsos. Catarella prosseguiu:

— Dinheiro não é problema. Passo ao senhor o valor que Adavilson queria. Cinquenta mil dólares. O senhor faz de conta que sequer esteve aqui em Porto Alegre, e não falamos mais nisso. Só o que quero agora é preservar minha imagem. Quanto à tal Zu Keila, deixe comigo. Antes do sol nascer, daremos um jeito nela.

— Não há uma terceira via? — quis saber Jacquet, tentando ganhar tempo.

— Negativo! — respondeu Catarella, pegando a arma.

— Sinto muito, mas assim fica difícil negociar...

— Quanto a isso, estamos de acordo — interrompeu Catarella. — Também acho que assim fica difícil negociar.

Para provar que não estava brincando, Catarella fez a mira no saco de areia, aos pés de Rosquinha, e disparou. Abriu-se ali um rasgo de quase dois palmos. Um punhado de areia correu para o solo e foi parando aos poucos. Walter Jacquet mexeu os braços, mas, preso pelas algemas, nada podia fazer. Rosquinha, com a ponta da bota, desfez o montículo de areia formado a seus

pés após o tiro. Catarella, então, levantou a pistola e fez a mira na testa do detetive.

— É pegar ou largar, camarada — com a mão esquerda, tirou do bolso um maço de notas de cem dólares, que largou sobre a revista, onde, antes, estivera pousada a automática. — Se quiser, pode sair daqui com os dólares agora mesmo. Se não quiser, azar o seu, hoje não era seu dia, foi bom tê-lo conhecido. A vida precisa continuar, se possível sem a ressaca e as dores de cabeça do day after...

Walter Jacquet ficou como estava. Era como se o assunto não fosse com ele. Catarella parecia se impacientar com a premeditada imobilidade do detetive.

— E então? — insistiu, puxando a arma um pouco para a esquerda para enquadrar bem a mira.

— Negativo — respondeu Jacquet, impassível.

— Então, sinto muito, doutor. Tem que ser agora — disse Catarella antes de ajustar o indicador no gatilho para atirar com segurança.

Nesse instante, porém, ouviu-se a porta ser pedalada e entrar na cabine a delegada Florença Flores. Nino Catarella girou o braço para a esquerda, mas não foi a sua arma que disparou. Foi a Colt .45 da delegada, uma Colt dessas que só um brutamontes consegue erguer com a força de um único braço, que vomitou fogo e causou um estrondo que pareceu a explosão de uma bomba. A Colt disparou uma única vez. Catarella deu um berro e olhou para a mão ensanguentada. Sua arma voou pelos os ares.

— Que belo tiro! — disse Jacquet, o cheiro de pólvora queimada entrando-lhe nas narinas.

Mas a delegada não teve tempo de ouvi-lo. Se teve e ouviu, isso ficaria para depois. Tinha mais bandido armado na cabine. Ligeira como uma serpente iniciando o bote, jogou-se no chão e ergueu outra vez a Colt. Rosquinha girou o corpo, mas ela foi mais rápida. Enquanto rolava no chão, entre um movimento e outro, Jacquet pôde ver que ela usava uma calcinha branca, onde, em preto, na altura do púbis, perfilava-se o olhar de um ursinho panda.

Florença Flores puxou o gatilho mais três vezes. E o que se viu poderia ser comparado a um noir de Raymond Chandler: Rosquinha foi jogado para trás pela força de um punho gigante até bater as costas na parede de aço e

arrancar dali um som tão medonho quanto o da Colt .45 cuspidando fogo quase junto ao rosto de Walter Jacquet.

Havia muita fumaça na cabine, mas Florença Flores parecia conhecer o local tanto quanto conhecia o closet da sua suíte, as gavetas de seu armário embutido, os comandos da sua banheira de hidromassagem. Movia-se com flexibilidade, sem perder a elegância e a noção de espaço – uma Barbarella repassando a última cena no set de filmagem.

Resolvida a questão com Rosquinha, que acabava de despencar para o chão igual a meia tonelada de concreto caindo de um andaime, ela mandou Catarella encostar num canto e não se mexer – caso contrário, não teria piedade, como não teve de seu capanga, caído com a cara no chão a dois passos de onde ele estava. Guardou a Colt no bolso do tailleur, que se desalinhou, pendendo para a direita por causa do peso.

O cheiro de bourbon havia desaparecido da cabine. Assim que a fumaça baixou, a delegada agradeceu ao detetive pela colaboração. Estava na pista de Nino Catarella havia semanas. As relações dele com o crime não se restringiam ao caso Adavilson Doceiro, ele bem podia perceber. Negócios com caça-níqueis e contravenção eram fichinha perto de outras atividades atribuídas a ele no mundo do crime.

Só aceitara a confissão de Zé Moringa para pegar Catarella com a guarda baixa. Elogiou a perspicácia de Jacquet. Admitia, ainda, que a mulher testemunha do crime, por ter sofrido ameaças ou sido subornada, mudara o depoimento. Também aceitara essa situação sem contestar como estratégia para pegar Catarella desprevenido. Era preciso deixá-lo com a sensação de que tudo estava resolvido, que ninguém da polícia tinha interesse em lhe tirar o sono. A partir daí, poderia agir com certa tranquilidade e surpreendê-lo no momento oportuno. Mas, antes de mais nada, precisava reconhecer que a participação de Walter Jacquet no caso, de forma paralela e independente, fora fundamental para o plano dar certo. Por isso, declarava-se grata.

Enquanto fazia essas revelações, recolheu do chão a arma de Nino Catarella, que, com cara de cachorro doente, segurava a mão esfacelada. Caminhou até o lado de fora da cabine e falou alguma coisa em direção ao andar de baixo. Em seguida, passos foram ouvidos nas escadas de ferro. Apresentaram-se seis homens com coletes da polícia, que se dirigiram a Catarella. A delegada, agora, enfiava a mão no bolso das bombachas do capanga Rosquinha para pegar a chave das algemas. Jacquet preocupava-se

com Madame Zu Keila. Precisava avisar a delegada que ela corria perigo. Florença Flores aproximou-se de Jacquet, e ele sentiu, misturada ao cheiro de pólvora queimada, a fragrância do perfume que ela usava. Atrás da mesa, enquanto os policiais se aproximavam, Catarella continuava a segurar a mão, contorcendo-se de dor. No chão, os olhos azuis do capanga Rosquinha adquiriam um tom cada vez mais distante.

Jacquet aspirou o perfume da delegada e estendeu os pulsos para ela lhe tirar as algemas. Tudo o que queria, agora, era passear com ela na praça, no último dia da Feira do Livro. Mas precisava falar sobre Madame Zu Keila. Talvez até já estivesse morta. Tinham que fazer alguma coisa.

No momento em que Catarella era conduzido para fora, tocou o telefone celular sobre a mesa, ao lado da revista com um coração na capa e das notas de cem dólares. A delegada tirou as algemas dos pulsos de Jacquet e se virou. Catarella quis se desvencilhar dos policiais para atender à ligação, mas ela lhe interrompeu a passagem com a perna e a mão espalmada sobre o peito dele.

— Negativo! — disse ela, com autoridade. — Deixa tocar.

Florença Flores caminhou até a mesa e olhou o visor do telefone. Meneou cabeça em sinal de positivo. Pela segunda vez desde que a conhecera, Walter Jacquet percebeu um sutil sorriso nos lábios dela. O telefone parou de tocar. Ela continuou olhando para o visor iluminado. A pessoa do outro lado da linha deixava uma mensagem a Nino Catarella.

capítulo 17

Eram onze horas da manhã de domingo, último dia da Feira do Livro. Walter Jacquet e Joãozinho Macedônio tomavam chimarrão na sacada do apartamento. Abaixo, banhados pelo sol da manhã, estavam os telhados e fachadas do casario das ruas próximas, os edifícios do bairro Floresta, a lâmina espelhada do rio e as ilhas ao fundo. O cheiro de pão quente, vindo de uma padaria da esquina, no outro lado da rua, dava ao clima matinal um ar ainda mais domingueiro. Volta e meia, de acordo com a direção do vento, sentia-se o aroma de galeto assado das churrascarias do bairro. Tinham ouvido Adoniran Barbosa e Os Demônios da Garoa e, agora, cantava Françoise Hardy, a pedido de Jacquet, que também fora seu fã ardoroso durante a juventude. Joãozinho pôs a rodar um CD adquirido em sua última viagem a Paris; segundo ele, uma raridade no Brasil: *Ma jeunesse fout le camp*.

Jacquet respirou fundo e disse a Joãozinho que aquilo não tinha preço. Sentia-se revigorado, de sangue novo. Um ambiente assim, depois de tanto tempo longe do Brasil, era como lhe injetarem ânimo direto nas veias. Apontou para uma das ilhas do Guaíba, local provável do navio-esconderijo de Nino Catarella e seus comparsas, com a intenção de retomar a narrativa sobre os acontecimentos da noite anterior. Mas Inácia apareceu para dizer ao detetive que os camarões estavam lavados e os ingredientes à espera. Quando ele quisesse iniciar a preparação do almoço, bastava chamá-la.

Joãozinho ficou impaciente com a interrupção da conversa.

— Esse pirão não é sangria desatada, Inácia! — disse ele, com ansiedade.
— E a Madame Zu Keila, Waltão? E o telefonema para o celular do Catarella? Para de dar voltas e conta logo, pô!

Jacquet compreendeu a ansiedade de Macedônio. Disse a Inácia que ainda era um tanto cedo, a preparação do prato não requeria muito tempo, e reiniciou a narrativa.

A delegada Florença Flores esperou o visor do telefone se apagar e apanhou-o de sobre a mesa. Apertou uma tecla para ouvir a mensagem e ligou o viva-voz: “Pô, Catarella! Atende esse telefone, porra! Olha só, a boneca está na mão. Tinha ido para casa. Estou na lancha como combinado. E agora? Não posso dar bandeira aqui, tu sabes, estou sozinho, de repente chega um maluco e nos ferramos. Tudo fechado aí? O que faço? Tudo certo com o boneco aí? Vê se não demora, porra! Te aguardo. Caso contrário, tenho que mandar a boneca para o beleléu. Estou na lancha”.

Florença Flores desligou o celular e caminhou até Nino Catarella, que segurava a mão ferida, a cara parecendo a de uma criança que caiu do balanço na pracinha de brinquedos.

— Liga de volta — disse ela, entregando-lhe o celular.

Catarella deixou a impressão de que não acataria a ordem. Fez-se de desentendido, mostrou a mão destruída, não podia, a dor era intensa. A delegada esboçou um sorriso, o terceiro na presença do detetive Walter Jacquet:

— Deixa que eu mesma ligo, senhor Benino Catarella.

Antes, no entanto, ela chamou-o para mais perto e orientou-o sobre o que devia dizer ao telefone.

— Diga que aqui deu tudo certo. Ele que traga a boneca sem demora. Houve um acerto entre todo mundo. Mas vocês precisam esclarecer um assunto com ela para evitar dores de cabeças futuras.

Catarella parecia não entender. A delegada, então, apanhou de novo a Colt .45, que repousava no bolso de seu tailleur bege, a metade do cano para fora. Apontou-a para a cabeça dele. Catarella entendeu a ordem, não houve necessidade de repeti-la. Essa linguagem era sua velha conhecida. Mas não foi necessário retornar a ligação. O telefone tocou outra vez. A delegada conferiu se procedia do mesmo número e passou-o a Catarella:

— Repita a ele o que eu disse — e encostou a Colt na cabeça de Catarella.

— Tudo certo — disse ele, a voz um pouco trêmula. — Faz assim... tu estás na lancha, né? ... Traz a boneca para cá, precisamos arrancar umas informações dela antes de completarmos o serviço... Sim... Imediatamente.

E desligou. Florença Flores pediu que um dos policiais algemasse Catarella. Empurrou-o de encontro à parede, ao lado do capanga Rosquinha, o rosto agora parecendo a superfície irregular de uma parede pintada a cal. Disse para os seis policiais ficarem à espera da lancha, em posição estratégica, na entrada do navio e aproveitassem o momento em que os outros estivessem desembarcando, de modo a impedir qualquer reação de defesa. O elemento devia ser rendido sem ter condições de tomar a vítima como refém ou fazê-la de escudo, se precisassem atirar.

Um silêncio tenso se seguiu após a ordem da delegada. De extraordinário, por pouco tempo, apenas o som dos passos descontraídos dos policiais e o rangido metálico das escadas. Depois, por uns quinze minutos que pareceram dez anos, ouvia-se na cabine não mais que o chilro dos grilos, alguns ruídos de aves noturnas voando nas proximidades, o coaxar de sapos e rãs e o lento, interminável, repetitivo açoite da água em movimento sobre o casco do velho navio.

De repente, um distante barulho de motor foi se sobrepondo aos ruídos ordinários do ambiente. Nino Catarella movimentou os olhos em direção à delegada Florença Flores, sentada na cadeira giratória atrás da mesa de ferro. Mantinha-se imperturbável, calma, serena. Era como se estivesse na sala de espera de seu dermatologista ou, uma taça de espumante na mão, à mesa de algum bistrô da Dinarte Ribeiro.

A lancha se aproximou com lentidão. A delegada continuava impassível. Seu único gesto desde que os policiais saíram foi sentar-se, colocar a Colt sobre a mesa e indicar a cadeira em frente para que o detetive Jacquet se sentasse também. Nem quando a lancha se aproximou pela popa e o barulho do motor reverberou à estibordo, fez o contorno pela proa e atracou à margem, ela alterou a posição do corpo ou a maneira de sentar-se.

Nino Catarella, agora, olhava para a mão destruída. Contraía o rosto e gemia entre um suspiro e outro. O motor da lancha foi desligado e, outra vez, assaltaram o ambiente os sons habituais da noite. Eram uma espécie de trilha sonora para a tensa ação que se seguiria.

Mais alguns segundos, que pareciam horas, e ouviram-se os primeiros sinais daquilo que já se esperava desde o telefonema de Catarella para seu

parceiro:

— O que é isso, porra? — alguém gritou.

— Polícia!

— Para!

— Socorro! — uma voz feminina.

— Quietos, senão leva bala!

— O que é isso, cara?

— Leva a mulher para cima!

— O que é isso, meu?

— Vamos com ele na frente!

— Quietos!

Nino Catarella continuava a olhar para a mão despedaçada. Nada além da mão, talvez perdida para sempre, parecia lhe interessar. Walter Jacquet observava a postura da delegada no outro lado da mesa. Ela não havia mudado de posição desde a chegada da lancha, quando olhou para a fisionomia crispada de Catarella encostado na parede, os pés quase tocando o corpo do capanga Rosquinha.

Agora, ouviam os passos dos policiais subindo a escada do navio. Mas ninguém falava, vinham em silêncio e, em silêncio, um dos policiais abriu a porta da cabine para primeiro entrar Madame Zu Keila, ainda fantasiada de boneca Emília. Logo atrás, dois policiais, um de cada lado, traziam algemado, com o rosto tão branco quanto o de Rosquinha caído num canto da cabine, o livreiro Tio Catiampas.

— Eu sempre desconfiei desse tal Tio Catiampas — disse Inácia, agora na cozinha, às costas de Jacquet, enquanto cortava um dente de alho para refogar o camarão que o detetive ia preparar para o almoço de domingo.

— Negativo! — interveio Joãozinho, um copo de uísque na mão, o ombro direito encostado no marco da porta da cozinha. — Eu desconfiei primeiro.

— Está bem, está bem — disse Jacquet, moendo pimenta branca sobre os camarões, numa travessa de porcelana. — Agora, todo mundo desconfiava, mas quem meteu as barbas no fogo e correu atrás da máquina fui eu...

— Aquela hora que te entreguei o revólver ainda disse que não simpatizava com essa turma do tal Catiampas, lembra?

— Lembro, claro! Mas os outros membros da confraria estão limpos — alertou o detetive, despejando azeite numa frigideira que lhe alcançava Inácia.

— Eu nunca deixei de desconfiar de Tio Catiampas, tanto que pedi a Zu Keila para não contar a ninguém sobre o e-mail de Adavilson.

Estavam envolvidos nas negociatas e no crime de Adavilson Doceiro apenas Catarella e Catiampas. Era Catiampas quem mantinha Catarella informado de tudo. Zu Keila só não fora morta porque estava sob controle. Revelava a ele, Catiampas, tudo sobre sua vida, mas deu mostras de que não tinha qualquer informação comprometedoras sobre Catarella. Adavilson fora morto antes do encontro com ela, quando levava à feira um exemplar de *Os parceiros do Ivaí* para melar o negócio de Catarella. O livro fora trocado pelo assassino, e a única testemunha do fato, a mulher que pedira por socorro, havia sido ameaçada ou comprada para mudar o depoimento. Além do mais, Zu Keila era mantida viva porque Catarella e Catiampas tinham esperança de, através dela, descobrir onde Adavilson escondia os outros exemplares de *Os parceiros do Ivaí*. Ela teve sorte de, primeiro, ter procurado o detetive para contar sobre o e-mail, revelando a localização dos livros. Ao juntar as pontas da trama, vendo que o ponto central do enredo era um livro raro e que Catarella e Catiampas atuavam no ramo e conheciam Adavilson, Jacquet intuiu que ambos poderiam ser comparsas.

Na noite anterior, o disfarce de Zu Keila havia funcionado, assim como fora providencial sua estratégia de ligar para Jacquet de um telefone público. Quando se preparava para sair de casa, percebeu um movimento estranho na frente do prédio. Na garagem, aproveitou que um morador saía e pediu carona. Disse que ia fazer uma performance na Feira do Livro. Mais tarde, a turma de Catarella só chegou a eles por estar seguindo o detetive, que não tinha seu telefone grampeado. E o perseguidor de ambos, a partir da Praça da Alfândega, não se dera conta de que Emília poderia ser Zu Keila, deixando-a ir embora no outro táxi, indo atrás apenas do detetive até o edifício de Joãozinho Macedônio. O gaúcho Rosquinha entrou na jogada por ter sido o capanga escalado para render o anterior, aquele que vinha cuidando do detetive desde que saíra para ir ao encontro de Zu Keila. A partir dali, disfarçado de gaúcho, seguiu-o até a Calçada da Fama.

— Só fiquei intrigada com uma coisa, doutor Walter — falou Inácia, entregando-lhe três dentes de alho para serem refogados no azeite. — Onde entra o cachorrinho salsicha da delegada?

Inácia havia feito uma concessão ao álcool para aproveitar a folga na cozinha, depois de tanto tempo de trabalho ininterrupto. Preparou seu coquetel preferido, um Alexander em copo alto, farto de leite condensado e gelo, e apenas assessorava o detetive, que cumpria a promessa de cozinhar tão logo esclarecesse o caso. Joãozinho Macedônio, que, da porta, observava todo o movimento de preparo do camarão, soltou uma gargalhada.

— Isso mesmo, Waltão! Tu poderias nos explicar onde entra o Daforin, vulgo Dafô, nessa história toda?

Jacquet não tirou os olhos da frigideira, onde mexia o alho no azeite quente, e fez questão de se manter no clima da brincadeira:

— Eu estava pensando nisso — disse, apanhando, com a outra mão, o copo de uísque. — A delegada me deu o cartão dela para o que fosse preciso... Hoje à tarde, último dia de feira, vou convidá-la para me ajudar a escolher uns livros. E aproveito para perguntar pelo cachorrinho dela, se está bem de saúde. Aí, repasso a informação para vocês...

Um cheiro de alho frito no azeite espalhou-se no ar. Depois de dourar o alho, Jacquet largou em cima um punhado de cebola picada e ervas finas, e o aroma se acentuou ainda mais à medida que se evaporava o caldo e a cebola ganhava cor. Enquanto Jacquet esperava o momento certo de acrescentar o camarão, os tomates e os demais ingredientes, brindaram à saúde de todos e, por sugestão de Inácia, brindaram também à saúde do cachorro salsicha da delegada Florença Flores.

— Tu até podes ter te especializado em lógica pura, lá com os gringos — falou Joãozinho, o rosto vermelho e os olhos aguados, batendo a mão no ombro de Jacquet. — Desconfiaste desde o início, desvendaste a trama, correte atrás, arriscaste o pelego, enfrentaste o gauchão do Bloody Mary e tudo mais. Foste mais importante até que a própria delegada, justiça seja feita. Mas, como diria o nosso bom e bem-humorado Tio Catiampas: às vezes nem tudo o que balança o rabo é diabo, meu velho.

Walter Jacquet divertia-se também com a história. Apanhou o copo de uísque e movimentou-o para misturar a água do gelo.

— Realmente, o cachorro, salvo melhor juízo, nada tinha a ver com a história. E a delegada também não estava encobrindo o verdadeiro assassino, como cheguei a pensar. Mas só erra quem arrisca. E ninguém ainda me provou que ela não é depressiva e que o nome do cachorro nada tem a ver com seu perfil psicológico — retrucou Jacquet, divertido, continuando a

mexer o gelo do copo. — Mas isso nós ainda vamos ver, vou conferir e conto depois para vocês. E talvez até seja mesmo o caso de eu usar essa inferência que fiz sobre o cachorro para abrir as iluminadas portas do mundo acadêmico... — Jacquet ergueu o copo de uísque. — E, agora, um brinde à Colt .45 da delegada... que do poder desse mimo ninguém aqui seria louco de duvidar... hein?

Brindaram outra vez, enquanto o detetive mexia os temperos com uma colher de pau e anunciava, com certa pompa, o solene momento de acrescentar o camarão ao calor da frigideira.

*Agradeço a Têlmo Flor, diretor de redação
do Correio do Povo, que não mediu esforços
para viabilizar a publicação do folhetim
Quem matou Adavilson?, a base desta novela.*

nota do autor

Depois que publiquei *O assassino usava batom*, alguns amigos e leitores quiseram saber por que eu não continuava a trajetória do detetive Walter Jacquet, pois viam boas possibilidades de ele se tornar uma figura conhecida no mundo da literatura policial. Sempre vi em Jacquet um personagem com potencial para ser retomado, mas havia uma dificuldade até então insolúvel. A se julgar pelas características de *O assassino usava batom* (cuja origem agora não nos interessa), pelos nomes de personagens, pela atmosfera e o local da ação, embora não houvesse uma indicação específica de lugar, Walter Jacquet era um detetive estrangeiro. E eu não queria escrever histórias que se passassem em outro país, tendo como protagonista um detetive americano, por exemplo, que vinha a ser o traço de identidade mais razoável para Jacquet.

Até que um dia deu-se a luz, e escrevi *A confraria do quibe*, novela policial que me permitiu não apenas trazer Walter Jacquet para o Brasil, como encontrar uma solução verossímil para sua nacionalidade e local de nascimento: o Alegrete, como muitos personagens reais e interessantes que hoje habitam os mais diversos recantos do Brasil e do mundo. Quando eu acabava de escrever *A confraria do quibe*, surgiu a ideia de publicar um folhetim no Correio do Povo, durante a Feira do Livro de Porto Alegre de

2008. Assim, ainda entusiasmado com a solução encontrada para retomar a vida útil de meu detetive, propus a ele um desafio inusitado: desvendar, num prazo de dezessete dias, tendo para isso apenas dois mil e cem caracteres diários, um crime ocorrido na abertura da Feira do Livro.

Terminada a feira, transformei o folhetim *Quem matou Adavilson?* na novela *Crime na Feira do Livro* e, por circunstâncias que não vêm ao caso, sai publicada antes de *A confraria do quibe*, ainda inédita, embora seja *A confraria do quibe* a responsável pelo nascimento de Jacquet como cidadão brasileiro e alegretense. Trata-se, pois, de uma inversão cronológica que, estou certo, não prejudicará a compreensão dos fatos. E, para quem leu o folhetim no Correio do Povo, uma informação considerável: embora o número de capítulos seja o mesmo, um para cada dia da feira, há personagens novos, situações novas e um final que é uma surpresa, mesmo para quem acompanhou a história original e seu desfecho.

T. D.

texto da orelha

Esta é uma novela para se ler em Porto Alegre ou, ao menos, tendo na retina suas ruas, a paisagem do Guaíba e, sobretudo, dos jacarandás da Feira do Livro.

Mas também é uma novela para quem gosta de livros – policiais ou não – que mantêm o leitor suspenso ao labirinto envolvente da trama. Há aqui três ingredientes básicos em torno de um mistério, digamos, literário: diálogos entre comida e bebida (em generosas proporções), a figura da mulher sensual e intimidadora e o gosto pela racionalidade investigativa.

Em meio à crise econômica que abalou o mundo em 2008, o detetive Walter Jacquet e seu escudeiro João Macedônio (interlocutor típico dos detetives e que faz lembrar a paternidade simbólica de Macedônio Fernández sobre Borges), quase testemunham um crime ocorrido nas imediações da Praça da Alfândega, durante a Feira do Livro de Porto Alegre. Adavilson, um conhecido livreiro, é assassinado por um homem mascarado, e o livro que a vítima levava na mão é misteriosamente trocado por outro. Tecem-se aí as linhas mestras de uma narrativa envolvente, ágil e muito bem humorada. O humor, por sinal, é o tempero pessoal de Tailor nesta trajetória de Jacquet em busca do desvendamento do crime, passando pela misteriosa Confraria do Acaso e suas figuras bizarras, no Bom Fim, e pelas considerações acerca da sensualíssima delegada Florença Flores, mulher de um incisivo superior

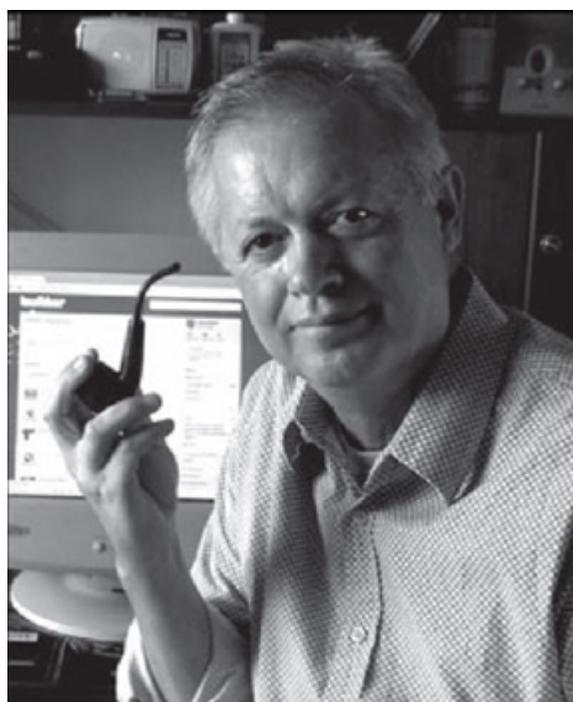
cruzado – coisa rara nas mulheres ortodônticas de hoje! – e que leva no bolso do tailleur uma Colt .45!

Entre comilanças – e as comidas são tantas! –, no alto do Edifício Esplanada, divisa dos bairros Independência com Moinhos de Vento, os dois amigos, ao sabor de aperitivos, charutos e boa música, resolvem participar da investigação pelo gosto puro da aventura racional.

Um final marcante, um livro raro encontrado e um prato pessoal de Jacquet aguardam o leitor. E tudo numa primavera em Porto Alegre. Enfim, é de se abrir o livro para perceber que Tailor Diniz renova os temperos e inclui justificadamente o seu nome na receita.

Altair Martins

sobre o autor



Tailor Diniz é jornalista, escritor e roteirista de cinema e televisão. Tem onze livros publicados nos gêneros crônica, conto e romance. Entre eles, *O assassino usava batom*, que ganhou, em 1998, destaque em narrativa longa do Prêmio Açorianos de Literatura, e *Transversais do tempo*, 2007, melhor livro de contos também no Açorianos e no Prêmio Associação Gaúcha de

Escritores. Na área de cinema, seu roteiro mais premiado é o curta em 16mm *Terra prometida*, de 2006, Kikito de melhor filme em Gramado e Candango de melhor filme no Festival de Brasília.

Copyright © 2011 Tailor Diniz

ISBN: 978-85-62757-36-5

Preparação

Gustavo Faraon

Capa

Humberto Nunes

Projeto gráfico

Porto DG

Diagramação

Xeriph

Revisão

Rodrigo Rosp

Foto do autor

Eduardo Diniz

Este livro foi composto em fonte Arno Pro e Boston Traffic.
Lançamento da primeira edição impressa: maio de 2010.



Todos os direitos desta edição
reservados à Editora Dublinense Ltda.

Av. Taquara, 98/504
Petrópolis – Porto Alegre – RS
contato@dublinense.com.br

Conheça nosso catálogo:
www.dublinense.com.br

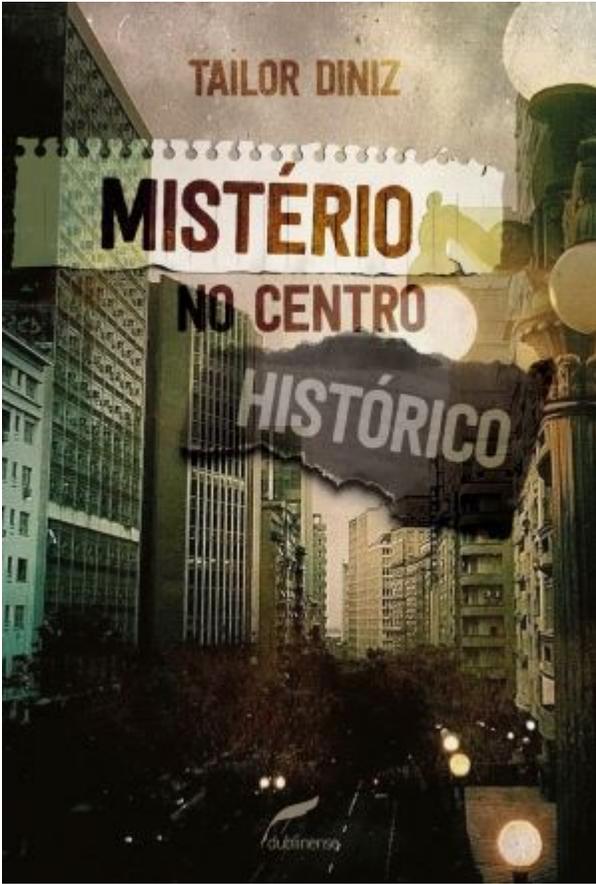
TAILOR DINIZ

MISTÉRIO

NO CENTRO

HISTÓRICO

Quilimera



Mistério no Centro Histórico

Diniz, Tailor
9788583180760
160 páginas

[Compre agora e leia](#)

O candidato a escritor Joãozinho Macedônio passou por todas as oficinas literárias da cidade, mas ainda não chegou a uma grande obra. Até que consegue escrever uma novela baseada em um fato real, a explosão de uma bomba no Centro Histórico de Porto Alegre, na qual deposita todas as suas esperanças. Jamais imaginaria, porém, que, ao submeter o original à avaliação de um amigo detetive, se veria enredado em uma trama de suspense e investigações.

A partir daí, o leitor é levado a acompanhar uma tensa incursão policial pelas ruas da fronteira do Brasil com o Uruguai, onde estaria escondido um terrorista responsável pelo atentado. Mesmo diante do medo de Joãozinho, o detetive Walter Jacquet segue no encalço de pistas e suspeitos realizando suas próprias entrevistas por desconfiar da atuação dos órgãos responsáveis.

Misturando problemas lógicos ao clássico romance policial, Tailor Diniz renova e presta homenagem a esse gênero pouco explorado na literatura brasileira. Com uma trama fluida e envolvente, "Mistério no Centro Histórico" garante momentos de riso, de tensão e de descobertas.

[Compre agora e leia](#)



MARIA CLARA MATTOS

O CÉU PODE
ESPERAR
MAIS UM
POQUINHO

ROMANCE

dublinense

O céu pode esperar mais um pouquinho

Mattos, Maria Clara

9788583180029

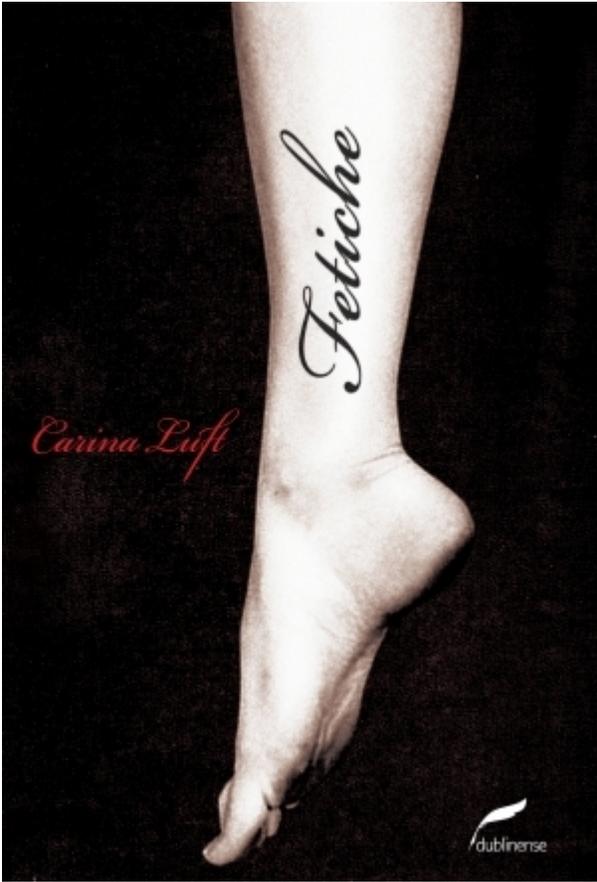
200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um homem perdido nas memórias do passado. Perseguido por um detetive. A namorada é prostituta e matou um cara. A outra é uma garota cor de rosa. Ele leva um tiro. Quem teria interesse na sua morte? Desconectado do presente, antevendo um futuro borrado, ele vasculha a cabeça e o coração em busca de razões para continuar vivo. Será que o céu vai esperar?

O livro conta a história de um homem encurralado pelo amor de duas mulheres, perdido entre realidade e imaginação. Sexo, desespero e paixão conduzem o leitor por uma trama nebulosa cuja solução está na cabeça do protagonista. Um homem cego pelo desejo, lúcido pelo sofrimento. Mas como saber se a história que contamos sobre nós mesmos é real ou imaginária?

[Compre agora e leia](#)



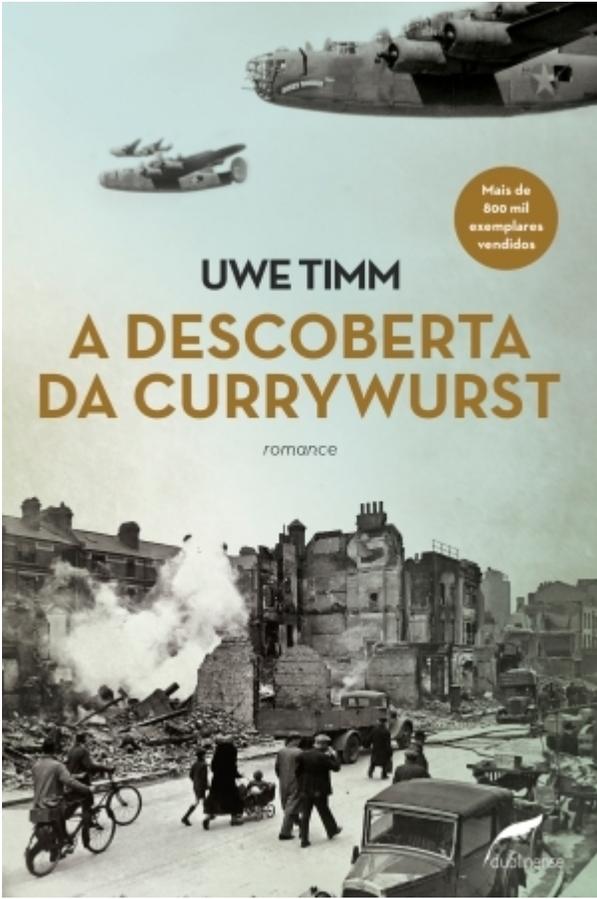
Fetiche

Luft, Carina
9788562757716
160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando jovens aspirantes a modelo começam a aparecer mortas e seus pés, arrancados dos corpos, desaparecem, não resta mais dúvida de que não se trata de um assassino comum. Entre trapaças e mentiras, a trama leva o leitor para um mistério cheio de suspense, envolto em segredos e conduzido por um louco fetiche.

[Compre agora e leia](#)



A descoberta da currywurst

Timm, Uwe
9788583180685
190 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em busca das origens da currrywurst, comida de rua típica alemã, o narrador de Uwe Timm nos leva a uma sequência de entrevistas com uma senhora que ele acredita ser a inventora. Mas, para chegar ao princípio da história, ela contará suas vivências durante a Segunda Guerra Mundial em um país à beira do colapso, retratando a escassez e as ausências da época, ao mesmo tempo em que relembra como seduziu e enganou um jovem soldado desertor.

[Compre agora e leia](#)

JEAN LAPLANCHE

SEXUAL

A SEXUALIDADE AMPLIADA NO SENTIDO FREUDIANO - 2000-2008

FOUNDATION JEAN
LAPLANCHE



Sexual

Laplanche, Jean

9788583180647

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este volume reúne textos de Jean Laplanche escritos de 2000 a 2006, que representam seu último avanço no que denominou a "revolução copernicana inacabada". Apresenta seu modelo para uma terceira tópica do psiquismo humano, aprofundamento de conceitos metapsicológicos e de temas polêmicos como a castração e o Édipo como esquemas narrativos e não como fantasias originárias; a questão do gênero, do sexo e do sexual e do apego, bem como interações com outras áreas do pensamento humano.

O que é o "Sexual ampliado"? Que consequências há para a psicanálise a existência de uma espécie de radicalidade do papel do outro humano na criação e constituição do psiquismo? Onde se instalam na alma humana as "mensagens enigmáticas sexuais" emitidas pelos adultos e qual seu destino? O que é o processo tradutivo? Como esse processo tradutivo cria espaços psíquicos? Qual o papel da linguagem, da cultura, dos mitos nessa construção tradutiva do psiquismo? Se castração e Édipo são esquemas narrativos, como redefinir gênero, sexo e o sexual?

Estas e muitas outras interrogações são objeto desta coletânea dos últimos textos produzidos por Jean Laplanche, seguindo seus Novos Fundamentos para a Psicanálise, baseados na Teoria da Sedução Generalizada. Com o rigor metodológico e a precisão conceitual que o caracterizaram, Laplanche nos oferece, dentre vários avanços constantes desta obra, seu modelo para uma terceira tópica do psiquismo, com a noção de dois espaços inconscientes adicionados a um espaço pseudoinconsciente onde a linguagem, através do mito e do símbolo, fornecem códigos para a tradução das mensagens enigmáticas sexuais, podendo ser um auxiliar ou um perturbador do processo tradutivo. Esta nova maneira de

pensar a alma humana abre uma possibilidade de integração com outros modelos psicanalíticos, bem como, com o de outras disciplinas, como a antropologia e a psiquiatria.

[Compre agora e leia](#)